

Oferta  
-0. NOV. 1998

ANO III N. 156

II  
MAIO  
1944

PREÇO AVULSO  
ESC. 1\$50

LEIA NESTE NÚMERO

# A última entrevista de Paiva Couceiro!

UM DEPOIMENTO QUE É UMA PÁGINA DA HISTÓRIA!



Em Fevereiro de 1936, Paiva Couceiro regressava à Pátria. Na fronteira de Tuz, o ilustre político, com sua filha D. Maria Paiva Couceiro, analisa o passaporte.

**VIDA  
MUNDIAL**

# ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

Canção do amanhecer

VIDAS pequenas. Almas que o vento fortifica. Corpos encharcados pela luta do pão de cada dia. Braços irrequietos de gatos destemidos. Pernas gesticuladas de sardinas da cidade... De humanas fâmulas mal impressas... De poemas sempre iguais... De juventude que trabalha!

Apagaram-se os últimos candeeiros das ruas. Ao longe, pelas colinas que sobre o Tejo preguiçoso se debruçam, ecoa o toque da alvorada. Ergue-se, obediente ao tempo, do seu leito de pobre, o operário, o militar, o homem que na fábrica ou no campo tem seu engenho. A sentinela vai render: passam as patrulhas. No cenário baço do amanhecer — estrêlas ainda no Céu, névens carregadas que vêm do Sul — impera a luz artificial dum café sem ninguém... A cidade então parece morta, vida apagada, canção que todos embalam...

...Mas o cantinho dos «jornais», vindos das vielas que sabem a lama e das «furnas» que o correr dos anos gerou, lá correm os sardinas... Na sacola — levam uma «bucha»... Boina sobre os cabelos desgrenhados... E nos lábios — um dito brejeiro, um assobio que os caracteriza.

São dezenas. Esfarrapados. Cingidos, por momentos, às paredes do prédio da «casa da vendas». Sempre prudentes — com o pão. Esquecidos sempre da saúde. Bons soldados dum ofício.

— Eh! pá Oh! «Rusos!» «Amanda-me» essa bola! «Tá» na hora! Eh! «gajadas!» Venha o jornal!

...No saltitar incerto, que os entretém, da bola feita de trapos velhos — que velhos jornais engordaram — baila uma mocidade, de todos os tempos, incompreendida... Bailam homens de amanhã que outros homens esqueceram... Que só o vento acarriha...

Saiões há pouco das máquinas, páginas frescas que a «actualidade» desenhou e a pena forte de seus obreiros coloriu — os jornais chegam. Montanhas e montanhas. Castelos de prosa que a cidade vai conuagar. São dramas e comédias. Horas sombrias. Alegres momentos. Teatro gigante. Fôlhas dobradas que o «ardina» apreagora...

— Olha ó «Séculos!» «Diário de Notícias!» «Séculos!» ó «Diários!» «Preço da cidade» — farrapo bonito da Canção do Amanhecer...

...E o dia começa. Chuvoso. Triste. Contraste impressionante duma noite estrelada. Surgem então os primeiros «eléctricos». Vêm cheios. Com frequeres que reclamam o periódico... Que mal o pagam — devoram os títulos. Auscultam o Mundo. Comentam a «bola»...

— Como vês, não me enganem... Sete a três...

— Oh! mãe! Que admiração! O «Benfics» tá lhes deu nove a um!...

— Ah! Ah! Ah! Deixa-me rir! Nove a um!... Ah! Ah! Ah! Nove a um!...

«Tás» doído, homem!

— Aposto! Aposto o que quiseres... Cinco escudos, por exemplo!

...E a moeda tintou. Dum porta-moedas, à rua, caíra... Logo, no empedrado da calçada — quatro joelhos esfaldados... Dois «sardinas» que se socorrerem... Jornais «sãos»... Botas «enlameadas»... Gente que se junta...

Finalmente: uma questão sem importância que duas moedas resolveram...

...Nos relógios, os ponteiros já se sobrepoem — é a hora do almoço. Urge ganhar tempo. Vencer o espaço. Fuir à barbúria, aos «clarons» imperitinentes, às correrias, aos encontros, ao pormento que atraz, à vida dos outros. Urge não distinguir a jóia rica e o fato de ganga. Descobrir o atalho. Aguardar, a outro, o sacrificio. E sorrir. E furtar ao movimento, a oportunidade duma perca — um valor que desaparecerá...

...Um valor que o «sardina», se o achar, nobremente restituirá! Sempre restituirá!

...Notícias. Apontamentos. Críticas. Ensaíos. História. Crónicas. Poesia. Reportagens. Numa palavra: Imprensa — obra de ontem, obra de hoje! Obra dos Homens! Documentário de gerações...

...Motivo feliz dum expressivo tipo das cidades: do vendedor de jornais.

— Olha ó «Notícias!» «Séculos!» «Populares!» E o «Diário de Lisboa!» «República!»... «Séculos!» ó «Notícias!»

E o preço ainda continua. Estende-se pela tarde. Verre a capital de lés-a-lés. Entra nas mansardas. Ouve-se no rio. Sob as torres. Precipita-se na terra cavada.

...E só morre — deixa de se ouvir, por horas — quando o «ardina» regressa a casa. Esfaldado. Cheio de fome. Sedento. Rouco. Mas alegre. Feliz. Contente com o seu pequeno ganho.

— Oh! mãe! Tome lá aqui 'tão as «rôas!» Mais cinco do que «ontem»!

...mais cinco do que «ontem»! Mais pão, pois, para essa casa. Mais um dia que se come! Mais um dia que passa... Igual aos que passaram. Igual aos que hão-de vir...

...«Sardinas» da cidade! Vidas pequenas! Almas que o vento fortifica! Corpos encharcados pela luta do pão de cada dia! Heróicos caminhantes do Dever! Estampas vivas do Trabalho!

QUEDES DE DION

FIOS CRUZADOS



Glória e decadência do mosteiro dos Jerónimos

COM as festas dos Centenários não lucrou só o povo que viu e admirou a mais bela e imponente comemoração a que Portugal assistiu nos últimos tempos. A cidade limpou-se, alindou-se, veio muita gente de fora para, com a sua presença, testemunhar o aprêço em que é tida a gente lusa — mas, depois, parece que tudo deveria cair no esquecimento, o camartelo do Portugal renascido, não tiveram tempo de pensar no passado. E só no tempo de D. Afonso VI e de D. Pedro II. se voltou a olhar para o que estava feito e ameaçava ser levado pelo tempo. Todavia, nem o próprio terremoto de 1755 conseguiu abalar uma construção fundamentalmente sólida. Em 1833, o convento foi secularizado e instalou-se lá a Casa-Pla. Em 1859, as obras continuaram — mas em 1873, desabou a torre central. De então para cá, pode dizer-se que nunca mais deixou de haver obras no Mosteiro dos Jerónimos — todavia, como nas de Santa Engrácia — parece que elas nunca mais terão fim. Ainda agora lá andam!...

pretencioso de senhor «vient de paraitre»... D. Manuel iniciou, pois, as obras, mas nem éle, nem D. João III, nem D. Sebastião ou D. Henrique se viram concluídas. Quando das lutas com a Espanha, os trabalhos paralisaram. Depois, com a Restauração, os governos todos entregues à consolidação política e militar do Portugal renascido, não tiveram tempo de pensar no passado. E só no tempo de D. Afonso VI e de D. Pedro II. se voltou a olhar para o que estava feito e ameaçava ser levado pelo tempo. Todavia, nem o próprio terremoto de 1755 conseguiu abalar uma construção fundamentalmente sólida. Em 1833, o convento foi secularizado e instalou-se lá a Casa-Pla. Em 1859, as obras continuaram — mas em 1873, desabou a torre central. De então para cá, pode dizer-se que nunca mais deixou de haver obras no Mosteiro dos Jerónimos — todavia, como nas de Santa Engrácia — parece que elas nunca mais terão fim. Ainda agora lá andam!...

UMA GRANDE REPORTAGEM EM POUCAS LINHAS Sabe para onde vai a estação do Estoril?

DAMOS hoje uma novidade aos nossos leitores — uma grande notícia em primeira mão que vai encher de júbilo quantos fazem a sua vida para os lados de Cascais: vão iniciar-se grandes obras na linha do Estoril — ou seja, propriamente, na nossa primeira estância de turismo. De facto, nesse magnífico oásis no meio da uma Europa esfacelada, vai surgir mais um motivo de progresso e de bom gosto. A linha, propriamente, com as suas balaustradas e renques de flores e de verdura, podia ser ainda mais aformoseada. Os vidros dos combóios e as carruagens podiam andar mais impecavelmente brilhantes — ainda assim, não se podem regatear louvores a quem tem feito da Costa do Sol um verdadeiro cartaz de Portugal.



Esta é a estação que vai desaparecer no Estoril.

Pois, não contentes com o que já está feito — outras grandes coisas vão surgir no Estoril, cuja estação, com serviço de passageiros e mercadorias, vai desaparecer, para que desafrente o Tamariz e o Casino. Realmente, não faz sentido que o Estoril surja entalpaço a quem chega, quasi sem vista de mar para os que passem no Parque e nas avenidas laterais. Para onde passa, então, a estação do Estoril? Segundo estudos feitos, e que vão entrar em realização, passará para o local ocupado por quatro pequenos prédios, situados em frente da Estação dos Correios e nos quais estão instalados a filial do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, um cabeleireiro e uma garagem — prédios estes que serão demolidos.



Aqui ficará uma nova e elegante estação.

A mais útil e bela consequência desta transferência será, porém, a construção, no local da estação condenada a desaparecer, de dois túneis subterrâneos a ligar a estrada, fronteira ao Parque do Estoril. A partir de então, quem quiser ir ao Tamariz, já não correrá o perigo de ser colhido pelo combóio, sempre a olhar à esquerda e à direita, não vá ficar esmagado. Por outro lado — atenção, srs. estetas intransigentes! — o tráfico de mercadorias, feito até agora pela estação do Estoril, vai passar a realizar-se pela estação de S. João, que, por esse motivo, será ampliada e apetrechada convenientemente. Como os leitores vêem, trata-se de uma autêntica revolução de bom gosto. Uma revolução ferroviária que aqui denunciarmos aos amigos e familiares do Estoril.



Na estação de S. João do Estoril é que se fará o tráfego de mercadorias.

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

A CABO de ler o último número de «Vida Mundial Ilustrada» e vejo que à Administração Geral dos Correios e Telégrafos não passou despercebido o meu reparo, contido na minha carta em que falava do mau serviço na secção da rua Maria Andrade. Devo, porém, informar que o facto a que me referi foi anterior a qualquer possível modificação introduzida ali. Não há dúvida que ali há agora mais ordem e menos conversa — não tiveram que tomar medidas para tal? — mas a verdade é que os serviços continuam muito mal instalados e deficientes, portanto. Num cubículo que não terá mais de dois metros e meio de comprimento, por metro e meio de largo — chegam a juntar-se às 20 pessoas, num ambiente escuro, de mau cheiro e de calor, porque a parte reservada ao público nem sequer tem janela! Acho muito bem que a Administração pense e realize confortáveis edifícios por esse país fora, onde em geral as repartições dos Correios estão mal instaladas. Mas não seria possível que as instalações na Capital correspondessem à sua função?

M. S. A.

Duas razões me levaram a escrever esta carta, na minha qualidade de dona de casa e chefe de família. Primeiro, para perguntar se o pessoal que fiscaliza os preços e trabalha para impedir açambarcamentos e especulações não poderia dar umas voltas também pelos lugares de hortaliça onde estão a praticar-se actos

de verdadeira especulação. Ainda hoje fui a um desses lugares e me pediram 8\$20 por um pequeno molho de grãos. Não será pedir demais, numa altura em que ninguém tem o direito de pedir mais do que o justo valor das coisas?

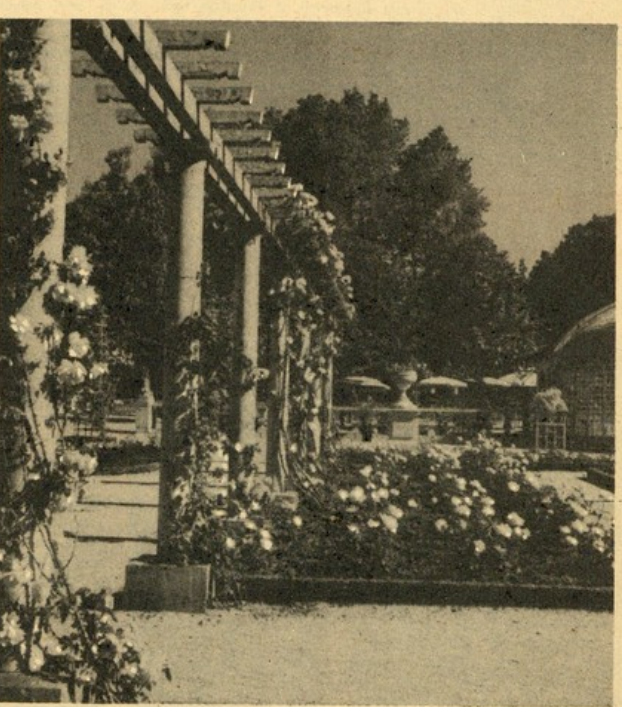
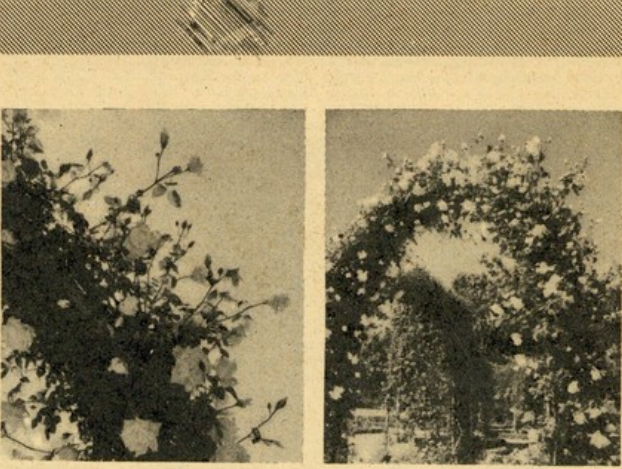
O outro motivo porque reclamo é este: frequentemente, entro em pastelarias e mercearias finas e noto que — não obstante já quasi não haver doce — os produtos à venda se encontram expostos à venda sobre o balcão, sem um pano ou uma rede que os proteja das poeiras, das mãos de quem se aproxima, da respiração e dos «perdigotos» que deitam quando falam, das mósas, enfim, tão nocivos elementos propagadores de doenças. Hoje, mais do que nunca, a saúde pública é uma coisa preciosa que reclama os cuidados dos particulares e das entidades oficiais. Uma vez que o público não tem conhecimentos bastantes para saber como há-de proceder — então porque não se ensinam os comerciantes a proceder como devem?

MARIA CLARA ASSIS — Avenida Pedro Álvares Cabral, 25.

Moro na rua Ilha do Principe, num local em que não há prédios fronteiros ao meu. Pois a garotada resolveu fazer da minha rua campo de futebol, indo à tarde pôr em risco as vidraças dos moradores da rua, interrompendo o trânsito e correndo o perigo de ser atropelada. Ora, tudo isto, creio eu, é devido a uma coisa apenas: à falta de policiamento de um bairro tão populoso como é este, o Bairro das Colónias. Sem dúvida que há sempre um polícia por aqui. Mas o Bairro é realmente tão grande que um polícia não chega para o fiscalizar. No meu entender, não deveria ser difícil à Câmara providenciar, no sentido de aumentar o pessoal fiscalizador.

JERÓNIMO DIAS — Rua Ilha do Principe.

Roseiral de Lisboa



O Roseiral de Lisboa vem a baixo com flores! Lisboa que gostas de flores, que passeias aos domingos, pelas tardes rápidas ou pela manhazinha, não deixes, de visitar no Jardim Zoológico, de ir ver o Roseiral de Lisboa, uma pequena maravilha da nossa terra, uma delicada gentileza para os nossos olhos cansados de ler telegramas da guerra e crimes, fatigados de poisar pelos prédios horripéis desta cidade que teima, contra a vontade dos homens, em ser linda e ser alegre. As rosas são ali de todas as cores e representam belas evocações, cenários de amor, sonhos de luar e de águas murmurantes...

(Fotos Serodio)

# DO MUNDO

## De surpresa em surpresa

**E**m todas as guerras tem havido certas individualidades semi-misteriosas, nimbadas de lenda, que nunca se sabe ao certo onde estão nem o que fazem, que aparecem ora aqui para logo se assinarem acolá a sua presença. Os meios técnicos da actualidade tornam essas missões mais possíveis, mais frequentes e, em compensação, menos enigmáticos. O tom de mistério dilui-se, mas intensifica-se o grau de eficácia e facilidade. Um dia, falando perante os Comuns, o sr. Churchill deu conta de que seu filho, o major Randolph Churchill, tinha sido despedido em pára-quadras na Iugoslávia, em missão especial junto de Tito, de quem se fizera amigo e companheiro — porque nada há como a incerteza, a ansiedade e as inquietações vividas em comum para forjar uma boa e sólida amizade. Três meses depois, Churchill filho era dado como a inspecionar os territórios polacos reconquistados aos alemães. Juntamente com Randolph Churchill fora também enviado em missão à Iugoslávia o brigadeiro Fitzroy MacLean, jovem oficial escocês, que para isso teve de desaparecer das reuniões dos Comuns, onde tinha assento de deputado. Ao mesmo tempo que se dá o major Randolph como estando na Polónia, dá-se também notícia de ter regressado a Londres o brigadeiro MacLean, acompanhado de dois classificados representantes da organização de Tito, para conferenciar com o Estado-Maior britânico. Como se vê, a era das conferências não passou. Pelo contrário, avoluma-se num grau que dá conta da importância dos assuntos que há para resolver — em princípios gerais ou já em acordos de pormenor. Assim, em Londres temos: a longa permanência do sr. Stettinius, sub-secretário de Estado americano — isto quer dizer, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros; o pomposo elenco dos Primeiros Ministros dos Domínios, srs. Smuts, Mackenzie King, Fraser e Curtin, para a conferência imperial britânica; as entrevistas do general Koenig, chefe da missão militar francesa, com o generalissimo Eisenhower; isto sem falar das missões secretas, dos contactos permanentes pela via diplomática normal, das viagens em que não se fala, das deslocações repetidas, entre Londres e o Cairo, dos ministros dos governos exilados iugoslavo e grego e dos príncipes Pedro e Jorge da Grécia, ambos a discutir os graves problemas de natureza interna, que fazem já parte do preparo para o que há-de vir depois de concluída a guerra.

Na verdade, hoje como ontem, nesta guerra como nas outras guerras, agora como em tempo de paz, a região balcânica continua a ser um verdadeiro quebra-cabeças até mesmo para os mais inspirados decifreadores do «puzzle» europeu. O «puzzle» mantém-se e complica-se — o que não admira, pela possibilidade iminente e evidente de se criar, a qualquer momento para outro, um campo de batalha em grande escala, aliás, admitido pelo comando da Wehrmacht, que, segundo cálculos de um comentador britânico, fundamentado nos números citados de fonte alemã, mantém naquele eventual teatro de operações uma força de 25 divisões. Este número é citado a par de 55 divisões para a França e Países Baixos; 25 na Itália; 5 na Dinamarca; 7 na Finlândia; 10 na Noruega e 200 na Rússia, devendo contar-se ainda com qualquer coisa como 20 divisões no próprio Reich e umas 6 a 8 na Hungria.

Esta dispersão de forças alemãs contradiz, na opinião de alguns comentadores, o valor eventual das operações de diversão. Assim como o desembarque em Anzio e Nettuno não foi bastante para aliviar a principal frente italiana, de mar a mar, com o fulcro em Cassino, entendem que também se pode dizer que o desembarque nos Balcans ou no sul da França pode não ser bastante para amolecer as defesas do oeste-noroeste europeu. Cada zona tem, é certo, as suas forças próprias, a sua própria organização defensiva, as suas fortificações e a sua guarnição. Mas o comando aliado dispõe também de exércitos baseados em diferentes pontos tangentes da periferia continental, de um lado e de outro da Europa, no Atlântico e no Mediterrâneo, até com comandos autónomos, mas naturalmente de decisões e movimentos sincronizáveis. Qualquer que venha a ser o seu desfecho, a instação, quando se der, há-de ser coisa intrinsecamente nova: a maior operação da história, como se lhe tem chamado. Havia de andar o mundo inteiro, meses e meses, à espera desse acontecimento gigantesco para ele se operar à luz de experiências tentadas e resolvidas à vista de todos? Não é de crer. De crer é que se passe alguma coisa com que se não tivesse contado, de maneira que não tivesse sido prevista, em moldes que não coincidam com o que todos tivessem podido esperar, prever e supor. Tem de haver uma surpresa. E a surpresa maior de todas será, precisamente, paradoxalmente, se não houver surpresa nenhuma...

J. R. S.

## ALEMANHA

### O sr. Messerschmitt, "Messerschmitt" por vocação

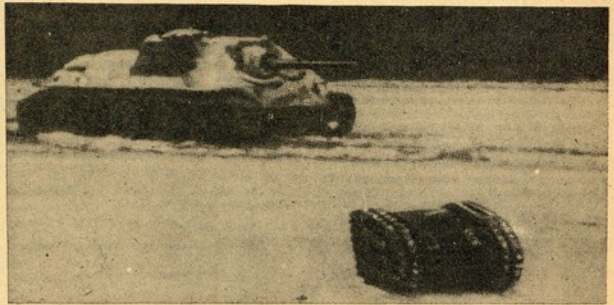
O nome dos «Messerschmitt» é hoje tão popular em todo o mundo, como os «Mosquitos» ou os «Hallifaxes». A Alemanha dispõe de grandes fábricas dirigidas por este jovem engenheiro e construtor que, aos dezasseis anos, já fazia pequenos aviões. Hoje, com 46 anos, Messerschmitt — há 16 anos que é construtor independente — é uma força dentro da Alemanha, estudando sempre as evoluções técnicas, para que os motores acompanhem o progresso do inimigo. No fundo, este homem prodigioso de engenheiro, deve os seus êxitos ao facto de ser um amador do «sport». Todo o seu gosto foi sempre vencer rapidamente distâncias — e alcançar vitórias no campo desportivo. Hoje, é o fornecedor n.º 1 do exército, ocupado, como revelou a um jornalista suíço, em apresentar um novo modelo do «Messerschmitt».

É — é curioso — Messerschmitt confessa nessa entrevista: — Se eu não estivesse a medir-me com as Nações Unidas, no campo de batalha — havia de me medir com elas no campo desportivo.

Ele acha, de resto, que o avião não suplantará a navegação marítima, dizendo simplesmente que cada um tem o seu lugar.



## FILHO ÉS, PAI SERÁS



**S**EGUNDO os alemães, esta fotografia mostra um minúsculo tanque, controlado pela rádio e carregado de explosivos, a dirigir-se para um tanque pesado soviético.

## AMÉRICA

### Willkie vai para a "bicha"



O sr. Willkie que também resolveu abandonar a «bicha» para a Presidência, após uma derrota eleitoral em Wisconsin, disse aos jornalistas ao regressar a Nova York que voltaria a advogar e já dissolvera o seu «estado-maior» político.

O sr. Wendell Willkie, que, em 1942, fez a volta ao mundo em avião em 49 dias, para visitar o Egipto, a Sria, a Palestina, o Iraque, a Pérsia, a Rússia e a China, anda agora muito mais devagar. Aqui o vemos a candidatar-se a um lugar no vagão-restaurante do expresso transcontinental americano. Encontra-se em n.º 3 na «bicha».

## CHINA

### Sinkiang uma região desconhecida

UM dos últimos números de «Algéria» traz um curioso artigo de Joan Davis sobre Sinkiang, uma região desconhecida, uma espécie de fechadura que abre as portas à U. R. S. S., à China e à Índia, para lá, na Grande Ásia, e que acaba de ser restituída pela Rússia ao governo de Chang-Kai-Chek.

Muito poucas foram as expedições que se aventuraram pelas terras de Sinkiang, para os lados desertos de Taklamakan. Todavia, nem tudo são sombras nessas terras de mistério: há também belas clareiras onde vicejam verdes e altos ciprestes, mais para o sul, na linha das montanhas.

A pouca sorte de Sinkiang está na sua posição geográfica, porque sentada à beira da estrada que põe em contacto com a China, a Ásia Central e a Europa, o que equivale a dizer — o caminho de todos os conquistadores. Dois mil anos de invasões e contra-invasões tinham de deixar af um amálgama de raças, de costumes — e de dispersão das verdadeiras características do povo.

A população de Sinkiang é de 3.700.000 habitantes e compreende mais de dez raças diferentes: turcos, mongóis, tártaros — gente que fugiu aos czares — e gente que fugiu aos comunistas — chineses, japoneses e manchus, ricos e pobres, gente nobre e plebeia que se atropela e cruza livremente, com excepção dos uzbeques e dos tártaros. Ainda lá vivem restos do exército russo-branco, comandados por Dutov e Annenkov, hoje excelentes camponeses e operá-

rios, que, como os restantes povos, se habituaram a falar chinês, pois são chineses os homens que governam Sinkiang.

Toda a região mantém o ar de país cruzado por muitos povos — desde os templos aos cemitérios, desde as pinturas murais esquecidas por muçulmanos intolerantes. De facto, os árabes também por lá existem e se rebelam. Ainda em 1936 apareceu um árabe de 26 anos que se chamava Tungan Napoleão Ma Chung-Ying que, com os seus homens a cavalo devastou campos e destruiu aldeias, matando homens — principalmente chineses. Este Napoleão em miniatura foi preso em 1937 e vendido o seu exército pelos russos e chineses...

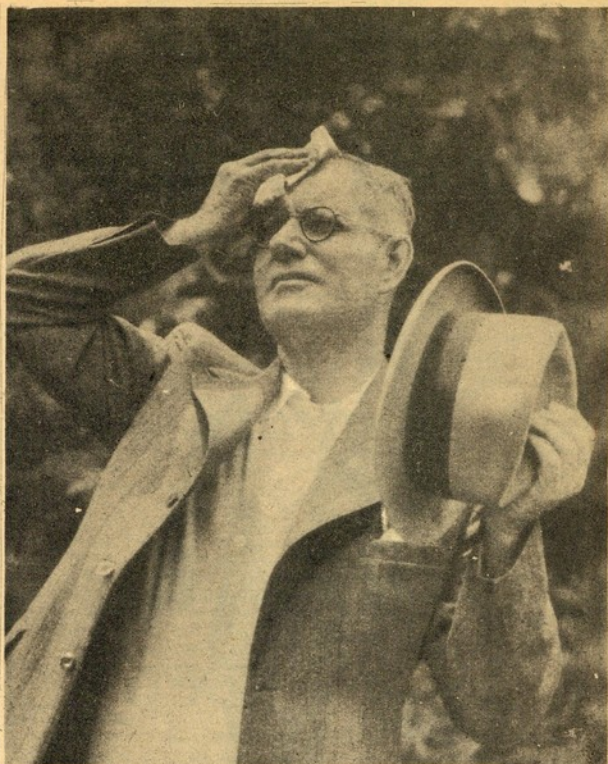
Foi então que, em reconhecimento, o governador de Shene resolveu admitir soldados russos a guarnecer a fronteira — mas vestidos de chineses. Construiu-se, depois, uma linha de aeródromos ao longo da fronteira russo-chinesa. E, em 1942, a U. R. S. S., estava em condições de combater os alemães e Sheng entrou em contacto com Ching King.

Em Agosto de 1942, a senhora Chang-Kai-Chek remeteu-se misteriosamente para Sinkiang. Em Janeiro seguinte, uma guarnição chinesa seguiu para Thlwa e a Rússia retirou todos os seus militares. Uma vez mais, como nas dinastias de Han e de Tang — Sinkiang foi submetida ao governo central da China...

E assim termina — se a guerra o quiser — a história de um pequeno país dentro de um grande país, tão ignorado como infelizmente.



Mackenzie King



John Curtin

## INGLATERRA

# QUATRO HOMENS POR UM IMPÉRIO

**E**IS os homens que se encontram reunidos em Londres para tomar parte na Conferência Imperial que deve decidir dos destinos da Comunidade das nações Britânicas. Esses homens, que ocupam nos quatro Domínios espalhados pelo mundo, as funções de chefes do governo, ou para adoptar a nomenclatura local, de Primeiros ministros, assistirão às reuniões históricas do gabinete de guerra. Serão dos primeiros e dos poucos a saber quando será aberta a segunda frente. Os seus nomes figurarão na história desta guerra, ao lado dos mais categorizados homens de Estado e generais de todos os países que intervieram no conflito. Há por isso certo interesse em os conhecer. São eles:

### JAN CHRISTIAAN SMUTS

É marechal do exército britânico, mas prefere que lhe chamem general. Tem agora setenta e quatro anos. Filósofo e cientista de nomeada, a política absorveu sempre as melhores atenções do seu espírito. Adquiriu, no decurso duma carreira longa e esmaltada de episódios sensacionais, uma experiência de assuntos militares rara no nosso tempo. Por isso o seu conselho é sempre escutado quando se trata de desencaixar uma batalha ou de fazer terminar um combate mal iniciado.

Fêz, há quarenta anos, a guerra aos ingleses e tornou-se, depois, um dos mais úteis e hábeis construtores do Império britânico. Quando este se transformou na Comunidade das nações britânicas, foi o marechal Smuts que encontrou a designação indispensável à sua unidade e à sua sobrevivência. Fêz parte do Gabinete de Guerra durante a última conflagração. Em outubro de 1942 escolheram-no para anunciar oficialmente, em nome das Nações Unidas, que estas iam passar à ofensiva. A sua presença em Londres é sempre um sinal certo de que estão para se produzir acontecimentos sensacionais.

### MACKENZIE KING

Tem setenta anos. É um solteiro impenitente e de hábitos simples. A política é a sua grande paixão. Neto dum radical, William Lyon Mackenzie, as suas recordações de família explicam, em boa parte, a sua fidelidade aos princípios do partido liberal canadense de que é chefe. Especializou-se em ciências económicas e políticas nas universidades norte-americanas. Dedicou-se aos problemas do trabalho e iniciou a sua carreira como deputado, em 1908. Tinha então trinta e quatro anos. Foi mi-

nistro do trabalho e «leader» do seu partido na oposição. Escolhido para chefe do governo, em 1921, ocupou estas funções durante nove anos, e depois desde 1935 até agora. Tem, portanto, dezoto anos de exercício daquele alto cargo.

É um inimigo irreconciliável da guerra e do imperialismo. Quando se trata de assegurar a continuidade do Império britânico, a sua opinião é das que mais pesam nas decisões a tomar.

### JOHN CURTIN

Ocupa o lugar de Primeiro ministro da Austrália desde 1941. Era o momento em que a Invasão japonesa se aguardava como uma fatalidade inelutável. John Curtin, que fizera toda a sua carreira na oposição, revelou-se um administrador à altura das circunstâncias. O general MacArthur encontrou nele um colaborador insubstituível. Representara antes a Austrália, em Genebra, na Repartição Internacional do Trabalho. O seu feitio pessoal é pouco comu-

nicativo e os seus achaques frequentes têm constituído o principal obstáculo à realização integral da sua tarefa. O Primeiro ministro Curtin é, geralmente, apontado como um censor da Comunidade britânica. Mas os seus actos oficiais foram sempre orientados no sentido de a reforçar, correspondendo assim aos sentimentos profundos do povo australiano.

### PETER FRAZER

O primeiro Ministro da Nova Zelândia é um escocês de sessenta anos. Emigrou para a Nova Zelândia em 1910 e ali se fez operário e trabalhador nas docas. Organizou o partido trabalhista local de que se tornou rapidamente uma das personalidades mais representativas. De 1918 a 1935 dirigiu o seu partido na oposição. Em abril de 1940 sucedeu ao seu colega Savage na chefia do governo neo-zelandês. É um partidário caloroso da unidade imperial e um dos seus melhores advogados na Conferência de Londres.



Smuts

## FRANÇA Uma mulher oficial do exército francês



**C**HAMA-SE Jacqueline Massais e é a única francesa que tem galões de oficial — é alferes — e presta serviço na R. A. F. Aqui a vemos a interrogar um tripulante da esquadilha «Lorraine» que tomou parte num «raid» e presta agora declarações à sua superiora. Como se sabe, a esquadilha «Lorraine» toma parte nos ataques à «Fortaleza Europeia», e ultimamente, tem concentrado os «raids» sobre as «zonas dos foguetões», no litoral da França. Os «Boston», grandes bombardeiros ao serviço da França, quasi todos os dias atravessam a Mancha — e do bom e do bonito que lá fazem, dão conta os lindos olhos da senhora alferes.



Peter Fraser



DR. JOSÉ ALBERTO

**S**OMOS daqueles que não têm pelo «lente» qualquer admiração especial. Se o «lente» guarda qualidades de espírito ou de bondade que o tornam susceptível de ser admirado, admiramos o «lente». Mas admirar o «lente» só porque é «lente», nunca o fizemos, nem faremos.

Escrevemos estas palavras necessárias e imparciais sob o portrait-charge dum lente: o Dr. José Alberto dos Reis. Capêlo vermelho que quasi encobre por completo a figura resumida do homem, catedrático de leis para quem o Processo Civil não tem segredos — a Política foi, um dia, buscá-lo à sua Cátedra de Coimbra para o colocar na presidência da Assembléa Nacional. Dizem-nos que a sua missão, tão alta e tão delicada, tem sido útil aos interesses do País. E porque queremos crer que assim seja, a «Calçada da Glória» lhe dá hoje a mão para o conduzir à Imortalidade...

Velhos amigos, discípulos e admiradores de Sua Ex.<sup>a</sup>, não fazemos favor algum — desejando-lhe boa viagem!

À maneira de Afonso Lopes Vieira

Primeiros botes ligeiros  
Os del-rei de Portugal.  
Erguendo velas donzelas  
Noivas do mar sensual!

Botes primeiros, novinhos  
Os del-rei de Portugal.  
Erguem-se velas em asas  
Por todo o mar virginal.

Botes ligeiros, primeiros,  
Os del-rei de Portugal.  
Nuvens de sonho pousadas  
Sobre o mar — um roseiral.

Ligeiros botes, novinhos,  
Que me inspirais este mote:  
Desde qu'el-rei vos criou  
Portugal vai no bote...

VENEZA

**I**S jornais davam, há dias, em estilo telegráfico esta notícia emanada do Quartel General Aliado na Itália: «Veneza foi ontem bombardeada pela primeira vez». Só quem alguma vez pôde contemplar a bela cidade dos Doges ou quem, embora não a tendo contemplado, a reconstituiu pedra a pedra, símbolo a símbolo, na sua imaginação de poeta, sentirá verdadeiramente o que há de trágico e de doloroso naquela simples notícia telegráfica: Veneza bombardeada! É certo que Roma, Nápoles, Turim, Milão, Génova, e tantas outras cidades da Itália — para me referir, neste momento, apenas à Itália — sofreram já mais do que uma vez durante a actual guerra, o inferno das devastações. O bombardeamento de Veneza surge, porém, aos nossos olhos inquietos, como a dramática expressão da crueza da guerra e — porque não dizê-lo? — da maldade dos homens. Enquanto Milão e Turim são, caracteristicamente, cidades industriais; enquanto Nápoles e Genova são, essencialmente, cidades comerciais — Veneza é, logicamente, a cidade da Arte e do Amor. Se São Remo constitue para os turistas uma vilegiatura; se Assis constitui para os crentes um santuário — Veneza constitui para os amorosos um jardim de Cíthera. Diz-se que em Paris se ri; em Brouges se chora; em Viena se canta. Pois bem. Em Veneza — sonha-se. As figuras eternas de Pierrette e de Pierrot, de Colombina e de Arlequin, imagens da nossa própria fantasia, unem-se ali, sonhando na volúpia dum beijo, sob a grande noite de prata. É esse sonho romanescos, é esse beijo feliz, que a guerra veio interromper, com a sua sinistra sombra de dor e de tragédia. Lembro-me, vagamente, de ter lido, em tempos, a descrição dum funeral na cidade dos Doges. Recordo-me que havia uma gôndola fúnebre, coberta de crepes, esperando em frente dum velho palácio, e um luar argenteo, mas gelado, suspenso sobre as águas pesadas do canal. É num cenário assim que eu vejo, neste momento, a Veneza doirada dos artistas, dos amorosos e dos poetas, chorando sobre algumas corças de lírios...



Pobre Veneza!

UM ROMANCE



Jorge e Maria encontraram-se no Estoril. Trocaram um sorriso; depois uma confiança. O «flirt» transformou-se em namôro. Amaram-se. Tinham-se encontrado dois corações, que palpitavam no mesmo anseio. Podiam ambos ter sido felizes; mas o Diabo surgiu-lhes — e casaram...

nas, ao mesmo tempo graves e cintilantes, nervosas e reflexivas, em que Mário Gonçalves Viana, com a sua larga cultura e uma elegante forma literária, estuda um dos mais complexos problemas do universo; e «Marca do Diabo», um novo volume de Edgar Marques, romance vivo e forte em que se sente, mais ainda do que a marca do Diabo, a marca acreditada de quem o escreveu.

INVEROSIMEIS!

ESTANTE GIRATÓRIA



A «Calçada da Glória» regista e agradece, com a devida vénia, os seguintes livros que lhe foram enviados: «Fonte distante», versos de Oliva Guerra em que, mais uma vez, se surpreendem a sensibilidade e a arte duma verdadeira poetisa; edição das «Canções» de António Bôto, discutido poeta cuja fama aumenta na razão directa dos seus detractores; «A Psicologia do Amor», perto de quatrocentas pági-



Como não ignoram, o marechal Badóglgio reconstituiu o seu governo com representantes de todos os partidos italianos. Entre outros ministros figura Quinto Quinteri — grande capitalista e banqueiro — que sobraça a pasta das Finanças. Pois sabem quem este ministro tem a auxiliá-lo como sub-secretário de Estado? Nada mais, nada menos que António Pesenti — um dos chefes do comunismo italiano! Nada há, afinal, no mundo de mais verosímil do que o inverosímil...

# Espertezas...

**N**ÃO garantimos que a notícia seja verdadeira ou não, mas é tão verosímil, tão engenhosa que não resistimos à tentação de a transcrever de um jornal francês.

O senhor William é um imigrado, há muito tempo estabelecido no Panamá, numa região bastante longe de qualquer cidade. O senhor William, além de imigrado, gosta imenso de fruta, o que é louvável. Mas gostaria ainda muito mais de adquirir fruta sem a pagar. Fruta e tudo o que mais calhasse...

O senhor William pensou, meditou longamente. Como conseguir que os indígenas lhe dessem fruta, hortaliça e outras prendas? Ao fim do segundo dia de reflexões, atinou com uma grande descoberta. Partiu para a cidade, comprou duas dúzias de velhos relógios, daqueles a que se dá corda com uma chave e vendeu-os por entre os indígenas. Vendeu apenas os relógios, naturalmente. As chaves guardou-as ele — porque afé que estava a chave do negócio. E disse aos indígenas que tódas as manhãs daria corda aos relógios se eles lhes levassem alguns frutos.

Hoje assiste-se a este facto curio-

# PROCURA-SE UM RELÓGIO...

A Sociedade dos Estudos Históricos da Turquia procura por todo o mundo o relógio que Mustafá Kemal trazia durante os combates nos Dardanelos, durante a outra Grande Guerra.

Mustafá Kemal não foi ferido durante um desses combates, graças ao relógio que trazia na algebeira da túnica, que desviou uma bala que lhe era dirigida. Este relógio, oferecido por ele ao general alemão Von Sanders, foi perdido.

A referida sociedade dá uma grande recompensa em dinheiro a quem o encontrar ou apresentar.

so: de manhãzinha, a varanda do senhor William enche-se de indígenas que com um cesto de fruta numa das mãos e o velho relógio na outra, esperam que o «sábio feiticeiro» apareça para pôr a «máquina do tempo» a funcionar. E logo que ouvem o «tic-tac» do relógio despejam o cabaz e partem contentes, exclamando:

— Até amanhã, senhor William...

Sinceramente: não é um esplêndido negócio?

# COCKTAIL

## Sabem quem foi MARINETTI?

Filipe Tomaso Marinetti nasceu em Alexandria, aos 22 de Dezembro de 1876.

A sua infância foi muito agitada. Do pai, um piemontês, Marinetti herdou a teimosia e a pertinácia. Da mãe, milanese, poesia e ternura.

Bem cedo entrou para o Colégio de Jesuítas. Foi um mau aluno, sempre desatento, incapaz de se conformar com a disciplina rígida a que o obrigavam. E Marinetti mesmo que diz: «No Colégio de Jesuítas apenas aprendi a jogar «foot-ball». Um dia ousou aparecer na classe com um livro de Zola. Isto, naturalmente, teve como consequência a sua expulsão do Colégio.

O pai e a mãe afligiram-se pelas idéias do seu filho. Mas que fazer? E quando ele completou os dezasete anos, mandaram-no para Paris.

Pode dizer-se que Marinetti necessitava de um meio aberto para poder respirar. Os seus primeiros artigos começam a aparecer. No exame de filosofia, éle, o garoto cábula, o problema dos pais e dos mestres, brilha como nenhum outro aluno.

Voltou a Itália, estudou em Milão e em Génova, regressa de novo a Paris. Os seus artigos tornam-se conhecidos e disputados.

Na Itália, faz-se paladino da campanha francesa do simbolismo e do decadentismo, por meio de conferências onde fala de Baudelaire, de Mallarmé, de Verlaine e de outros.

Aqui começou a sua verdadeira vida de agitador. Dirige-se às classes universitárias e a todos os homens do mundo, moços e velhos, pregando a rebelião dos espíritos pela tese do futurismo. Fala em tóda a parte: em casa, na rua, em palcos.

Chovem protestos de reacção contra a sua idéa. Uma vez, durante uma conferência, assobiam-no. Um espectador, furioso, atira-lhe uma laranja. E Marinetti tira da algebeira um canivete, apanha a laranja, descaca-a e come-a com a maior calma.

Prêso dezenas de vezes, corre o mundo, vai à América do Norte, ao Brasil, ganhando cada vez mais adeptos e contraditores. Escreveu vários livros em francês e italiano, como o «Futurismo, teoria e acção», «Teatro futurista», «Democracia futurista», «Um ventre de mulher», romance cirúrgico, etc.

Marinetti combateu na guerra da Etiópia e compôs versos e escreveu artigos de endeusamento ao fascismo, o que lhe valeu azêdas campanhas no mundo inteiro. Pertenceu à Academia de Letras e, hoje, pode dizer-se que o seu futurismo está virtualmente esquecido. Tal foi, em traços gerais, a biografia deste homem estranho a que uns chamaram *maluco* e outros *gênio*...

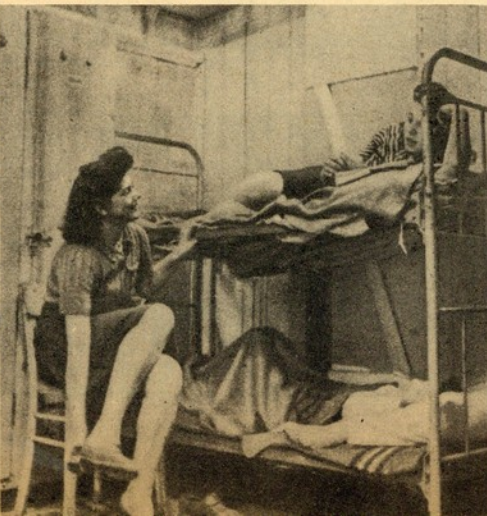


## O barco sem homens...

**U**M grupo de raparigas alemãs descobriu a felicidade. E não pensam que é coisa muito complicada e difícil de obter. Alugaram um barco e instalaram-se dentro dele como se fôsse uma casa — uma bela e deliciosa casa flutuante.

Mas onde está a felicidade? Apenas nisto: uma absoluta e rigorosa proibição de entrada a qualquer homem, seja novo ou velho. As raparigas querem viver livremente, e, segundo declararam, «um homem viria estragar tudo».

Porquê, não nos dizem?...



## Um ressuscitado...

**A** polícia de Luniw (Índia Inglesa) ocupa-se presentemente de um caso bastante complicado.

Há aproximadamente dois anos, o filho de um jardineiro tinha adormecido quando uma serpente o mordeu debaixo do olho esquerdo.

O médico deu a criança como morta e segundo os ritos da religião dos seus pais, foi lançada ao Ganges.

Três meses mais tarde, o rapazinho foi reconhecido entre um grupo de encantadores de serpentes, e o pai, prevenido imediatamente, partiu à procura do filho através do país. Seguiu, assim, os passos de centos de encantadores de serpentes e, por fim, encontrou-o há poucos dias, num campo de encantadores. O filho reconheceu o pai, mas o encantador recusou-se a entregá-lo, sob o pretexto de que tinha sido éle quem o ressuscitou e que, por isso, lhe pertencia.

Foi chamada a polícia, o homem foi prêso e na bagagem foi-lhe encontrada uma inverosímil quantidade de medicamentos misteriosos.

Não se sabe como a justiça resolveu o caso, reconhecendo a paternidade do rapaz. O que não resta dúvida é que não será fácil de solucionar...

# A Roménia através dos tempos

**E**NCRAVADA entre a Hungria, Iugoslávia, Bulgária e Rússia Soviética, e praticamente ocupada pelos exércitos alemães, a Roménia encontra-se presente numa situação que não deixa prever um futuro brilhante.

Arrastada para a guerra pelas circunstâncias e pela sua posição geográfica, o pequeno reino latino do leste da Europa está agora directamente ameaçado pelo avanço soviético. Bucareste foi abandonada pela população civil; o governo e o corpo diplomático verificaram, igualmente, a necessidade de evacuar a capital; os poços de petróleo de Ploesti estão em chamas e a Wehrmacht vê-se e deseja-se para defender o território já invadido.

A Roménia, pode-se dizê-lo, com absoluta justificação, tem tido um destino paradoxal. No curto espaço de um século, engrandeceu-se à custa da guerra e, hoje, vê as suas

fronteiras reduzidas pela mesma arma que lhe deu o prestígio e o alargamento territorial que tanto ambicionava. É bem verdade que «quem com ferro mata, com ferro morre»...

O reino da Roménia começou a existir como Estado semi-independente em 1859, data em que os principados da Moldávia e Valáquia, até então parte integrante do Império otomano, ao qual deviam soberania, se reuniram sob a mesma coroa monárquica.

Anos depois, em 1878, quando terminou a guerra russo-turca, o novo Estado adquiriu completa autonomia e chamou a si a posse da região de Dobruja, situada ao sul do estuário do Danúbio, e, em 1881, as grandes potências resolveram conceder à reunião dos dois principados o estatuto de reino europeu, que reconheceram oficialmente.

Estas fronteiras foram mantidas, sem qualquer alteração, até 1913, ano em que terminou a segunda guerra balcânica, a qual granjeou à Roménia uma pequena faixa de terreno, cedida pela Bulgária.

Durante a guerra de 1914-1918, a Roménia conheceu, pela primeira vez, as inconveniências da ocupação alemã; mas, como foi considerada beligerante ao lado das nações vencedoras, pôde apresentar à mesa da Conferência da Paz reivindicações territoriais que lhe foram concedidas.

Conseguiu, deste modo, duplicar o seu tamanho inicial, à custa da Hungria, que lhe entregou a maior parte da Transilvânia, e da Rússia, à qual absorveu a Bessarábia e o norte da Bucovina.

A Roménia estava no auge do seu domínio territorial, mas o aumento de espaço não trouxe felicidade à existência política da nação romena, porque, embora as fronteiras tivessem permanecido intactas até ao desencadeamento das hostilidades em 1939, as anexações provocaram constantes atritos tanto com a Hungria como com a U. R. S. S., que, no momento propício, se aproveitaram das circunstâncias para reaver tudo aquilo de que tinham sido despojadas.

Assim, a Rússia, em Junho de 1940, enviou ao governo romeno um ultimatum em que exigia a restituição do norte da Bucovina e da Bessarábia. Aproveitando a ocasião e o precedente aberto pelos soviéticos, a Bulgária reivindicou, em Agosto do mesmo ano, a entrega da parte sul da província de Dobruja e a anulação do tratado de 1913.

Ainda no mesmo mês e em consequência dos factos atrás referidos, a Roménia viu-se obrigada, sob a pressão das

potências do Eixo, nessa ocasião em pleno apogeu de poderio, a ceder à Hungria aproximadamente três terços da Transilvânia. A área da Roménia ficou, portanto, em poucos meses, reduzida a uns escassos milhares de quilómetros quadrados.

O futuro da Transilvânia continua a ser duvidoso, porém a Rússia já declarou que a Checoslováquia deveria reaparecer como Estado independente e reforçou a sua declaração verbal com o anúncio de que o Exército Vermelho atingira as fronteiras naturais e estas estão situadas na província montanhosa da Ruténia, que foi ocupada pelos húngaros durante a partilha da Checoslováquia em Março de 1939.

JOSE CORREIA RIBEIRO



Nestes mapas, o leitor encontrará as contínuas modificações por que foi passando o solo romeno.

## O carro sagrado de Chandernagor

**Q**ue o homem branco levou à Ásia pouco mais foi do que a sua curiosidade. O espírito europeu penetrou em regiões desconhecidas, desentranhou o mistério nibeológico das selvas, conheceu por momentos o assombro das florestas imensas onde a noite se abriga eternamente, e resolutamente, com esse terrível heroísmo que faz da aventura um poema, ladeou os grandes pantanos, abriu trilhos na confusão umbrosa dos bosques virgens, desceu aos vales profundos em que o silêncio esconde qualquer coisa de sobrenatural, e subiu às cordilheiras difíceis tropeçando a cada passo na interrogação dos abismos. Atrás da espessura sagrada dos seus dogmas, defendido, pelos vínculos duma tradição histórica e religiosa, continuava imperturbável o sono desse grande mundo. Imersa no fervor ritualista da idolatria, a Ásia velhíssima escondia-se do olhar profano do Ocidente, guardava nos recessos da sua alma pagã a chama oculta dum fanatismo milenário. Não é possível apagar esse fogo de superstição trémulo e inquieto: ele ilumina com uma luz sortilega, de deslumbramento e de horror, o altar inviolável dos deuses e a alma de milhões de crentes dispostos aos sacrifícios mais espantosos.

A filosofia indiana desenvolve-se no terreno abstracto, e as concepções teológicas transpiram um conteúdo mitológico. Ambas estão de acordo com este sentido heróico do destino do homem: o maior desprezo pela vida humana, e uma dedicação visceral pela morte, entendendo-se esta como o elo duma cadeia de existências sobrenaturais... Por isso os homens se deixam queimar vivos em holocausto à divindade ou morrem voluntariamente de fome ou sofrem ainda suplicios quase inacreditáveis. Ainda hoje em grande parte da Índia milhares de tribos e de seitas que não seguem o budismo, celebram os deuses com festividades que terminam por uma orgia sangrenta.

Mas as maiores celebrações realizam-se com maravilhosa imponência na cidade sagrada de Chandernagor, na província de Bengala, no Indostão setentrional.

Uma vez por ano este espectáculo deslumbrante e tenebroso, transforma Chandernagor num mundo de loucura, de esplendor, de magia e de tragédia. Ali afluem mais de dois milhões de seres divergindo na variedade infinita dos costumes e na diversidade babilónica de idiomas, mas todos irmanados na mesma devoção piedosa e alucinante. Desde a cordilheira do Himalaia aos territórios do Lang-tan, os peregrinos abandonam tudo para virem adorar o Ser dos Seres, depois de percorrirem léguas e léguas, indiferentes às tempestades que alternam com os grandes calores. Uns vêm das regiões áridas do Hindu-kosh nu e escaldado, magros como espinhas, o olhar com esse brilho gelatinoso que reflecte um êxtase profundo, mãos ossudas de mendigos, velhos turbantes, uma cadência solene e monótona nos passos da caminhada brutal. Quando dormem é um montão de ossos sobre as pedras, um túmulo que poisa sobre a terra e que tem dois olhos para baixarem as pálpebras cansadas de fixar tódas as estrelas do céu...

Ao grito do primeiro voo que desperta, recomçam a marcha. Basta-lhes alguns frutos e um pouco de arroz para desafiar o cansaço exigido por esta absurda manifestação de fé. Escalda-os um sol implacável, sangram-lhe os pés, acabarão por arrastar-se. Mas ao chegarem à cidade sagrada, nenhum deles deixa adivinhar sinal de fadiga através das rajadas ardentes do misticismo que ao mesmo tempo os devora e os alimenta. De mais longe ainda, dos planaltos afgãs e dos baixios beluchistanos, chegam hordas de visionários, a alma perturbada pelo mesmo arrebatamento, uma só idéia pregada no espírito com o martelo da paixão religiosa. Uns, altos, espectrais, ângulos vivos mal cobertos por túnicas inverosímeis, parecendo que a sua humildade de vagabundos lhes serve para encobrir uma dignidade de reis; outros robustos como troncos de velhas árvores que assistiram impassíveis ao desencadear das trovoadas que esbraseiam os matos selvagens e afugentam os répteis numa debandada de terror. Muitos deles, semi-nus, chegam em alca-

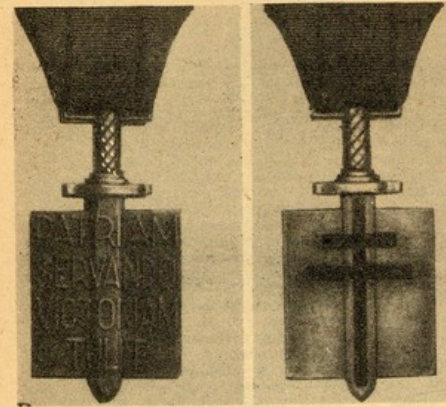
teias, ululando cânticos, sem perderem o ar grave de iluminados. Banharam-se nas águas sagradas do Ganges e fizeram demorados jejuns antes de se portem a caminho. Atravessaram os desertos do grande Nerbudda, repousando nas areias ardentes, e quasi que alimentados por uma cabaça de água.

Com um séquito de escravos, vieram de Cachemira os mercadores opulentos, cautelosos e desconfiados como os judeus, trazendo no dorso dos dromedários todo o seu comércio de bazar. Tudo se mistura e se confunde, na cidade sagrada. O índio de côr de bronze e o berbere de côr de chocolate, o senhor de Comorin e o pária de Bahar, os trapos miseráveis do mais andrajoso e as ricas «mulmul-khar» dos nabobos. O sobrenatural nivelou tódas as camadas, porque a divindade vai ser invocada e todos, seja qual for a sua condição, colaboram no grande mistério litúrgico, partilham da mesma fé. A presença dum deus faz desaparecer tódas as hierarquias. Seiscentas sub-divisões de castas esquecem o sistema político e civil que as separa! Os sudras das profissões mais humildes ousam levantar os olhos para os padres e sábios brahmanes, os vaicys que cultivam a terra encontram-se lado a lado dos chardós, soberbos no seu aspecto guerreiro. Apenas o formigueiro imenso de homens considerados como infimos entes fora de tódas as castas, constitue um bloco à parte nessa multidão de seres. São estas pobres criaturas as que dão maior contingente de vítimas imoladas no medonho sacrifício.

Na manhã do grande dia, a mole fantástica da turba é uma floresta. Agita-se um tremor de sangrenta volúpia. A asa invisível do heroísmo suicida roça pela imaginação e pelo êxtase desses homens que vão ser esmagados debaixo das rodas enormes do carro sagrado. Um silêncio teatral petrificou tudo. O deus dos deuses está ali, augusto e fatídico como nunca. Não é Brahma, nem Siva, nem Buda. É o espectador mudo duma pavorosa tragédia.

A um gesto do sacerdote que há-de acompanhar a marcha terrível daquele carro ciclópico — arripiante alegoria da

## “ORDEM DA LIBERTAÇÃO”



**P**OR um despacho datado de 7 de Janeiro de 1914, De Gaulle regulou as condições em que será concedido o distintivo designado e criado pelo Comité de Argel, com o nome de «Ordem de Libertação».

Os que recebem essa condecoração de significado tão profundamente histórico, ficam a pertencer a uma

família — chamemos-lhe assim — de laços íntimos, por isso que se alicerçam em razões de elevado espiritualismo e amor patriótico. «Companheiro de libertação» — assim se designa cada um dos que, por seu feito, passou acima do cumprimento do dever. Hoje, esses «companheiros» são 307 — 18 civis, 50 membros da aviação, 31 da marinha e 203 do exército, incluindo duas mulheres condecoradas depois de mortas.

Todavia, a «Ordem da Libertação» não é só concedida individualmente e a combatentes. De facto, cinco vezes a suprema distinção foi concedida colectivamente: a cidade de Nan-

tes, o submarino «Rubis», a corveta «Aconit» e as esquadilhas de aviação «Alsácia» e «Normandie» orgulham-se de «stentar a cruz de Lorraine, com o dístico «Patriam servando Victoriam tulit», entre os seus melhores atributos de glória.

Damos, nas duas fotos, o verso e reverso do distintivo.



Sacerdote que acompanha o carro sagrado levando os sacos com arroz para os sacrifícios, segundo a tradição

morte — a enorme e pesada massa movimentada-se, puxada por milhares de seres. Estala então a mais caótica trovoadas de gritos. Cada um deles tem o valor duma prece e é a mais trágica das orações. Abafam-se umas às outras numa vozeria infernal. O carro sagrado parece deslizar agora, ligeiro, quasi veloz, com sinistro ruído. Os homens correm alucinados e atiram-se para debaixo daquelas rodas enormes.

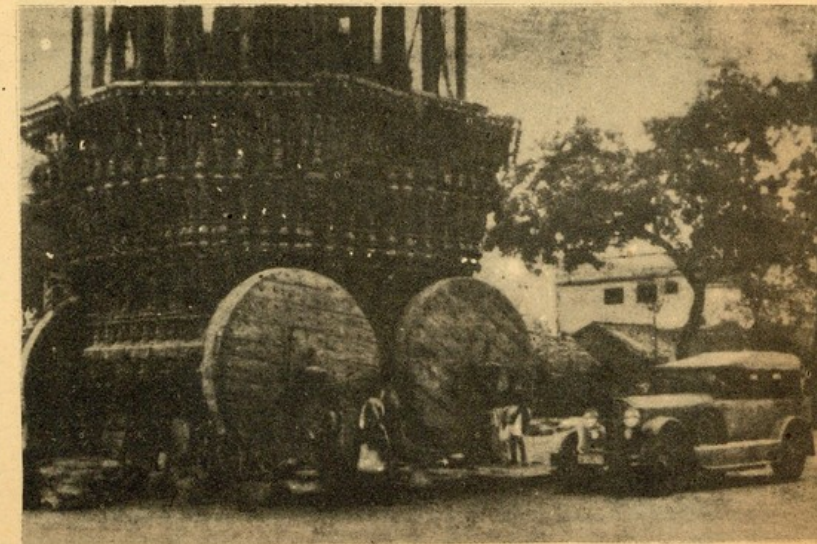
Não se distinguem os uivos de dor nessa gritaria confusa que deve ter a estranha ressonância dum tambor. As rodas escorrem um sangue fumegante...

Filhos das tribos errantes das

margens do Kistna e das montanhas do Punjab, shindis, maharatas, nepalis, peregrinos que vieram de Pennair, de Taptee, das vastidões arenosas do Rajputana e dos massiços do Vindhia, hindus semi-civilizados e assamis selváticos, são esventrados, pisados, amachucados, debaixo daquelas rodas que traçam no caminho o destino do crente, como se obedecessem ao apelo da sua fé.

...E o carro sagrado, calcando corpos, triturando ossos, esmagando carne, leva em triunfo o deus impassível que todos os anos encharca de sangue as pedras de Chandernagor...

JORGE RAMOS



O carro sagrado, debaixo de cujas rodas se lançam os fanáticos. T esculpida com divindades milenárias.

# LITERATURA AS "CANÇÕES"

DE ANTÓNIO BOTTO

**E'** inútil pesquisa querer justificar uma finalidade à poesia ou querer justificar a sua falta de finalidade. Pode fazer-se grande poesia sem intenção alguma como pode fazer-se poesia igualmente grande com todas as intenções. Mais do que outra qualquer forma de literatura, esta criação aérea e fugitiva escapa-se aos esquemas preconcebidos e às doutrinas prévias. Dizla Rilke que a arte é «a inversão mais apaixonada do mundo, o caminho que transporta a alma do infinito» não se sabe para onde; e nesta trajectória indomesticável só a obra concluída e não a intenção do poeta podem ser responsáveis e baixar ao pretérito ignorante e especioso. Simplesmente, a obra concluída ri-se dos que a julgam, como se ri do próprio poeta que a criou; e tem antes de mais nada o inconveniente do difícil pretender sujeitá-la a qualquer imposição externa ou interna que a conduza ao caminho intencional.

O poeta só tem que revelar e só pode revelar a sua mensagem involuntária. Se a inteligência ordenadora pode interferir nos meios técnicos da execução, ou mesmo no estilo, na composição temática, na fiscalização do que se exprime ou não, já isso não sucede com o impulso em poesia alguma coisa. Não há nesse impulso mistério nem milagre; não há transubstanciação de mundos incommunicáveis, nem assombro pálido do criador ante o que nasce de si mesmo. Sucede apenas que a poesia transporta ao domínio da arte expressa o homem inteiro, a unidade fundamental e inconsútil da sua natureza, e não há artifício nem imposição possíveis se quiser fazer-se obra sincera e digna. Por isso o poeta só deve dar e só pode dar realmente o que estiver na sua natureza e não há que fazer serão aceitá-lo tal qual. As «artes poéticas» são convenções póstumas e não criam poesia — constata-se-na.

Volta a falar-se hoje, ainda indecisa e contraditoriamente numa outra «arte poética» que se serve de «canção» a uma poesia do futuro, destinada a exprimir as ambições criadoras, o espírito de luta positiva, o titanismo do homem novo.

Pretensão ridícula e falsa — porque a exigência do nosso tempo, em matéria literária, não é a criação e imposição de doutrinas estéticas, mas coisa muito mais séria e grandiosa: a própria gênese do homem novo. Quando o homem novo estiver criado realmente — e cada um o pode ser por modificação impetuosa e completa da sua natureza — a poe-

sia que o exprimirá deve surgir por si, como já tem surgido, felizmente. E então não fazem falta as pugnas de intenção escolástica, nem os dogmas impostos em nome da exigência puramente externa da acção, nem a teoria sistemática de uma pretensa poesia apropriada ao nosso tempo. A poesia só é apropriada a cada poeta — e este pode ser ou não apropriado aos grandes fins colectivos que a sua época impõe. Ante os poetas de gerações que já transitaram muito no tempo, a inteligência e a honestidade mandam apenas aceitá-los como são. Admirar ou desprezar o que criaram — é coisa que depende da largueza e honradez de compreensão de quem ler e não das próprias obras ou da natureza das almas que as produziram. O contrário será pedir mentira, artifício, falsidade, mediocridade, ao que por sua própria índole exige, mais que outra qualquer forma de expressão humana, o clima diáfano e sincero. É um problema grave que se apresenta, este do «destino da poesia» e valerá a pena pensar nele longamente.

\* \* \*

Não há nada mais fácil, ante a aparência das formas e dos ritmos, do que a poesia de António Botto. Com razão o baniram da sua pseudo-ortodoxia do modernismo muitos modernistas, tanto na poesia como na crítica que a acompanha, ao fazerem a apologia da poesia «difícil». Em França, por exemplo, repudiou-se a influência de Herédia e glorificou-se «le bégaiement fulgurant» de Rimbaud. Entre nós, desprezaram-se com exagero as formas límpidas e directas de representação do real e apregou-se como supremo mérito a acrobacia dos ritmos, dos temas e das formas que levou, por estranha coincidência, à descoberta surpreendida de Góngora e dos que melhor o continuam modernamente. Foi essa a fase excessiva e pouco feliz da admirável renovação modernista da nossa poesia. Entronçou-se depois na longa fase de estabilidade triunfante e, como sempre, no caminho das reivindicações. Assim se afirma com insistência que António Botto pertence ao modernismo e que é, mesmo, um dos seus grandes fundadores. Parece-me erro estranho, porque o magnífico poeta das «Canções» está inteiramente fora da linha complexa que vem de Gomes Leal e António Nobre, através de Camilo Pessanha e Cesário Verde, até aos renovadores definitivos como Fernando Pessoa, Sá Carneiro e a suprema realização de José Régio.

Para enquadrar António Botto nes-

ta linhagem de desencontradas embora centripetas influências, seria necessário esquecer os seus caracteres essenciais e exagerar os secundários. São caracteres essenciais da sua poesia a expressão imediata dos estados emotivos, a desneccidade de alguns, a simplicidade cristalina dos sentimentos, a encorporação lírica da paisagem nos estados do próprio poeta, a facilidade coreográfica e musical dos ritmos. Tudo isto que é essencial em António Botto não é nada essencial no que pode chamar-se rigorosamente o modernismo.

São caracteres secundários em António Botto, poderia até dizer-se indiferentes, a liberdade métrica, a sinceridade, a dramatização dos sentimentos, algumas vezes a angústia perante o real, a retórica de imagens — que são factores de primeiro plano no sentido do autêntico modernismo.

António Botto está fora de qualquer evolução — é um grande poeta sem escola. Isto não significa especialmente um elogio, porque se pode ser grande dentro de qualquer escola ou fora dela. Parece-me ser José Régio o maior de todos os poetas modernos — e é indubitavelmente um poeta de escola.

As «Canções» vieram revelar uma nova forma de expressionismo em poesia, menos rico no plano da imaginação intelectual do que em outros que vieram antes ou depois, mas admiravelmente enriquecido em ritmos e na amplitude da expressão dos instintos. São uma obra única e, sem dúvida, dificilmente precévil na história do lirismo português. Por isso não cançam nem surpreendem as sucessivas edições, sempre «revistas e aumentadas», que o poeta tem apresentado, nem é ociosa esta edição nova da Livraria Bertrand que se apresenta como primeiro volume das obras completas.

Quando António Botto entrar no domínio calmo e puro da história literária e se apagar essa pressão insuportável do circunstancial que explora a sua anormalidade, a obra que criou há-de figurar como revelação superior da poesia, como expressão de lirismo em que quasi tudo é bom. Nenhuma arte é pura e a poesia também não o pode ser, como dizia Daniel Rops; mas nada se aproxima tanto dessa pureza ideal da comunicação estética como a obra de Botto. O predomínio do instintivo transportado ao sentimental, a expressão das flutuações frágeis e fugitivas de uma alma que não recusa a verdade do seu corpo, a adulteração apaixonada da realidade do mundo que os seus versos

ensinam, são dons poéticos que as «Canções» sugerem ou comunicam quasi sempre maravilhosamente.

Não existe nele, em qualquer grau, a preocupação do angelismo, nem o temor da naturalidade com que certos poetas pretendem celestizar a crueza da sua experiência. A sensualidade jaz, mesmo quando afiguram exprimir aspirações humanitárias ou místicas. É o amor plástico e insurrecto que conduz de ponta a ponta a inspiração desta obra — e não era preciso, para o sugerir, apresentar em portada essa legenda de Winckelmann que afinal também restringe o instinto imparcial, vital e inato da beleza na arte.

Demais, não é só grega, como essa legenda pretende inculcar, a índole estética da poesia de António Botto. Se é helénico o amor das formas, a visão apaixonadamente plástica do homem, já o não é a espécie de mística que o poeta vai insuflar nos seus temas. A mística do instinto e do seu predomínio na vida sentimental não tem relação alguma com o sentido arquitectónico ou escultural da exaltação da alma que o grego apregou. E não se enquadra também no dionísio — essa outra face da sensibilidade helénica — porque a sensualidade da poesia de Botto é demasiado transparente e simples para que possa aparecer-se a complexa operação libertadora que o grego encontrava no dionísio.

Demais, parece manifestamente de timbre oriental o sentido do ritmo que este poeta praticou na sua poesia — o movimento de carícia que se mantém em todos os seus versos e acaba até por fatigar em passadeira sensação de enjô; como é de timbre oriental a demorada, minuciosa e doentia casuística do sentimento amoroso que se prolonga nas «Canções» até à satedade. Sob muitos aspectos, é a surpreendente e encantadora diversidade dos ritmos que permite a este poeta fugir à monotonia e conduzir até ao fim, diminuindo muito pouco o seu poder de sugestão, a cadência morna dos seus versos.

Não pode dispensar-se o conhecimento desta nota fundamental da moderna poesia portuguesa numa cultura literária actualizada e séria. O acorde transparente e harmonioso que ela comunicou ficou por muito tempo na atmosfera límpida que cria à sua volta. E bem pode dizer-se que António Botto cumpriu perfeitamente o seu destino de poeta no nosso mundo de estranhas dissonâncias.

## APOLLINAIRE E OS MODERNISTAS



**I**legíaco e opulento Guillaume Apollinaire, transormano em cor, em sensual análise dos sentimentos confusos, em féria, a sua experiência interior; o poeta que, entre os modernos, melhor misturou a análise aos sentidos — foi um dos grandes pioneiros da pintura moderna. Marla Laurencin representou-o neste quadro de carácter pontificando entre os inovadores: Picasso, a própria Laurencin e Fernand Ollivier. Foi Apollinaire um dos raros escritores consagrados que deram a mão à esses criadores de audácias picturais a cujo génio de desassombro se deve a renovação da pintura.

Segundo muitas opiniões foi ele o criador dessa designação de «fauves», inicialmente atribuída a Matisse e ao seu grupo, com que se iniciou em França o movimento das escolas novas de pintura. Uma técnica magistral protegia essas experiências indecissas, algumas vezes saturadas de insuportável mistério, contra a banalidade do «bem feito» e do «bonito».

Apollinaire compreendeu a virtude prévia dos pintores novos e contribuiu para formar a sua doutrina estética. Insinuou-lhes o gosto oriental das formas inacabadas, das cores simbólicas e irracionais, da lingua-

gem poética transportada à representação plástica dos seres; e, sobretudo, o sentido da alusão que dispensa as minúcias escolares e o acabado que o academismo moribundo defendia.

Actualmente, os quadros dos «fauves» disputam-se entre os grandes colecionadores de todo o mundo. Tornam-se burgueses também — mas o seu espírito transcendeu o efémero e ainda na sua esteira vai despontar a pintura dos novos tempos, consagrada às grandes lutas e aspirações do homem ressurrida guerra.

Em Portugal celebram ainda os seus rituais patuosos — com exposições vazias, júris sonolentos, prémios ridículos — os incriveis fantoches das pinturas de romarias, árvores com muita folhagem, casinhas empasteladas e portais antigos a entardecer. Sobrevive ainda a pseudo-arte a que monstruosamente se chama «clássica»; e não se formou ainda, seguindo o exemplo de Apollinaire e tantos outros, a frente irrisistível dos escritores e artistas que realizem esta dupla missão de miscelânea: liquidar de vez os espantinhos da pintura velha e descreminhar justamente entre os novos a fancaria mistificadora e a obra de verdadeiro génio aberta ao futuro.

UMA PÁGINA DE ÁLVARO SALEMA





JORGE BESSONE BELFORD

o romance, o teatro,  
a crítica e os críticos

JORGE Bessone Belford é um novo que a crítica começa a distinguir no meio da grande avalanche de autores últimamente aparecidos. Era natural, portanto, que procurássemos saber das suas intenções e das suas idéias. E, assim, começámos por lhe perguntar:

— Tem algum livro em preparação?

— «Deixem-me Viver!...» um romance muito diferente de «Destinos» que é um livro todo acção, cheio de conflitos, que poderia desdobrar-se nalguns volumes. Em «Deixem-me Viver!...» tentei a análise psicológica de uma alma. O protagonista dá-nos a tragédia da mocidade mal preparada para a luta pela vida, as dúvidas, ansiedades e desesperos das gerações de hoje.

— Nunca tentou a poesia?

— Os portugueses são por natureza poetas. Todos nós tentámos aos dezassete anos o soneto e compusemos algumas quadras. Eu não fugi à regra. Mas passada a idade poética, fugiu-me a inspiração...

— O que pensa a respeito do romance e do conto?

— Acho que deve empregar-se tanto no romance como no conto uma linguagem que não seja rebuscada. Já Montaigne dizia: «Tel sur le papier qu'à la bouche». O roman-

ce, e nisto sigo apenas a opinião de Stendhal, acha que «é como um espelho que se passeia ao longo da estrada da vida». O conto já admite fantasia mas, como o soneto, necessita de um bom fecho.

— E o que pensa do teatro?  
— Estacionámo-nos ou antes, recuámo-nos. Não buscar-se peças aos arquivos que seria preferível deixar continuar a dormir, muito sossegadinhas. E o resto... o resto são traduções com molho à espanhola. Como se poderão revelar assim novos dramaturgos? Porque há inegáveis vocações. Salvo raras excepções, só se consegue fazer representar uma peça tendo um nome feito ou sendo amigo da empresa.

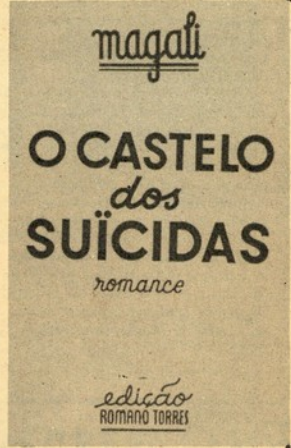
— Qual a sua opinião sobre a crítica literária?

— Mas quasi não existe crítica literária. Os jornais lutam com falta de espaço — dizem — e analisa-se um livro em meia dúzia de linhas. Apenas uns três críticos se interessam verdadeiramente pelo movimento literário. Mesmo assim... Os críticos são pessoas empregadas, escritores, e falta-lhes muitas vezes tempo para ler com atenção as obras que se publicam.

— Que lhe parece o nosso meio literário?

— Publica-se mais, lê-se mais... E contamos com inegáveis talentos. Mas reina uma certa confusão. Detesta-se mão de todos os melos para se criar um nome. Últimamente recorre-se à polémica para esse fim. Eu também pensei responder a certo crítico — não gostou de «Destinos», estava no seu direito — porém confundiu crítica com incorrecção. Passado o primeiro impulso, desisti. Já não há polémicas, há réclamo. Nunca poderá ser uma polémica dois senhores ofenderem-se mutuamente como colarejas. Causa pena.

OS LIVROS DO MOMENTO



Os livros que deve ler

FAÇA DE PAPEL

Alves Redol vai publicar brevemente «Os Reinegros» (A Família), primeiro trabalho de uma série de quatro volumes. A acção do primeiro volume decorre de 1908 a 1914.

— Deve sair por todo este mês o livro do dr. Lopes de Oliveira sobre Eça de Queiroz. Será um livro de cerca de 400 páginas, editado pela «Vida Mundial».

— Fernando Lopes Graça vai publicar «Bases teóricas da Música», um trabalho de larga projecção e que será editado pela Biblioteca Cosmos.

— Entrou no prelo, em edição da Clássica Editora, um novo trabalho de Costa Júnior, intitulado «História do Movimento Operário em Portugal».

— Um pequenino poeta acaba de ser revelado. Chama-se Pedro Teles da Silva Pereira, tem nove anos, e publicou «Alvoradas», um livro de versos ingénuos, a que não falta graça simples e facilidade na arte de versejar. O livro é prefaciado pelo escritor e jornalista sr. dr. Joaquim Manso.

— Gabriela de Oliveira publicou «Ansia Suprema», um romance de

A gelada aventura de Alexandre Dumas

ALEXANDRE Dumas foi à Rússia, visitando S. Petersburgo com demora. Durante os primeiros dias de inverno que aí passou achou estranhas as histórias que lhe haviam contado sobre o frio hibernar nas margens do Neva. Gostou da neve e passeava maravilhado pelas ruas em busca de novas perspectivas atraentes. Certo dia notou que os transeuntes olhavam para ele com inquietação; um sujeito elegante e delicado veio murmurar-lhe ao ouvido:

— «Noss!».  
Mais adiante o cocheiro de um «strenó» parou de propósito para lhe berrar alarmado:

— «Noss! Noss!».

Continuou a não ligar importância; mas ao virar de uma esquina um «smujik» olhou para ele aterrado, avarrou num punhado de neve e atirou-se a ele com fúria esfregando-lhe o nariz sem contemplicações. Como Dumas reagisse, outros vieram auxiliar o «smujik» na mesma operação violenta. E só compreendeu o que se passava quando um oficial, intervindo na contenda, lhe explicou que a pretensa agressão era apenas um acto de filantropia: o nariz de Dumas começára a gelar e sem a intervenção brusca que sofrera teria ficado sem o precioso órgão da sua pituitária.

intenções patrióticas que a Parceria A. M. Pereira editou e cujo êxito está a corresponder ao interesse da obra.

Deve ser pôsto à venda, ainda este mês, o novo romance alegro de Armando Ferreira — «Remédio das Caldás», com uma bonita capa de Stuart.



## ADMIRAR

**N**UNCA se deve dizer «não» à vida, mesmo quando a vida não vale o mais indiferente sim. «Lembra-te de viver!», exclamava o poeta latino, e o conselho ainda não perdeu oportunidade e sentido. Mas, 'ai! de nós! não falta gente que se mate ou que se deixe morrer — o que é mais terrível de todos os «nãos» — por uma causa pior ou melhor. E até, suprema irrisão! pela primeira criatura encontrada à esquerda da existência, e que só merecerá o desprezo ou a displicência dos corações bem-formados.

Verdade seja que nestes nossos tempos, tão dolorosos, tão angustiosos, tão hóstis à alegria de sonhar e de acreditar, de sorrir e de construir, o retumbante «não» parece muito menos difícil de que o discreto «sim». Exactamente por isso, convém que os homens fortes, e sádios de alma, aprendam a não usar tanto do fácil «não» perante os obstáculos e as misérias que se lhe deparem, e a aceitar cada dia, mais e mais, — a aceitar e a admirar — tudo o que lhes ofereça o mais ligeiro pretexto de admiração e de aceitação.

Admirar! — eis, de facto, a palavra guiadora, como sempre guiadora, consoladora e estimulante foi e é a nobre emoção que ela traduz. Se o ódio e a violência, se a crueldade e a deslealdade separam hoje, como já mais aconteceu, povos e indivíduos, raças e nações; se a ausência de simpatia humana se tornou hábito e norma constante duns e doutras, — não será, em máxima parte, porque não queremos, ou não sabemos, ou não tentamos e experimentamos admirar, nas realidades próximas ou remotas, a beleza que porventura contenham, a graça que porventura revelem ou escondam, a esperança e a energia que porventura delas irradiem e dimanem? Nenhum passo mais firme se daria para um amor sincero e perdurável, da que admirar o que se deseja e pretende amar. E o universo precisa de amor, precisa de simpatia humana, precisa de recíproca admiração entre as mais diversas greis, para não acabar, sófrego de compreensão e sequioso de varonil ternura, no mais feio, triste e sombrio negrume de toda a história da Humanidade...

Não tenhamos medo de admirar, não receemos afirmar e mostrar admiração. Aquela astúcia, de feminina essência, que tão vulgar é nos próprios homens, e que afinal só consiste na já ridícula habilidade de desdenhar a mercadoria para a comprar barata; essa pobre e logo visível astúcia, herança de épocas fracas e erro de consciências mal esclarecidas — que paz, que tranquilidade, que vantagens trouxe ao mundo? Alguém negará que trouxe apenas dissídios, discórdias, lutas estérteis e guerras mortíferas, — como essa a que estamos assistindo? Se há um «não» a gritar, seja o decidido «não» em frente do que diminui, fere e abate a harmonia e a alegria dos homens, e a confiança da juventude no esforço pela justiça e pelo bem. Nada mais actual, nada mais necessário do que esse «não» — profundo, íntimo «sim» das almas honestas e vigorosas, que sabem, conhecem, e praticam, na doçura de admirar, o inefável e cristianíssimo preceito de amar o próximo, tanto ou mais do que a nós mesmos...

JOÃO DE BARROS

## FALA-SE ESTA SEMANA

LILIA DA FONSECA



Uma vez, a bordo de um barquinho, meteu-se uma rapariga bonita e inteligente: chamava-se Lilia da Fonseca, era jornalista e vinha de Africa para Portugal. O barco foi atacado, os navios andaram à deriva numa baleeira frágil, trazendo a angústia ao país inteiro. Por fim salvaram-se e a jornalista surgiu, na dramática aventura, para relatar os factos. Estava lançado na metrópole o nome de Lilia da Fonseca — que chegou, viu e venceu. Os seus livros correspondem, naturalmente, ao seu nome — e ainda este agora, «Pangula», põe à prova os dotés da novelista e da escritora. Por isso «Pangula», estamos certos, há-de marcar mais um triunfo da sua autora — e sinceramente desejamos que assim seja.

RAQUEL BASTOS



Talvez porque a escritora é cantora e da melhor escola, na nossa terra, os seus livros acusam sempre a par de uma elegância de expressão, uma harmonia de forma que a música parece disciplinar. De facto, Raquel Bastos é hoje um dos mais apreciáveis elementos femininos, dentro da nossa longa lista de escritores e escritoras. O seu último livro «Coisas do Céu e da Terra» — um título delicado que corresponde ao texto — Raquel Bastos ergue-se acima de tudo o que a vida nos possa oferecer de banal e de comum. Mesmo quando os seus contos são delicados apontamentos — a escritora mantém a mesma suave forma de expressão.

## N O T E M P O DOS DUELOS...

**F**OLHEAMOS há dias uma velha revista de Reinaldo Ferreira e encontramos esta saborosa crónica, a propósito de um duelo: «... Anunciaram-me um desconhecido que pretende falar-me... Estava eu então com um romance ao lume e, com medo que lhe entrasse o bispo no capitulo da dedução ou que fervesse e fosse por fora no descritivo do rapto da ingénua — mandei dizer que não estava em casa. O desconhecido não acreditou porque, tendo avançado atrás da criada, escutara, de entre-portas, o meu recado. De frente a frente era difícil garantir-lhe a minha ausência — pelo menos enquanto as teorias das desencarnações provisórias não se democratizassem. Resignei-me a escutá-lo e a sacrificar os meus leitores, deixando estragar o pitu literário que lhes estava cozinhando.

Exposição longa, exageradamente pormenorizada, desentranhando os antecedentes até à idade da pedra... Adorneci na altura da Renascença e acordei no preciso momento em que o meu visitante desembocava, rodeado de todo o elenco da sua tragédia, no meio de Maio do presente ano... O eterno motivo de todos os odios e de todas as fatalidades: a mulher. E ele queria liquidar o assunto puxando-o do charco para onde o tinham lançado e nivelando a crista da sua dignidade. Como? Batendo-se em duelo com o que o emporcalhara... A pistola? A espada?»

O homem então explicou-se: — «Comprende V. Ex... Eu não sou pessoa para fantochadas... Preciso castigar esse cavalheiro porque ele o mereço, mas não sou tão tolo que, sem saber floretear uma espada, e tendo força suficiente para o estoirar com um piparote e estando cheio de razão, me vá expor a que me faça a operação da apendicite sem eu necessitar. Não... Não faltava mais nada! Também não quero esperdiçar a uma esquina e fazê-lo tomar lugar num «Junker» como quem toma um eléctrico com ele em marcha — porque isso seria abusar da minha superioridade. O que eu desejo é colocar-me dentro do tal código de honra a que esse valente velhaco, cuja «honra» está demonstrada no que ele me fez, está obrigado... Diz o patife que os homens de bem só dentro de determinados princípios é que se podem bater — como se, quando dois indivíduos se batem, fossem ambos de bem e não houvesse um deles que procedesse de forma a provocar a cólera do outro. Mas... seja! Pela primeira vez na minha vida quero puxar a fino e a aristocrata! Escolho testemunhas e ele escolhe-as também! Comblina-se o local, horas, estabelecem-se preceitos, o que quiserem, como se fosse um duelo à espada. Com uma diferença: é que não há espada! Há mãos, há pés, há dentes! Há pancadaria — olé se há! Então comigo e com a vontadinha que lhe tenho. E como sou eu o ofendido — tenho o direito de escolher a arma, tenho também o direito de não escolher nenhuma! Parece-me que ele não tem nada a antepôr à minha ideia, não é verdade? Se eu me submeto de olhos fechados ao código de honra e se ele é valente, como diz, para se bater à pistola e à espada, também o deve ser para apañar nela dúzia de bofetadas naquela cara, que até o monóculo lhe fugirá para a rua!»

Conta o repórter X que não viu. Pelo contrário, admirou a lógica do homem ofendido.

E agora, vamos ao resto da história: o ofensor ficou um bocadinho embatucado com a proposta de ofendido. Pediu às testemunhas 24 horas para reflectir. E quando as testemunhas o procuraram de novo, ele tinha fugido...

Cobardia? Não... O cavalheiro em questão batera-se já várias vezes em duelo, e sempre, briosamente. Mas, aquela história dos sócos e dos pontapés... atrapalhou-o e fê-lo desaparecer de Lisboa por muitos e bons anos...

Era assim, antigamente, no tempo dos duelos. Só a pistola e a espada é que serviam...

## Uma recepção na Embaixada do Brasil



Para comemorar a descoberta do Brasil, o sr. embaixador Neves da Fontoura convidou os representantes da Imprensa portuguesa e estrangeira para um «cocktail» que reuniu nos salões do palácio da rua António Maria Cardoso, muitas dezenas de jornalistas, homens de letras e funcionários superiores do Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular. E dessa luzida recepção que damos alguns aspectos nesta foto, vendo-se ao alto o sr. embaixador do Brasil, ao lado de António Ferro.

## A ENTREVISTA DA ACTUALIDADE

**Iracema Lobato, uma artista de rádio que é uma indiferente pelo teatro e não gosta de mentir**



**H**AVIAMOS combinado encontro para depois do ensaio, porque tínhamos realmente empenho em conversar com Iracema Lobato. Ela acedera logo e nós, à hora marcada, não faltámos. A artista acabara um número.

E ainda fatigada, vem ao nosso encontro, declarando-se pronta para a troca de impressões sobre arte... Mas recomenda: seja breve, que vou ensaiar de novo...

— V. chama-se «mesmo» Iracema Lobato?

— Sim, senhor. E até lhe digo que detesto os pseudónimos. Não acho nada de extraordinário no meu nome!

— Pois não. E... É claro, V. é uma rapariga muito nova...

Um sorriso. — fresquíssimo: — Uma pergunta dessas, ou uma insinuação desse género, nunca se deve fazer... Mas, tranqüilize-se, que eu ainda posso dizer: tenho 23 anos!...

— Onde aprendeu a cantar? — Não aprendi com professores. Como sei música, não foi difícil ouvir-me e ajustar das minhas possibilidades. Tenho trabalhado bastante, à minha custa.

— Sente então verdadeiro gosto pela arte?

— Absolutamente. Sinto e vibro, quando canto. Sabe? Não canto por precisar de cantar, mas sim porque adoro o canto. E é tudo!...

— O seu género preferido... Iracema anima-se vivamente: — Ah! As canções dolentes são o meu género... Aquelas que nos entram nos sentidos e nos falam à alma...

— Das três especialidades, Rádio, Teatro e Cinema, qual a número um?

— A Rádio. Não sei se sou fotogénica, mas se lhe disser que não gosto de cinema, mintto. Quanto ao teatro... Como sabe, o teatro é uma tentação de quasi toda a rapariga que canta. Digo quasi, porque não estou tentada. Para entrar para o teatro, são mil e uma dificuldades. Só para obter a documentação exigida, perde-se tempo precioso...

— Mas...

— Olça: eu tenho, há três anos, o meu cartão de artista de Variedades; o que equivale a dizer, que tinha o caminho aberto. Pois nunca tentei coisa alguma. Já vê, portanto, a minha indiferença pelo teatro!... Iracema diz-nos depois, que está em actividade no Rádio Clube Português, e ganha uma expressão, a um tempo, severa e irónica, quando lhe perguntamos, qual a artista da Rádio, de sua maior simpatia.

— Custa-me a responder a essa pergunta. A minha resposta deveria ser idêntica a muitas outras que se dão por aí... V. sabe muito bem que quando se formula essa pergunta, o nome da artista de maior simpatia, é o primeiro que vem à memória, por simples prazer... para não deixar o questionário em branco. Uma mentira afinal. O adágio: «o teu maior inimigo é o oficial do teu ofício», é bem certo...

— Oh! Iracema, não exagere... — Não, não. Não respondo a essa pergunta, porque não quero mentir!...

— O maestro chama Iracema, para continuar o ensaio. Alinhavamos mais umas perguntas:

— Você é poetisa, também. Cultiva o género sentimental, não?

— O sentimentalismo no século XX, seria uma moda passadista, mas ainda há muita gente sentimental, que se esconde incompreensivelmente talvez, com medo do ridículo... Eu não penso assim e ponho nos meus versos todo o sentir da minha alma.

— Porque não edita as suas poesias?

— Penso nisso. Estou a trabalhar num livro de sonetos e quadras, intitulado «Palavras do meu sentir». É possível que o publique ainda este ano.

— E... as músicas, porque não as edita também?

— Prefiro que os editores as oçam e editem livremente, se gostarem.

— Literariamente, tem alguma ambição?

— Não tenho ambições. De resto, vive em mim a impressão de que o que faço, não vai a nada!... E se edito o meu livro, é porque algumas pessoas amigas, com reconhecida competência literária, me entusiasmaram a fazê-lo!...

O maestro clama com mais insistência, por Iracema. Ela lá vai, atacar uma canção dolente de sua autoria. O que se leu, chega contudo, para se ficar a conhecer uma nova artista, sensibilidade predisposta para a arte, que, a par de outras, parece ter uma boa qualidade: não gostar de mentir!...

## NOTAS RÁPIDAS



O subsecretário da Agricultura de Espanha visitou, há dias, a exposição de ovinos que se realizou com tanto êxito em Palhavã. O sr. Presidente da República, o sr. dr. Oliveira Salazar e todas as altas individualidades portuguesas por ali passaram para manifestar o seu interesse por tão magno problema da nação.



O dia 3 de Maio, dia do aniversário da descoberta do Brasil, foi conagrado, como sempre, à marinha portuguesa. O sr. general Oscar Carmona presidiu às cerimónias que se realizaram no Alfeite, estando também presente o sr. ministro da Marinha.



Para comemorar o centenário de Beckford, o Instituto Britânico no Pôrto organizou ali uma exposição de traduções portuguesas de livros ingleses, e que já em Lisboa obtiveram assinalável êxito. Assistiu o sr. governador civil — o terceiro a contar da esquerda — que tem à sua direita o director do Instituto, sr. Hawkins.



O escritor sr. dr. Joaquim Manso, director do «Diário de Lisboa», foi à Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio de Lisboa, para falar a uma assistência interessada e escolhida, de «Os amores de Pedro e Inês». A conferência foi um acontecimento literário no nosso meio e o conferencista foi muito aplaudido.

## REABRIU O MUSEU DOS COCHES





## UMA ARTISTA DE RÁDIO VAI DAR UM RECITAL DE THEATRO

O repórter encontrou-a, estava ela no Rádio Peninsular a ensaiar para a próxima emissão. Ela, é Dulce de Oliveira, uma jovem bonita, de bonitos olhos e cabelo ao vento, que os radiófilos tão bem conhecem pelas suas emissões quinzenais no Rádio Peninsular, onde interpreta, com talento invulgar, peças radiofónicas.

Mas o que os radiófilos, nem o público em geral, sabem é que Dulce de Oliveira vai dar um recital poético no teatro Nacional.

O repórter perguntou-lhe quando seria esse grande dia. Dulce de Oli-

veira está um pouco nervosa, excitada.

— Este mês ainda.

— Mas quando?

Sorri. Até parece que se lhe ouve o coração a bater, a trotar.

— Ainda não sei bem. Mas será uma tarde deste mês. Robles Monteiro foi de uma grande gentileza, cedendo-me o teatro. Mas ainda não se pôde marcar o dia.

Dulce de Oliveira começa o ensaio. A sua voz, ao microfone, é límpida e quente — uma voz de embalear.

Há um pequeno desarranjo numa máquina, e o repórter aproveita-o para «querer saber coisas».

— Não sabia que se interessava pelo teatro.

Os olhos de Dulce de Oliveira brilham intensamente:

— Adoro o teatro! Sou aluna do Conservatório e já tenho representado muitas vezes, em audições escolares, sob a direcção do meu primeiro professor, o mestre Araújo Pereira. Mas agora é que vou, publicamente, prestar a minha primeira grande prova.

— E a Rádio?

Dulce de Oliveira tem resposta pronta:

— Também me interessa muito... mas não basta!

Faz pequenina pausa, para concluir vibrante:

— Ambiciono mais! A minha sensibilidade não se satisfaz representando apenas para o microfone. Quero sentir as reacções do público, ouvir os seus aplausos...

Outra pergunta:

— E o seu recital?

— Já está elaborado — diz ela. — Farei duas partes de poesia, interpretando poetas de toda a época, desde D. Diniz até aos modernos, e terminarei com a representação de uma peça em um acto, de Alice Ogando, peça que tem apenas um personagem, eu, um telefone e alguns brinquedos infantis.

A avaria tinha sido reparada. Dulce de Oliveira já se preparava para se despedir do repórter quando este lhe fez a última pergunta:

— E está confiada?

Ela esboça um sorriso:

— Hum, hum... — e depois, gaia: — Tenho esperanças. O juiz, como juiz supremo, dará a sua opinião.

Um apêto de mão à pressa, e Dulce de Oliveira passa para o estúdio. O repórter fica a ouvir a sua voz de sonho, que o alto-falante transmite, e de si para si pergunta: «Iremos ter mais uma estrêla de teatro?».

REPORTER UM

## Afinal não morreu

A notícia correa depressa: Lucienne Boyer, essa galante vedeta de voz de ouro que o público de Lisboa aplaudiu no S. Luis, tinha morrido, em França, durante um bombardeamento.

Mas Lucienne Boyer está viva, vivíssima. Não se trata de uma ressurreição, mas simplesmente de que ela nunca morreu nem nenhuma bomba a atingiu.

Aqui a vemos, cantando para a rádio, durante uma grande festa que há dias se realizou em Paris.



## O nosso sensacional concurso

### Qual a vedeta mais popular da nossa rádio?

Na próxima semana serão proclamados os vencedores!

#### EXPLICAÇÃO NECESSARIA

Com o fecho da votação de ontem, quarta-feira, terminou o nosso primeiro concurso. Estamos satisfeitos com o seu êxito. Foi dos mais completos, se bem que os seus resultados, quanto às classificações, possam não corresponder completamente à expectativa de muitos dos nossos leitores. Tratava-se, porém, de fazer consagrar os nossos artistas de rádio mais populares — e não os melhores. E a expressão desse voto só nos poderia ser dada pelos cupões entregues. Estes é que contavam para o apuramento final. E foi a esta realidade que nos tivemos de submeter inflexivelmente, dentro do nosso objectivo de estrita imparcialidade. O público votou em quem quis e como entendeu. Se artistas houve que tiveram a estimulá-los o entusiasmo dos seus admiradores, outros houve, que-nos parecer, que não obtiveram a classificação que lhes dava inteiro direito não só o seu próprio valor artístico — se bem que não fosse este que contasse como factor para a votação — como até a sua inegável popularidade. A culpa, porém, não foi deles nem nossa — foi do público.

A possibilidade de votação era igual para todos.

#### A CLASSIFICAÇÃO

Entregues ontem, mercê da prorrogação de prazo que fizemos, os últimos cupões, está-se procedendo agora à devida contagem. Em virtude disso, só no nosso próximo número nos será possível publicar, com o relevo devido, a classificação final deste concurso. Devemos dizer desde já, no entanto, que, nesta última etapa, a votação se animou extraordinariamente, artistas havendo que viram a sua posição alterada. No próximo número daremos, portanto, a classificação final não só dos seis primeiros classificados como de todos os outros que tiveram votos.

Os respectivos cupões serão devidamente ordenados por etapas e por artistas e poderão ser oportunamente vistos e controlados por qualquer dos concorrentes, para que assim não possa haver a mais pequena dúvida sobre o rigor e a lisura da classificação feita.

#### OS PRÉMIOS

Para este concurso há, como temos anunciado, os seguintes prémios: 1.º — Um magnífico aparelho de rádio «Palliards»; 2.º — Um relógio de pulso para senhora «Longines», uma marca de fama mundial; 3.º — Um serviço de «toilette» de cristal da Boémia; 4.º — Um colecção de perfumarias «Jour de Noels»; 5.º — Uma caixa de 12 garrafas de Vinho do Pôrto «Ramos Pinto», oferta dos agentes desta marca no sul do país, Sociedade Commercial Ermidas Parreira, Travessa do Corpo Santo, 10; 6.º — Uma caixa de 12 garrafas de Vinho do Pôrto «Ferrerinha», também oferta da firma Francisco Faure, Praça de D. Pedro IV, 93, agente destes vinhos do Pôrto também no sul do país.

Estes prémios serão sorteados entre os votantes dos seis artistas primeiro classificados. Entre os que votaram no 1.º classificado, será sorteado o 1.º prémio; entre os que votaram no 2.º classificado, o 2.º prémio; e assim sucessivamente. Os que votaram com mais de um cupão ficam, evidentemente, com uma maior probabilidade de ganhar o prémio, visto que a cada cupão corresponderá um número. Mas cada concorrente não terá direito a mais que um prémio, se tiver votado em mais de um artista classificado e no caso, de resto pouco provável, de a sorte o favorecer, no sortelo, em dois ou mais cupões. O sortelo será feito publicamente na presença de todos os concorrentes que a ele desejem assistir. A data desse sortelo será oportunamente anunciada.

#### UMA GRANDE FESTA DE RÁDIO

Esta nossa inciativa — a que outras se seguirão — culminará com a realização, numa das nossas melhores salas de espectáculos, de uma grande festa de rádio, que da manha como o respectivo programa está sendo organizado, será, estamos certos disso, um dos maiores acontecimentos artísticos da nossa capital.

E é o que temos a informar por agora. E já não é pouco — para fazer sensação.

## Á ESCUTA

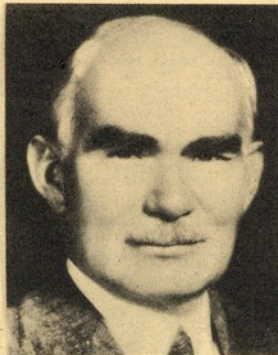
A FINAL, mau grado o nosso eco e das cartas que temos recebido, a Emissora Nacional continua com a sua crónica dominical, género monóplo. Voltamos a insistir: não seria mais simpático que ela fosse feita, alternadamente, por várias pessoas, ganhando, deste modo, em interesse e novidade?...

\*\*\*

Olavo de Eça Leal apresentou, na E. N., um novo programa: diálogo com o velho cômico Manuel da Silva, feito à laia de ventríloco, como aquele boneco que o cinema apresentou. O processo, isto é, a personalidade de Manuel da Silva é muito semelhante à do boneco que discute com o dono, ridicularizando-o. A primeira emissão não foi muito feliz. A voz de Manuel da Silva é falha de naturalidade, muito forçada. Esperemos que, em emissões futuras, estes senões venham a ser corrigidos.

\*\*\*

Muito bom, mesmo muito bom, este último número do «passa-tempo», em que Olavo e «Maria José» chamam a peça escrita pelo dr. Simpício, procurando organizar o programa de uma festa de beneficência. Mas quem fazia aquele papel do sr. Fonseca? Estava tão pouco à vontade, não estava?...



## Um sábio americano anuncia novas maravilhas na Rádio

O dr. Lee De Forest é um pioneiro no desenvolvimento da telegrafia sem fios. Os actuals prodígios do electrónio não teriam sido realizáveis sem a ajuda deste homem, que tem dedicado toda a sua vida ao estudo da rádio e da televisão.

De Forest nasceu em 1837 em Council Bluff e diplomou-se pela Universidade de Yale. Até ao dia de hoje já tem registadas nada menos do que 300 patentes de invenção para o aperfeiçoamento da telegrafia sem fios, radiotelefone, sonorização de filmes e radioterapia. Por ter radiodifundido em 1910 a voz de Curuso e ainda por ter, em 1916, transmitido pela rádio as primeiras notícias, mereceu o sugestivo título de «Pai da Rádio».

De Forest prevê grandes avanços no campo electrónico.

— O que temos à nossa frente?! — exclama ele a uma pergunta do jornalista americano que o entrevi-

tu — Novos princípios, mil vezes multiplicados depois da guerra, serão aplicados na terra, no mar e no ar. Prevejo que, pouco tempo após a guerra, havemos de ter em nossas casas seguros e práticos receptores com telas de projecção, dando figuras ampliadas e nítidas, detalhadas, bem iluminadas e nas suas cores verdadeiras.

Por se tratar de uma autoridade como o dr. De Forest, esta previsão do futuro da televisão é bem significativa.

## Colaboração luso-espanhola

**L**EMOS, com muito interesse, o editorial de «Primer Plano» assinado por Bartolomé Mostazas, e intitulado «A crise cinematográfica suas causas e remédios». Porque, a despeito da distância enorme que os separa, sobretudo no campo industrial, o cinema espanhol e o cinema português, encarados à luz dos seus problemas, coincidem em muitos aspectos.

O jornalista espanhol afirma com amargura que, apesar de um ou dois êxitos notórios, o cinema do seu país não se impôs ainda como arte. E enquanto uns atribuem as culpas à falta de artistas, guionistas e técnicos especializados, Bartolomé Mostazas aponta outras causas, entre as quais avulta, em seu entender, a produção de «táxis», pitoresca expressão que serve para documentar o sistema de fazer filmes, alargando o estúdio a tanto à hora, com sacrifício da qualidade artística, e tendo apenas em vista filmar depressa, para que o «contador» não arruine o produtor...

«Em Espanha improvisaram-se muitos cineastas, muitos especuladores da arte cinematográfica» — diz-se no editorial a que nos referimos. E, sobretudo, «para fazer da produção cinematográfica argumento jurídico para obter licenças de importação». «Esse — conclui o autor — é quasi todo o nosso cinema».

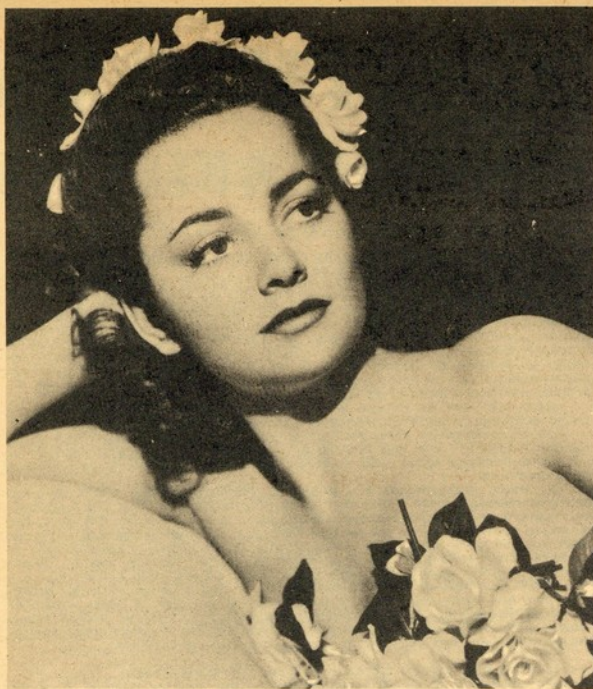
«Se os estúdios não são quartos de hotel para alugar ao primeiro que aparece»; se, por outro lado, «este mercantilismo baixo, cómodo e sem horizonte acabará por matar a galinha de ovos de ouro — e isso é exactamente o que está sucedendo em Espanha» — que soluções advoga o articulista para fazer face ao mal? Nada mais nada menos do que o monopólio, officioso, da indústria cinematográfica, à maneira da Alemanha e do Japão! «Um cinema monopolizado não é, em meu entender, o ideal, mas seria, nas actuais circunstâncias e enquanto elas durarem, um remédio para a situação miserável em que hoje se vive».

Não se nos afigura brilhante a solução preconizada por Bartolomé Mostazas, até porque, de um modo geral, somos avessos ao princípio dos monopólios, mesmo daquelas indústrias que o jornalista invoca para defender o seu ponto de vista. O articulista, por seu turno, também não parece ter muita fé no remédio aconselhado quando diz: «melhor do que o monopólio, é a integração da economia cinematográfica de Espanha na de Portugal e na da Hispano-América. Seria a mais eficaz irmandade, o caminho mais fácil e directo para chegar a uma mútua compreensão, a forma rápida das películas faladas em espanhol e em português adquirir de repente o mercado que as torne independentes da cinematografia norte-americana. Porque, não nos esqueçamos, o mercado espanhol não basta para que a nossa indústria viva e prospere. E outrotanto, com maiores razões, acontece em Portugal». E depois de frizar que o cinema autóctone dos países hispano-americanos — ibero-americanos, preferíamos nós — enferma de idêntico mal, Bartolomé Mostaza clama: «Pois bem! Poderíamos completar-nos, reciprocamente. Reunidas em fortes empresas — meia dúzia de grandes empresas — todas as possibilidades ibero-americanas, a luta com o cinema estrangeiro ter-se-ia igualado. Seria a altura de trocar as películas em que se houvesse obtido mais exemplar qualidade artística, por outras estrangeiras de idêntica categoria. E assim se faria a destriça de dois campos que hoje interferem: a produção de filmes e a sua distribuição ou venda no mercado».

Este desejo de colaboração hispano-lusitana, expresso no editorial da mais importante publicação cinematográfica espanhola, é tão louvável como notório. Simplesmente, parecem-nos demasiado teóricas as fórmulas até hoje preconizadas. E a de Bartolomé Mostaza não faz excepção.

Registamo-la pelo idealismo e pelo anseio que traduz. A nós, jornalistas, cabe-nos, de facto, a missão de pugnar pelo entendimento perfeito das duas cinematografias, que dêe trarão vantagens mútuas. Mas a fórmula dessa colaboração tem necessariamente que ser objecto de um longo e paciente estudo e, por sua vez, de entendimento perfeito entre os mentores e produtores dos países interessados. A palavra, pois, pertence aos homens de acção.

FERNANDO FRAGOSO



A linda, a doce, a suave Olivia de Havilland. Como uma deusa pagã, aparece, aos nossos olhos, ataviada de flores. Quem será capaz de reconhecer nesta imagem a tímida Melanie de «E tudo o vento levou?»

## SABE RESPONDER A ESTAS 10 PERGUNTAS?

**O** «test» da semana transacta interessou vivamente os nossos leitores. Recebemos inúmeras solicitações para continuar a publicar tão útil e interessante passatempo. Damos a seguir 10 perguntas destinadas a avaliar o «cinefilismo» dos leitores desta página.

1. — Olívia de Havilland nasceu em...

- ...Tóquio
- ...Bordéus
- ...Nova York

2. — O primeiro filme de Greta Garbo foi...

- ...A Rua sem Sol
- ...A Lenda de Gosta Berling
- ...A Tentadora

3. — Sónia Henie é...

- ...Sueca
- ...Finlandesa
- ...Norueguesa

4. — Frank Capra nasceu em...

- ...França
- ...Iugo-Eslávia
- ...Itália

5. — A «Canção de Lisboa» foi realizada por...

- ...Cotinel Telmo
- ...Leitão de Barros
- ...Chianca de Garcia

6. — O primeiro espectáculo cinematográfico realizou-se em...

- ...1895
- ...1870
- ...1901

7. — «Uma noite aconteceu» foi realizado por...

- ...Lubitsch
- ...Frank Capra
- ...Van Dyke

8. — «Vidas Tenebrosas» foi interpretado por...

- ...James Cagney
- ...Charles Laughton
- ...George Bancroft

9. — Dorothy Arzner é...

- ...Realizadora
- ...Actriz
- ...Argumentista

## Alicia Palácios

será a vedeta feminina de «Inês de Castro»

**N**ICIARAM-SE, no Pôrto e em Alcobça, os «exteriores» de «Inês de Castro», filme luso-espanhol que será dirigido por Leitão de Barros e Manuel Augusto Garcia Viriolas, respectivamente nas versões portuguesa e espanhola.

«Primer Plano» insere no seu último número, interessantes declarações dos dois cineastas, no que respecta à colaboração no trabalho comum.

Assim, Leitão de Barros afirmou: — Definimos a colaboração tal como é: discussão, sutura das nossas opiniões, mas não subjugação. Não cordial foi a minha com Garcia Viriolas, que a estas horas seria difícil distinguir qual foi o ponto de partida dos nossos caminhos respectivos até ao encontro na unidade, que é «Inês de Castro».

Garcia Viriolas acrescentou por seu turno:

— Se definimos a colaboração do cinema português e espanhol nesta película, pela nossa experiência de directores, mútua e pessoal, estou encantado. A nossa colaboração não é absorção de um dos dois. E mais adiante: «Depois de um quarto de hora de trabalho, esquecemo-nos de quem foi o autor das idéias».

A revista que publicou as declarações de Leitão de Barros e de Garcia Viriolas afirma que a distribuição dos principais papéis é a seguinte: Alicia Palácios (Inês de Castro), Maria Dolores Pradera (Constança), António Villar (D. Pedro), Villaret (o bóbo). As personagens portuguesas são interpretadas por portugueses. As espanholas, por espanhóis.

10. — Carole Lombard morreu...

- ...Num naufrágio
- ...Num desastre de avião
- ...Num desastre de automóvel

Anotem os resultados. Mais do que 8 respostas certas: muito bom. Mais do que seis: bom. Menos de três: simplesmente desanimador. Veja as respostas na pág. 20)

## UMA CURIOSIDADE EM HOLLYWOOD

**N**O átrio do Music-Box Theatre, em Hollywood, há um gigantesco timbale, que tem a particularidade de estar autografado por 10 das celebridades do Cinema e da Rádio. Clark Gable, que deixou crescer patilhas para um filme que vai interpretar, acrescenta a sua assinatura à copiosa lista das que ali figuram.



# A ÚLTIMA ENTREVISTA DE PAIVA COUCEIRO

## O HOMEM QUE DEFENDEU A MONARQUIA E COMBATEU EM ÁFRICA!

por PLÁCIDO BARBOSA

ces de cavalaria exerceram influência decisiva na formação do espírito e na carreira militar do brioso soldado de África.

Paiva Couceiro conheceu Mousinho de Albuquerque, mais velho do que é de 9 anos, pelos seus 12 anos de idade, na casa da mãe de Mousinho — onde fora levado por sua mãe, esbelta senhora da aristocracia inglesa, descendente da famosa e rica família dos Armstrongs, e que a Portugal veio casar-se, segundo os mesmos passos de D. Filipe de Lancaster, como numa profecia feita a própria história do herdeiro português digno continuador da obra e do sonho do Infante de Sagres — e logo ao primeiro encontro Couceiro ficou impressionado com o jeito valente e temerário daquele que havia de ser o mais glorificado soldado de África.

Mas, nas lutas de fixação do Império, é a Paiva Couceiro que cabe a glória suprema de bater militarmente os valentes soldados vátuas em Magul. Paiva Couceiro conhecia melhor do que ninguém o pensamento e tinha consigo a ordem breve mas concisa do seu chefe António Enes; derrotar os vátuas, que nunca havia sido possível derrotar, e prender logo de seguida o Gungunhana.

E, assim, desbaratados em Magul os valentes landins, Paiva Couceiro dirige-se imediatamente e sózinho, apenas acompanhado pelo seu impedido, ao encontro do Gungunhana que vai prender. Mas eis que no fim de 4 dias as febres «perniciosas» retém os dois portugueses temporariamente e quando estes chegam ao quartel de Chamite já o Gungunhana era prisioneiro do acaz Capitão Mousinho, que, por ironia da sorte, retirava assim a Paiva Couceiro a glória subime na justa culminância ao seu feito militar.

E foi este homem singular, soldado de África e combatente da Monarquia, que nos conhecemos, pela primeira vez, em sua casa de Santo Amaro de Oeiras, estava sua esposa nas vésperas da agonia, em Junho de 1941, e depois muitas mais vezes, até o dia de Julho de 1943, em que o Comandante nos fez pessoalmente entrega desta carta, que só em parte publicamos:

«Senhor José Plácido Machado Barbosa e prezado Amigo: Agradeço a carta de 20 e as explicações que nela se contém. E venho, por minha parte, trazer-lhe em resposta certas explicações de que julgo ser-lhe devedor. Começando por uns prélios considerandos. Nunca respondo direito quando me perguntam a minha idade. Porque os anos são um falso indicador, conforme o demonstra a história. Diogo de Azambuja, depois de muitos trabalhos anteriores, tinha 77 anos quando em 1508, sendo Alcaide-Mór de Moçambique, se apoderou de Sofala, por um golpe de mão, misto de audácia e arte. Vários capitães da Índia e da África saíram a campo, de lança em punho, com mais que essa idade, quando outros de 30 ou 40 anos, cujos nomes a história não regista, ficaram na cama ou debaixo dela. Por estas e outras, não digo nunca os meus anos, e não estimo portanto quando outros os dizem, nas melhores intenções, certamente, e também não estimo por outro lado, quando de mim, que passei a minha vida inteira a lutar pelo interesse nacional, um biógrafo diz que presentemente me acolhi a casa, a brincar com os netinhos. Porque isto equivale a dizer: «Já está agága», coitado. Também finalmente não estimo quando ouço a meu respeito a classificação de paladino da Monarquia, quando eu só combato pela honra e pela grandeza da Pátria. Professo ideias monárquicas, de facto, porque, segundo S. Tomás de Aquino, julgo mais eficaz o «comando dum» do que o «mando de muitos. Mas não foi por isto que peguei em armas em 1911, contra a República. Mas sim porque se instituiu ilegalmente pelas armas e, em grande parte, pela violência. E porque ilegalmente também, se instituiu, não como república nacional, mas sim como república sectária. Não para estabelecer a supremacia do bem nacional, mas para guerrear pátrias e aliares. Não para instaurar a moralidade na política, mas para continuar, agravada ainda, a bamboceta das eleições corruptas, e o escândalo dos favoritismos partidários. Demais não há o direito para alterar as cores nacionais arbitrariamente. As cores nacionais não se cozinham. Existem pela tradição. E as cores nacionais portuguesas são azul e branco desde o Conde D. Henrique, pai de Afonso Henriques. E pelo contrário, o encarnado e verde são as cores do federalismo ibérico espanhol de Puy e Margal, introduzidas aqui pelo sr. Magalhães de Lima que era federalista, conforme se prova pelo seu livro «La Federación Ibérica». Por esses motivos me levantei em armas contra a República de 1911, e não por outros. Sou até conhecido pelo homem do Plebiscito por pugnar por essa forma de acabar com as discussões intestinas.

Tempos antes havia-nos Paiva Couceiro feito entrega doutra carta em que nos declarava: «Não sou paladino da monarquia, mas sim paladino da Pátria, acima de tudo. Da Pátria e não de regimens». E os homens de todos os regimens o compreenderam, porque souberam ir num último preito de homenagem acompanhá-lo à sua última morada.

Desde o representante do venerando Chefe de Estado, Senhor General Oscar Carmona e dos seus dedicados companheiros da Galiza e da Monarquia do Norte, até ao vigoroso político da República, Engenheiro Cunha Leal, que nos primeiros dias de Janeiro de 1919 se havia levantado militarmente em Santarém para que Paiva Couceiro não fosse com as Juntas Militares para as tentativas monárquicas do Norte e Monsanto, a 19 desse mesmo mês, sem esquecer o Coronel Matias, sargento da Rotunda, em 5 de Outubro de 1916, a quem Paiva Couceiro havia dado combate, — todos prestaram homenagem devida a um Homem que pelas suas altas virtudes morais era um símbolo e no belo dizer do Poeta Afonso Lopes Vieira «uma Catedral».

É em Santo Amaro de Oeiras, numa linda vivenda, digna dum antigo Governador de Angola, casa sobranceira ao mar, a 80 metros da linha do caminho de ferro do Estoril, que hoje vive, rodeado dos filhos e dos netos, lindas e vivas crianças, velho de 81 anos, mas de rija tempera, em exuberante mocidade de espírito, o antigo caudilho monárquico, Henrique de Paiva Couceiro.

A sua volta, em tardes dum poente sanguíneo, poente da beleza incomparável do Estoril, acompanham-no meia dúzia de amigos fiéis, seus velhos companheiros de luta da Galiza. Paiva Couceiro escuta-os; disserta largamente sobre os mais variados problemas. Eles designam-no respetosamente por «Comandante». Couceiro, envergando ainda neste raral de primavera uma pelica de militar, vive na glória dos seus feitos do passado a grandeza do seu nome aureolado no presente. Ao primeiro contacto sente-se imediatamente que este homem, que tem o seu nome ligado aos últimos 50 anos da nossa vida pública, é acima de tudo um espírito de militar. Nasceu para comandar. Directriz de comando que sempre se impôs a si próprio — obedecer éle mesmo aos ditames da sua consciência. E assim, vai para a Galiza, porque verifica coincidir com o interesse nacional a sua oposição rebelde, activa, nefasta à República nascente. Assim vai para a revolta militar do Porto, conhecida na história pela Monarquia do Norte, num apelo às mais puras tradições nacionais, às mais lídicas qualidades da Raça. Numa como noutra das suas atitudes fica vencido, mas não importa; basta que se sinta honrado por haver cumprido o seu dever, travando batalha pelo interesse nacional.

Esbelta figura de cavaleiro, alto, desmedidamente forte, cabelos brancos, bigode erigido, um tom macilento, éle lembra o Infante primeiro da inculta geração, como éle, misturado nas suas veias o sangue de ascendência inglesa. Como o traça um dos seus panegiristas, «rígido e maleável, nervoso e calmo, eloquente e bisonho, alma profunda, capitão de outrora», calmo e reflectido, arrebatado e impetuoso — é um combativo.

Paiva Couceiro está sentado à escrevaninha; trabalha na recompilação do livro de António Enes sobre a Campanha de 1895 que vai sair em nova edição.

Ocupando posição, imprevisivelmente, jornalisticamente, disparamos:

— Comandante, precisamos de ouvi-lo...  
— Paiva Couceiro entrixeira-se no seu reduto e riposta:  
— O senhor vem a minha casa para me ouvir como jornalista. Desde já lhe digo que traz uma péssima apresentação. Todavia vem pela mão dum amigo meu e poderemos por tal motivo conversar como amigos. Porque doutro modo eu não falo.

Sem detenções, voltamos à carga:  
— Mas, senhor comandante, as campanhas de África, as incursões pertencem ao passado...  
— Tivéramos o condão de tocar Couceiro.

Amenamente éle inicia a conversa:  
— Não havia triunfos Cabecadas, que aqui veio noutro dia, eu disse que a República não havia triunfado pela força das armas. Quem deu os últimos tiros na revolução de 5 de Outubro fui eu. A República foi proclamada em 1910 pelo povo.

O único oficial, que batendo-se denodadamente em 5 de Outubro para salvar um trono de séculos, relata pormenorizadamente os acontecimentos que conduziram ao desastre:  
«Nas últimas eleições feitas pela Monarquia, eu fora proposto deputado pelo círculo oriental da cidade de Lisboa. Os dirigentes da Monarquia com o sentido de salvar o sufrágio agregaram, tanto ao círculo oriental como ao círculo oriental da cidade, os concelhos limítrofes de Lisboa.

Os corifeus da República rapidamente perceberam os intuitos da Monarquia e — entenderam, em toda a sua intensidade, a propaganda republicana e os comícios aos arredores da capital. E quando eu vim aqui a Oeiras fazer uma jornada de propaganda eleitoral, dei conta de que a massa do povo, de fora de portas, estava totalmente republicana, tal como a da cidade. Uma propaganda livre, na imprensa, na tribuna e nos comícios republicanos fizeram impôr na alma do povo a proclamação da República como indispensável e de interesse nacional. E não só na alma do povo a ideia de que a implantação da República era de interesse nacional se impôs, como no coração dos monárquicos que serviam o regime, de igual modo tal ideia se fez aceitar. E a este facto, pelo menos tanto como ao primeiro, se deve o triunfo republicano em 5 de Outubro de 1910...»

A intervenção de Paiva Couceiro no 5 de Outubro é por demais conhecida. No entanto, contada por éle próprio tem outro sabor:

— Logo que em 3 de Outubro, após o assassinato do Dr. Miguel Bombarda, as tropas revolucionárias acamparam na Rotunda, eu, como comandante da bateria de Queluz, acampe em Campolide para atacar os revolucionários. Pouco depois distribuía uma das minhas baterias pela embocadura da rua do Ouro, outra junto do Avenida Palace, aos Restauradores, e eu próprio seguia para o miradouro do Torel. Daqui fiz fogo contra o acampamento republicano da Rotunda, em 4 de Outubro, dispersando todas as forças republicanas que fugiram aos meus primeiros tiros. A Rotunda ficou vazia. Os majores Pala e Sá Cardoso, comandantes das forças da Rotunda,

vazia. Os majores Pala e Sá Cardoso, comandantes das forças da Rotunda, fugiram mesmo de Lisboa. Na noite de 4 para 5 dei conta de novo acampamento de tropas na Rotunda e sobre ela despejei, ao alvorecer da madrugada, as últimas granadas que possuía e sem possibilidades de que os comandos me distribuíssem outras, pois que os conspiradores republicanos haviam tido o cuidado de pôr as munições em mãos de quem não os ajudasse. Por que a República, como lhe digo, fez-se pela propaganda. Ao amanhecer, não tendo eu uma única granada para disparar, sentado na relva, em descanso, passou um pequeno grupo de civis que nos disse:

— «Está tudo arrumado. O que estão porventura a fazer aí, se a República já ganhou?...»  
— Não — respondi. — Aqui ainda estão soldados da Monarquia a bater-se.  
— Viva a República! Viva a República! — foi o clamor dos que passaram, a perder-se na distância.

Nesse mesmo momento, chegou-me uma ordem do Quartel General, instalado no Palácio dos Almadas, para que eu me apresentasse lá rapidamente. Numa presença extraordinária do que a seus olhos se patenteou, o chefe militar monárquico descreve-nos o ambiente que levou à proclamação da República:

— Quando visionei o Rossio, o coração cafu-me aos pés. O Rossio repleto de civis e de tropa que confraternizava com os civis, aclamava a República, enquanto massas de povo afloravam continuamente ao Rossio e ao Largo de S. Domingos, pelas ruas que ali desembocavam. Ao fundo, a caminho do Palácio dos Almadas, com uma bandeira branca, seguia, acompanhado de Machado Santos, o cônsul alemão que lá pedir um armistício para que os moradores dos prédios da Avenida da Liberdade saíssem, porque alguns prédios atingidos pelas granadas estavam a arder, o que era verdade. O comandante da guarnição aproveitou a oportunidade para realizar com Machado Santos um acordo, pelo qual reconhecia o triunfo das forças republicanas e tacitamente a impossibilidade de continuar a luta pelo nosso lado. A mim disse-me tudo ter terminado. Tentei convencê-lo, numa rápida exposição da situação geral, a concentrar as nossas forças junto do Arsenal, para evitar um desembarque da Marinha revoltada, porque outras forças armadas republicanas não existiam. Na Rotunda estavam apenas meia dúzia de sargentos... Couceiro parece viver essas horas, plenas dum dramatismo intenso. A sua voz ganha calor para apontar os factos que conduziram ao derruir dum trono:

— «Não o demovi do seu intuito, porque o mal era profundo. E que até a tropa, tal como os servidores monárquicos, estava comprometida de que a implantação da República era um bem que se impunha ao País. A mística republicana tinha triunfado em toda a linha. A propaganda republicana galvanizara intrinsecamente as massas.»

A sua atitude pessoal, talvez ainda insuficientemente esclarecida, é evocada através do gesto sublime dum Condestável que procura o seu Rei para se dar totalmente à batalha:

— «Em face do que sucedia eu comuniquei ao comandante da guarnição que não depunha as armas. E parti com os meus soldados ao encontro do Rei para dele receber ordens, no mesmo instante em que o povo seguia para a Câmara Municipal a proclamar a República. Dirigi-me a Queluz, os soldados rodeados pelo povo que vitoria a República, mas penetrados numa rígida disciplina. Em Queluz, porque não sabia os caminhos que estavam reservados aos meus intentos, mobilizei e levei comigo os dinheiros do cofre do quartel. Ao chegar a Sintra, com os meus soldados, recebo a notícia de que o Rei



A última fotografia de Paiva Couceiro, feita em estúdio

A entrevista que a «Vida Mundial Ilustrada» hoje publica com o falecido Comandante Henrique de Paiva Couceiro foi por nós conseguida no mês de Maio de 1943, em sua casa de Santo Amaro de Oeiras. Ainda não eram três horas da tarde desse dia quando entrámos em sua casa e já passava das oito horas da noite quando de lá saímos. Alguma coisa do muito que o Comandante nos disse é hoje publicado. O resto ficará para um dia.

Do mesmo modo vamos proceder para com uma extensa e curiosíssima carta sua, a nós dirigida, carta datada de 25 de Maio de 1943, e que nos foi entregue pessoalmente pelo glorioso Comandante na última visita que lhe fizemos, em Julho do mesmo ano.

Henrique de Paiva Couceiro, insubmisso, rebelde, combativo, foi sempre igual a si próprio, até ao último dia de vida. Nos últimos anos, porém, após o regresso do seu exílio das Canárias, éle como que se aquietara a si mesmo. O Comandante, como respeitavelmente, mesquinicamente, o tratavam os sempre fiéis companheiros de lutas da Galiza não queria nos últimos tempos que falassem nele. E sobretudo não queria que confundissem, que desvirtuassem de qualquer maneira o seu sonho de português à antiga.

Tudo um, duma só peça, Paiva Couceiro exilado em si mesmo, sonhara sempre em grande — tal como o Infante que se desterra para Sagres para ali, na ponta extrema da Europa, e junto ao Mar, sonhar o sonho dum Portugal Maior...

Dona Isabel de Paiva Couceiro Calainho de Azevedo, sua filha estremeçada e que com éle viveu os seus últimos anos de vida em Santo Amaro, acaba de mostrar-nos um exemplar dos «Lustadas» anotado por Mestre Afonso Lopes Vieira que o Comandante emotivamente dedicou a sua netta, filha do seu «cavante de campo Calainho de Azevedo, para que sinta e releia, «decore e r-corde» a «história verdadeira dos Portugueses», «contada em verso por Camões».

Os «Lustadas» foram sempre seu companheiro dilecto e inseparável, como inseparável de si próprio foi o seu sonho de português de outras eras.

É o seu dedicado amigo Dr. Francisco Manso Prêto Cruz que, com Francisco Xavier Saldanha (Quintela) e Conde de Vale de Reis, vai publicar numa edição próxima uma obra notável sobre a pessoa e a acção de Henrique de Paiva Couceiro, quem nos confirma que a epopeia dos «Lustadas» e os roman-

*Sto Amaro de Oeiras - Maio 5 1943*  
*Exmo Sr. Plácido Machado Barbosa*  
*meu amigo*  
*Agradeço - carta de 20, e as explicações,*  
*que n'ella se contém. E venho, por minha*  
*parte, trazer-lhe em resposta certos explica-*  
*ções de que julgo ser-lhe devedor. Começando*  
*por uns prélios considerandos. Nunca*  
*respondo direito quando me perguntam a*  
*minha idade. Porque os anos são um*  
*falso indicador, conforme o demonstra a His-*  
*tória. Diogo d'Azambuja, depois de muitos traba-*  
*lhos anteriores, tinha 77 annos quando em 1508,*  
*sendo Alcaide-Mór de Moçambique, se apoderou de So-*

Esta é a reprodução de um extracto da carta que Paiva Couceiro escreveu a Plácido Barbosa e que transcrevemos em parte



Em Julho de 1935, no jardim da sua casa de Santo Amaro de Oeiras, Paiva Couceiro e o seu netinho Manuel, filho de Calainho de Azevedo, genro e ajudante de campo do falecido paladino da monarquia



D. Maria do Carmo, filha de Calainho de Azevedo e D. Isabel Paiva Couceiro, netta predilecta de Couceiro, que lhe offereceu o valioso volume dos «Lustadas»



Paiva Couceiro tirou esta foto em Santo Amaro de Oeiras, com sua filha, irmã D. Helena, D. Helena de Paiva Couceiro, e Maria do Carmo, uma filha de Calainho de Azevedo e D. Isabel Paiva Couceiro.

havia embarcado na Ericelira para o exílio e a República estava proclamada em Lisboa.

Os olhos do Comandante deixam-nos entrever a saúde que ainda lhe val a alma ao evocar-nos doridamente.

— Voltai a Queluz, onde os oficiais de serviço haviam haseado já a bandeira republicana, em face das ordens emanadas do quartel-general de Lisboa. Repuz nos cofres do quartel a quantia levantada e retirei-me para minha casa. No dia 7 entrava no Ministério da Guerra com uma carta dirigida ao ministro, pedindo a minha demissão de oficial do exército e declarando aguardar por seis meses que a República se definisse como regime de interesse nacional ou como regime de facção, para assim lhe dar o meu apoio ou lhe oferecer a minha resistência de monárquico. A demissão não me foi dada.

A história é variada como os próprios acontecimentos. Paiva Couceiro diz-nos das suas relações com João de Meneses, propagandista republicano, fornecendo-nos uma visão dos meandros da política da época:

— João de Meneses, que muito se dava comigo, tentou convencer-me, nos primeiros meses de República, de que a Monarquia fora um regime de gatunos e para tal vasculhava constantemente as estantes do Ministério da Fazenda, onde chegou a apresentar-me ao respectivo ministro Dr. José Relvas. Nada me mostrou nunca, e não ser um dia um caderno de registos de pagamento para transporte de pessoas que iam ao Ministério dos Estrangeiros, às Necessidades, cadernos que eram pertença dum chefe de continúo e que serviam para justificar uma pequena quantia atribuída pelo dito Ministério para tal fim.

A João de Meneses eu confessava que o meu monarquismo assentava na razão de ser dos nossos oito séculos de história. A Monarquia era para mim toda a tradição daqueles nobres que nas primeiras dinastias eram os primeiros nas batalhas da grel. Não era a falsa monarquia dos marqueses, condes ou viscondes do Paço. Era a Monarquia que cimentava para sempre, para a eternidade dos tempos, a grandeza e a glória de Portugal, que tivera o seu esplendor mais alto na Epopéia de Quinhentos. Porque — disse eu a João de Meneses — se eu pudesse verificar que o interesse nacional conduzia a necessidade da República, eu não deixava de ser monárquico, mas asseguro-lhe que servia essa República. Diga-me Você João de Meneses — interroguei-o eu — se no caso inverso aceitava e servia a Monarquia? Sabia que João de Meneses se quedou silencioso e não me respondeu. E que o seu facciosismo republicano levava-o a não servir a Monarquia, fôsse em que circunstâncias fôsse.

Tempo depois, Ribeiro de Carvalho, no jornal «República», aproveitava este incidente para afirmar que o ideário monárquico estava desbaratado, pois que até aquele que os monárquicos designavam pelo «caudilho», declarara poder servir a República.

Ao princípio do seu sonho, levantado, patético sonho da Galiza, Paiva Couceiro vai buscar estas antigas recordações:

— «Contra a República formou-se desde logo uma conspiração chefiada pelo General Jordá Celestina da Costa, que fora durante vinte anos governador de Timor e era um oficial que tinha muitos elementos dentro da tropa. Essa conspiração viria a ser muito séria para a República se, passado pouco tempo, depois o General não morresse. Disseram até que envenenado, mas nisso não acredito. A mim próprio vieram convidar-me para essa conspiração, mas eu declarei a minha palavra dada ao regime nascente de seis meses de expectativa. Ora, findos os meus seis meses de expectativa, procurei de novo o ministro da guerra a quem disse que eu, como aliás toda a gente, podia verificar que a república nascente se revelava uma república não de interesse nacional mas de facção. Eu próprio não aceitava e como a fazer-lhe oposição e não estava disposto a ser executado pelos «formigas» lhe dava a ele ministro da guerra, dois dias, durante os quais me conservaria em minha casa, para que ele pudesse tomar qualquer atitude contra mim e após os quais abandonaria o País. Como nada se tivesse passado comigo, eu pude ao terceiro dia embarcar no Tejo num barco que me conduziu a Vigo. Ali me mandou Bernardino Machado, que eu conhecia pessoalmente do antigo regime, em que ele fora Ministro das Obras Públicas, um emissário da maior consideração que eu conheço. Ele próprio fôsse, convidando-me a voltar ao País».

Interrompe-me para o interrogar melhor.

— E foi então que o senhor Comandante se decidiu pelas incursões? O senhor Comandante acreditava no êxito dessas incursões de tal modo que delas resultasse a reimplantação da Monarquia?

— Não. Eu acreditava na maneira de ser religiosa e conservadora da gente do norte, porque da do sul nada esperava. E confesso que esperava algo mais. No entanto aquela gente moveu-se pela Monarquia e sacrificou-se...

Recordamos-lhe alguns casos do movimento incursionista e nomes como o do Padre Domingos Pereira e do jornalista Homem Cristo.

Paiva Couceiro esclarece-nos:

— O Padre Domingos de Cabeceiras é um homem que conhece toda essa extensa meada das incursões. Foi muito infeliz na sua vida, cotado! Muito infeliz e muito sacrificado, como aliás todos os vencidos. E é assim que acontece sempre aos vencidos...

Paiva Couceiro fica-se preso, por momentos, à lembrança do passado e logo continua:

— Eu tinha uma grande simpatia pelo jornalista Homem Cristo. Era um jornalista na verdade, apegado à palavra. Foi mesmo o único verdadeiro jornalista que o regime republicano teve. Ele e talvez João Chagas.

Eu lia sempre o «Povo de Aveiro». E há um artigo dele, após a morte do Rei D. Carlos, que só um jornalista de pulso, como ele, poderia escrever. Intitula-se: «Está vago o Trono de Sua Majestade». Homem Cristo era um homem muito inteligente, como eu tive oportunidade de verificar e uma pessoa de muito carácter.

Não sei se conhece que a vida sendo ele capitão esteve a comandar a força de guarda ao Faço. E o Rei D. Carlos que no fim do jantar costumava conversar com todos, que eu também assistia, conversou nesse dia, apesar de o saber republicano, com o capitão Homem Cristo. E gostou imenso de o ouvir, pela sua cultura, pela vivacidade do seu espírito, pela independência das suas idéias. E Homem Cristo ficou também a gostar e a admirar imenso o Rei D. Carlos. Por isso muito principalmente, porque constituía um acto de justiça ao rei maislnado, eu fiquei sempre a simpatizar com o Homem Cristo. Dêle é esta frase referindo-se ao rei: «Es de todos o mais inteligente e o único honrado».

Ora Homem Cristo era um homem que escrevia com a alma e com o cérebro e porque era inteligente e de carácter, não poupou ninguém na República. Um apenas não poupou, o António José de Almeida. Ninguém mais. Poucos meses depois da República implantada, pela sua atitude ostensiva para com ela, teve de resistir em sua casa de pistola em punho e acolher-se como eu às terras da Galiza. Ali nos encontramos e da nossa primeira conversa, partindo do ponto concordante em que nos encontramos de ostensividade à República e aos seus homens, resultou eu oferecer-lhe o comando das incursões na fronteira da Beira-Baixa, porque dali podia êle mais facilmente comunicar com os seus amigos de Aveiro e penetrar em território nacional, o que passou alguma tempo conseguiu.

— E Homem Cristo, que toda a vida foi republicano, não pôs ao senhor Comandante, desde logo, a questão do regime? — dissemos nós como que a inquirir, nesta ronda pelos domínios da História.

— Não. Nunca disso se tratou — informa-nos Couceiro. Porque nem eu a punha. Eu o que disse ao Homem Cristo, e era o que dizia a todos na Galiza, é que íamos trabalhar para derrubar os homens que estavam no poder e impôr um plebiscito ao País. Era a idéia do plebiscito que eu já em Lisboa quisera convencer o Ministro da Guerra que se fizesse. E para que resultasse mais nítida a idéia de que eu não queria outra coisa que não fosse o plebiscito, ali está — Paiva Couceiro apontou-a ao canto da sala — a bandeira primitiva da Galiza, sem a coroa real e com o escudo».

O jornalista Homem Cristo faleceu recentemente em Aveiro onde nós o procuráramos há meses para o ouvir. Curiosas foram para nós estas palavras do chefe das incursões da Galiza:

— «Ora, ultimamente eu li a entrevista em que Homem Cristo me classificava de homem honrado. Escrevi-lhe para lhe dizer que era o maior acto de justiça que eu ousava esperar do jornalista mais violento, que nunca poupou ninguém, que eu não queria outra coisa que não fosse a grandeza. Homem Cristo respondeu-me na volta do correio, numa carta atenciosíssima, a tal

ponto que eu estranhei o homem impetivoso de sempre, mas depressa, a meio da carta, pude reconhecer o director do «Povo de Aveiro» mas suas afirmações lapidárias e duras, cheias de fel e de dolo. Eu tenho hoje pela sua memória, como tive ontem pela sua figura, a mais grata recordação».

E numa frase lapidária que o definiu:

— «Era um leão no jornalismo que valia por 300 espadas».

Vieram avisar o Comandante de que eram horas de jantar, êle, porém, não queria deter-se na conversa já agora animada e relata mais factos prós e contra sua vida:

— «Por alturas de 1913, Rocha Martins, espírito liberal, mas cavalheiríssimo, dum simpatia rara e estranha, escrevia-me para a Galiza uma carta gentil em que me oferecia escrever uma obra de vasta amplitude e que fizesse inteira luz sobre o que se estava passando. Eu forneceria os elementos, que os tinha e vastos. Êle escreveria e a receita da obra caber-nos-ia a ambos de igual modo.

Respondi ao seu amável convite declarando que de dinheiro e de recursos estava eu bem necessitado, mas que os elementos que também os tinha, e vastíssimos, os não poderia fornecer, por motivos que êle bem poderia compreender, porque não só a ferir muitas susceptibilidades como prejudicar muita gente. O que eu não sei! Hoje talvez se pudessem dizer já muitas coisas, porque morreram muitos, a maior parte».

E como que a elucidar: — «Apresentaram-me, certa ocasião, o dr. João Elói, que foi juiz de Investigação Criminal da República, e em conversa dizia-me êle: «O que não seria de certos sujeitos que eu vejo para aí belamente instalados na vida se eu revelasse os grossos «dossiers» que sobre êles possuiu? Nunca mais eram gente!»

«Ora seria isso precisamente — diz-nos o comandante — o que aconteceria se eu revelasse nessa altura os elementos que possuía. E, como lhe digo, muita gente sabe que eu sei muita coisa...»

— Mas Joaquim Leitão publicou sobre as incursões numerosas obras...

— Eu nunca forneci a Joaquim Leitão quaisquer elementos. Mas o Joaquim Leitão andava comigo, acompanhava-me e via muita coisa».

Vai para três horas que o comandante está a conversar conosco. Mas na sua vida há passagens que são passagens da História de Portugal, e o comandante ainda não quer deixar vir embora:

— O Sidónio concedeu-me uma amizade. Volteti a Portugal e fui residir para casa dos Condes da Ribeira. Mantive-me neutro e não conspirei enquanto êle esteve vivo.

O comandante conheceu o Sidónio pessoalmente? — arriscamos nós como que a pretender trazer maior interesse à conversa.

— Não conheci. Todavia, tinha a seu lado, entre os seus mais dedicados servidores, alguns dos meus mais dedicados amigos, como o Silveira Ramos e tantos outros. Era motivo suficiente para eu me conservar quieto.

«Logo que êle foi assassinado, e desde a primeira hora que eu vinha a dizer que êle acabaria assassinado, comecei a mexer-me. Escrevi ao João de Almeida e ao Veloso, que se encontravam à frente das Juntas Militares, para ve a disposição em que se encontravam. Ora as Juntas Militares manifestavam-se pela organização dum Governo Militar que sucederia à Sidónio e comigo, em Lisboa, não queriam ter contactos porque eu, Paiva Couceiro, era a «Monarquia Integral».

«Por isso parti para o Pôrto, onde também existia uma Junta Militar, porém tendo agregada a si, e que a fiscalizava em todos os seus actos, uma Junta de oficiais novos superiormente chefiada por um coronel que conungava na mesma comunhão de idéias desses oficiais novos, que não só fiscalizavam a Junta Militar propriamente dita, como também lhe revogavam algumas das decisões e decretavam a decisão que finalmente acabou por se impor».

Foi dósse coronel o jornalista julga que tenha sido o coronel Silva Ramos, depois ministro das Obras Públicas da Monarquia do Norte, que eu recebi cerca da meia-noite de certo dia de Janeiro do ano de 1919, um cartão no qual me comunicava que a monarquia ia ser implantada e eu havia sido escolhido para chefe, e que não vinha êle próprio dizer-me porque ia partir para o sul em inspecção por causa da revolta democrática de Santarém. Ainda estive dois dias em minha casa, sem sair. Nesse espaço de tempo o ministro da Guerra Silva Ramos veio ao Pôrto sondar o que se passava, mas eu, por intermédio do comandante da divisão militar da cidade invicta, que era uma boa pessoa, fiz-lhe saber que não podia permanecer no norte e levei-o a assinar um documento em que, sob palavra de honra, se obrigava a não dizer nada do que se estava a passar no Pôrto até chegar ao Entroncamento no combóio especial que eu ia preparar-lhe para o meio-dia do dia seguinte.

«E no dia 19 de Janeiro de 1919, com a tropa formada, sem a assistência dos coronéis que haviam ficado em suas casas, e também ali não eram precisos, diga-se de passagem, a bandeira azul e branca era hasteada, em Monte Federal, pelo meu ajudante de campo e infelicitado genro João de Azevedo. A Monarquia estava proclamada. Correrá veloz a notícia. A guarnição aderira em péso e apenas houve um fleiteiro troteteo em Santo Ovídio, quartel do movimento de 31 de Janeiro de 1891, de tradições republicanas.

Henrique de Paiva Couceiro revive em entusiasmo o momento dessas horas triunfais:

— Ao dirigir-me à frente das minhas tropas para o quartel-general pude assistir à apoteose magnífica feita pela gente do norte à Monarquia, apoteose como nunca a República recebeu. Milhares e milhares de pessoas, com centenas de intenções de bandeiras azuis e brancas — só se explica tanta abundância de bandeiras monárquicas pela existência em larga escala do credo monárquico na gente do norte — aclamaram vibrantemente a Monarquia.

«Do antigo comandante da guarnição do Pôrto, a quem me fiz anunciar, e a quem comuniquei o desgosto para êle de ter de me entregar o comando, recebi êste sem a mínima resistência.

O jornalista que tudo quer saber, aproveita o momento azado para esclarecer a própria história:

— «Ficou, em 1919, a Monarquia do Norte, ter resultado a reimplantação definitiva da Monarquia em Portugal?»

— Como lhe disse, em Lisboa as Juntas Militares sempre se haviam manifestado em desfavor da implantação da Monarquia. E sem um triunfo em Lisboa nunca podia ser possível implantar a Monarquia em Portugal.

«Depois da derrota, ainda estive um mês em Portugal, em perigo constante, em casa de amigos do Minho, após o que penetrei em Espanha.

«Em Espanha estava no poder o Conde de Romanones. Com êle tentou, desde logo, a República Portuguesa negociar a minha entrega, a qual êle faria muito possivelmente sem escrúpulos, se dois oficiais espanhóis, o Comandante Geral da Seguridad Pública e um seu imediato, General Aguilera, êste mais tarde indicado para estabelecer a ditadura militar, missão que veio a caber a Miguel Primo de Rivera, não tivessem procurado o chefe do Governo do país vizinho para lhe comunicar «que o capitão Couceiro, chefe da monarquia do norte, que acabava de se acolher a terras de Espanha, era considerado seu hóspede».

«Eu sempre admirei muito o cavalheirismo espanhol e o espírito militar da oficialidade espanhola. Recordo-me que a primeira vez que tomei contacto com oficiais espanhóis foi em Mebla. Convidado para um jantar, apresentei-me fardado, com duas medalhas de Torre e Espada, ganhas em batalha. Todos os oficiais espanhóis trajavam civil. De todos os que estavam à mesa apenas um que estava na minha frente eu conhecia. Logo que me sentei, um dêles, do fundo da mesa, largou uma anedota em desprestígio dos portugueses. Eu riposteí contando três anedotas que amesquinhavam os espanhóis ao oficial que conhecia e estava na minha frente. E sempre assim procedi em todos os contactos que na minha vida tive com êles. As suas fanfarronadas eu respondi sempre altivamente.

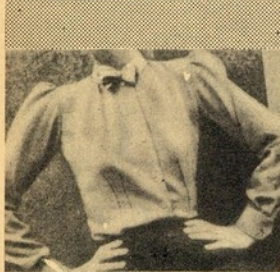
«Ficou, em 1919, o capitão Henrique de Paiva Couceiro, pelos seus feitos, foi proclamado benemérito da Pátria, ganhando a pensão de sangue que nunca recebeu, passa a motivo de evocação:

— Eu era governador de Angola quando mataram o pobre rei D. Carlos. Nesse dia 1 de Fevereiro estava eu no leito com um capacete de gêlo, por efeito dum queda de cavalo, e ocultaram-me a morte do rei. Em 9 de Março convenceram-me a vir a Lisboa distrair e descansar; tiveram o cuidado de não me comunicar nem me deixar comunicar, em Cabo Verde e outros pontos por onde passel, a morte do rei. Só em Lisboa eu soube do triste acontecimento.

(Continua na pag. 20)

## Cinco blusas para a primavera

O calor aperta. O sol abraça. O ar queima. Que bom podermos vestir uma blusa clara, fresquinha, que nos ponha à vontade! Contudo... reparem nas golas dos modelos deste ano!... Ai! moda, moda!... A quanto obrigas!...



## Correspondência

**Mariamãdia e Lisboeta Rebelde** — As vossas respostas ao nosso 3.º inquérito chegaram atrasadas à redacção. Apenas por esse motivo não foram publicadas.

**Edelweisz** — Gostei imenso da vossa cartinha, e creia que bem a compreendo. A vossa sinceridade atrai-me a simpatia. Na verdade, encontramos-nos em circunstâncias idênticas. Converse comigo sempre que o desejo. Por mim não receio, porque sinto prazer ao ler as suas cartas. Obrigada pelas bonitas palavras que me dirigiu. E obrigada ainda pelo beijinho que a sua Céuzinha envia à minha Anisabel que, se compreendesse, decerto retribuía contente!

## A RECEITA DA SEMANA

BEIJINHOS DE FREIRA

Açúcar pilado..... 500 gr.  
Amêndoas doces peladas e pisadas..... 400 gr.  
Gemas de ovos..... 10

Tome-se o açúcar pilado, dissolva-se e leve-se a ponto alto, juntam-se-lhe as amêndoas bem peladas e pisadas e mexa-se a mistura muito bem, deixando-se levantar o ponto, até que, arredando a massa com uma escumadeira, se descubra o fundo da vasilha.

Tire-se então do lume e vá-se deitando esta mistura em porções pequenas sobre dez gemas de ovos, previamente batidas, com as quais se vai misturando. Em seguida, deite-se a massa na vasilha que esteve ao lume e ponha-se esta de novo sobre fogo brando, até que ao arredar se descubra, de novo, o fundo da vasilha.

Quando chegar a este estado, deitem-se bocados da massa sobre discos de omeira e levem-se os bolos ao forno a secar.



## PAGINA FEMININA

### ROMANCES DA HISTÓRIA

#### Julietta Récamier fez uma préce!...

ISTO passou-se há muitos anos... Foi em França. Na França amante do belo, criadora de gênios, entusiasta da arte e impulsora de grandes acontecimentos. A vigília, o mesmo céu que a cobre desde o seu primeiro instante de existência!...

\* \* \*

A pequenina sala está quase deserta. Ilumina-a uma luz tão fraca, tão fraca, que mal se distinguem os objectos. Das outras salas vem o bulício, o amálgama de perfumes estranhos, suaves e fortes, românticos e gritantes. De vez em quando, ouve-se ao longe uma gargalhada. Depois, é a música tocada forte para que os pares se juntem e volteiem com elegância, contentes de prazer no leve toque de mão na dama proibida.

A um canto da salinha mal iluminada, está apenas um vulto. Um vulto que se inclina sobre um canapé estofado a sêda rosa. É a formosíssima Júlia Récamier — a famosa Julietta Récamier, como para sempre ficou conhecida — pensa! O que ela pensa não o diria a ninguém. Está inquieta, nervosa. Aborrecida consigo própria. No íntimo, trava-se uma discussão entre a sua inteligência e a sua sentimentalidade:

Porque receias? Porque te não atreves a ir já receber os teus convidados? Estás a ser incorrecta e infiel para os teus amigos. Eles esperam-te e tu bem sabes com que ansiedade eles te esperam. São tantos rendidos à tua beleza e ao teu espirito: o ardoroso romancista Benjamin Constant; o filósofo Ballanche, tão calmo e tão apagado, mas tão teu amigo; o filósofo Ampère, o estudioso e jovem Ampère, e tantos mais, tantos a quem a tua pureza e bom senso souberam manter a distância conveniente!... Quem receias tu agora? O teu novo visitante? É esse que te preocupa? Mas porque? Benjamin Constant também possui uns olhos belos e uma fila imensa de apaixonadas. E contudo... tu soubeste resistir-lhe. E olha que para resistir a um homem tumultuoso como Constant é já necessária força de vontade!... Não receias! Tens a tua fé! Não confias agora nela? Porque?

É a linda cabeça de Julietta move-se num desalento: Este é diferente!... Os seus olhos são fogo e a sua palavra prende. Tem versos sublimes e romances que me extastaram. Como será ele falando comigo? Como será ele na realidade? Benjamin Constant fala ao cérebro e a sensibilidade combate-o. Ballanche fala ao coração e o cérebro põe-o de lado. Mas este? Este falará ao coração e ao cérebro ao mesmo tempo. E quem o repellerá? Tenho esperança apenas na minha fé!... Na minha fé!...

Uma voz delicada sóa balzinho, fazendo estremecer a pobre e bela Julietta. É a sua íntima amiga:

— Querida, não demores, ele está a chegar. Depois, enlevada:

— Como estás linda esta noite!... Farás hoje mais uma conquista, uma preciosa conquista. Chateaubriand vai ficar maravilhado!...

Julietta sorri tristemente. E, ao entrar no salão, a bela Julietta fica como que aturdida. Chateaubriand, o arrogante Chateaubriand, entra também no salão, olhando em volta com a altivez de quem pretende dizer: Aqui estou!

Todavia, ao descobrir Julietta, encaminha-se maravilhado tocando ao de leve a mão fria e trémula de Madame Récamier.

— Sóis a mais bela imagem para ilustrar o melhor poema da minha vida! Julietta sorri para aqueles olhos profundos que parecem querer dominá-la, e intimamente faz uma prece:

— Mãe do céu! Lembrai-vos dos meus tempos de menina em que vos ia rezar nas capelinhas de Lyon!... Não me abandonéis, para que não sucumbal... E os seus olhos, sempre vivos e irrequietos, quedaram-se tristes, envolvidos pelo olhar profundo de Chateaubriand!...

MARIALIA

## Os nossos inquéritos semanais

### 4.º Inquérito: O problema do ciúme

DEVIDO à grande simpatia com que as leitoras da página feminina receberam esta nova secção, o êxito dos nossos inquéritos é sempre crescente. As cartas avolumam-se trazendo opiniões. E querendo «Vida Mundial Ilustrada» corresponder com igual simpatia publicando o máximo das melhores respostas, lembrámo-nos de as dividir em duas séries para cada inquérito. Assim, poderemos escolher dezassete respostas e publicá-las em duas semanas por ordem alfabética. Vão hoje oito opiniões escolhidas no nosso 4.º inquérito, seguindo as restantes no próximo número. Como consequência, os nossos inquéritos passam a ser quinzenais.

«O ciúme fatiga e faz arrefecer o amor. Considero o ciúme um defeito. É uma falta de confiança entre dois entes que se amam. Devemo-lo esconder, para o amor ser mais forte. Mostremos indiferença e a vitória será nossa!...»

DEUSA DO LUAR — Lisboa

«Sou de opinião que o ciúme enfraquece e não reforça o amor, sendo um defeito que dá origem a maus entendimentos entre dois seres que se amem. Como não é nenhuma virtude, acho conveniente nunca demonstrar que esse mal daninho nos rói o coração, evitando, assim, muitos casos que se podiam dar.»

DULCE SILVA

«O ciúme não pode existir nunca num lar bem formado. Repara! que digo «bem formado».

A grande confiança que se deposita na pessoa amada, faz desaparecer um ultraje essa palavra.

O homem vulgar, produto que a natureza fabrica por atacado aos milhares por dia, é incapaz de pensar desta maneira. Só esse pode concordar com o ciúme e — pior do que isso — fomentá-lo!»

EDELWEISZ — Porto

«O ciúme reforça o amor, porque todo aquele que o sente, é devido à falta de confiança própria e receio de não ser correspondido tão dedicadamente como desejava, resultando daí um maior desejo da conquista total do ente bem-amado.

O ciúme é um defeito. Num carácter bem formado, nunca existe o ciúme. E, sendo ele um defeito, deve-se escondê-lo tanto quanto possível, desenvolvendo em nós o auto-domínio, dirigindo para aí a nossa vontade, para que a vitória seja rápida e total.»

IVONE — Montijo

«Acho que o ciúme reforça o amor, porque se o sentimos temos a certeza de que amamos. Quantas vezes nós não sabemos que amamos e é justamente o ciúme que nos esclarece? Por isso não acho que o ciúme seja um defeito, mas também não

é uma virtude, pois com uma amizade sincera, forçosamente haverá uma grande confiança. Mas não se deve demonstrar que existe em nós o ciúme, para que ele veja que amamos com fé e com certeza de sermos correspondidas com igual força.»

HELENA — Coimbra

O ciúme não reforça nem enfraquece o amor, porque não há amor sem confiança, o que exclui o ciúme dentro duma afeição sincera. Amar e desconfiar? Não creio! Onde existe uma parcela de ciúme, não há perfeição no amor que é o sentimento mais belo, mais puro, mais santo e mais confiante de que é capaz o coração humano. Ser ciumentoso é ser imperfeito dentro do «capitulos» amor.

Se, porventura, num amor quisesse perfeito, houver um bocadinho de ciúme, acho que o devemos esconder, como se escondêssemos defeitos para que o ente amado não sinta o desgosto de ver que não inspira uma absoluta, uma integral confiança. Por isso, mocidade, confia! amando e amai confiantes!»

LEOLINA M. CLARA — Ovar

«Um coração albergando um grande amor, ao sentir-se alvejado por uma pontinha de ciúme, bate mais apressadamente, razão de que esse

(Continua na pag. 20)



É ESTA A EMBALAGEM DA VERDADEIRA



**IODALOSE GALBRUN**  
QUE O MÉDICO LHE RECEITA  
NÃO CONSINTA!  
... que lha substituíam por qualquer imitação com nome idêntico.

**IODALOSE GALBRUN**  
IMPORTANTE: A IODALOSE já foi falsificada e ainda é limitada.

DEPOSITÁRIOS:  
**LISBOA** F. A. CANOBBIO & C.ª, L.ª  
Rua Damasceno Monteiro, 142  
**PÓRTO** ERNESTO BASTOS LOPES  
Rua do Almada, 564

EMBALAGEM REGISTRADA  
EM TODOS OS PAÍSES

## A última entrevista de Paiva Couceiro

(Continuação da pág. 18)

«Penetrei-me de rebeldia, insurgi-me e fiz comício, um ao sair do Rossio para o Carmo, e outro em pleno Chiado. O Buíça e o Costa estavam no cemitério, entre os assassinos que tinham trabalhado na sombra continuavam em liberdade. Tal não deveria permitir a memória sagrada do rei.

Foi o suficiente para não me deixarem permanecer em Lisboa mais de 20 dias. Eu pedi a demissão do governador de Angola mas não me deram. Era Presidente do Conselho Ferreira do Amaral, o «Macaveiro», um espartalhão, um grande cágado. Mandando-me para Angola, ele via-se livre de mim.

A conversa muda de jeito, mas Paiva Couceiro não cessa de contar: — Três grandes jornalistas eu conheci na minha vida: António Enes, Mariano de Carvalho e Emílio Navarro. É muito difícil ser-se jornalista. Escrever para os jornais na verdade há muito quem escreva. Mas ser jornalista é deveras difícil. Eu agora não conheço nenhum. Fazer o artigo sobre determinado assunto, ver as coisas por um prisma que a gente não vê, e vê-las duma maneira tal que se nos torna difícil ser duma opinião adversa ou diferente da do autor é, em verdade, uma coisa rara.

Pois no gabinete de Carlos Lóbo de Ávila, ministro do Ultramar, estávamos um dia reunidos António Enes, Mariano de Carvalho, Emílio Navarro e eu. Nesse tempo, Moçambique limitava-se a Lourenço Marques, tudo o resto eram territórios da coroa, onde potendados como o de Gungunhana, composto de 300 mil vátuas, 30 mil dos quais armados de azagaías e adextrados guerreiros, constituíam um perigo permanente para a soberania portuguesa em Lourenço Marques.

Nessa reunião no gabinete de Carlos Lóbo de Ávila, pessoa muito culta, todos, porque todos conheciam a África, deuseram. António Enes fôra brilhante na sua exposição e traçara rasgado plano do que faria, se porventura mandasse.

Logo Lóbo de Ávila, que tão interessado ficara com a sua exposição, lhe comunicou que iria falar a José Luciano de Castro, Presidente do Conselho, para que o nomeasse Comissário Régio, para assim dar azo às suas realizações. António Enes advertiu que aquilo tinha sido conversa de amigos; não sabia, em verdade, o que poderia vir a ser a realização prática.

Não levou muito tempo que António Enes fôsse destacado para Moçambique como Comissário Régio.

Agora é Paiva Couceiro que nos interroga, pondo-nos em mãos um livro que tem em cima da mesa de trabalho.

— Conhece este livro? Não admira que não conheça. É raro. Está esgotado. É o livro-relatório de António Enes, A Campanha de 1895. Eu estou precisamente a compilar novos elementos para ele, porque vai sair uma nova edição deste livro.

É a história das campanhas de África, a obra portentosa da criação do nosso Império de além-mar no final do século XIX é-nos dada nesta admirável apreciação do grande colonialista e soldado de África:

— António Enes chegou a Lourenço Marques e traçou os planos que os exércitos passaram a executar. E toda a glória das campanhas de África veio a caber, talvez por ser militar, a Mousinho, quando, em verdade, ela cabe inteiramente a um civil: António Enes. Mousinho, de quem eu era amigo desde a infância, foi um simples comandante de esquadrão. António Enes organizara dois exércitos — um na zona norte e outro na zona sul. Eu próprio tinha um pósto mais destacado do que o de Mousinho. Enquanto eu era chefe de Estado-Maior das forças em operações na zona sul, Mousinho era chefe de esquadrão das forças militares em operações na zona norte. Mousinho de Albuquerque foi um simples executor do plano genialmente traçado pelo Alto Comissário Régio, António Enes.

Marracena, Macotene, Magul, Coalela são do traçado do plano do Alto Comissário Régio, e foram essas as batalhas que desmoralizaram o Gungunhana. Nomeado já Governador de Gaza, Mousinho efectua a campanha de Majancaca, ainda por determinação de António Enes. O Gungunhana está desmoralizado. Essa é que é a acção. Fácil foi realizar Chalimite. Milhares de pretos armados entregam-se, transidos de medo a Mousinho quando bastava disparar as suas azagaías para liquidar os brancos em muito menor número. A desmoralização, como António Enes previra, decidira tudo. E é curioso evidenciar ainda que é Sanches de Miranda que indica a Mousinho o caminho de Chalimite, por informação que obtém do gentio que o Gungunhana estava lá e devia ser atacado.

As últimas résteas de sol, do sol que desaparece no expoente maravilhoso do Estoril, iluminam agora a face de Couceiro, dando-lhe assim ressaibos duma figura de outras épocas.

Uma criada entra na sala-biblioteca, que começa a encher-se de sombras, trazendo no tabuleiro o jantar para o comandante.

Couceiro queixa-se nos dos ataques de reumatismo que últimamente o têm afligido e obstar a que trabalhe intensivamente como ele pretende e afinal precisa. O médico manda-o descansar. Ele desobedece-lhe inteiramente. — A minha vida — conta-nos ele em tom amistoso — passa-se toda aqui nesta sala. Por vezes saio, por aquela porta — que nos aponta — para o jardim donde veio o Tejo... E durmo ali naquele sofá — um sofá róseo, antigo.

Nós ficamos-nos a lembrar do homem que Joaquim Leitão, nos descreve, botas epopadas em água, embrulhado num sobretudo, dormindo, nas incursões, nos fraguados da Galiza e de Entre-Douro-e-Minho...

Vamos sair, vamos tomar um comércio que nos conduza a Lisboa, e Couceiro faz-nos esta síntese:

— Nós, uma nação de possessões no além-mar, tínhamos de ser aliados da potência que domina o mar. Essa potência é a Inglaterra. Daí a necessidade

## Os nossos inquiridos semanais

(Continuação da pág. 23)

amor ficou mais caloroso... mais sólido!

É, portanto, explicável que o ciúme — não sendo em cemasia — nunca pode ser um defeito. Também o não devemos demonstrar ou esconder totalmente. Quando ligeiramente transparecer... até nos pode ser benéfico!...

LISBOETA REBELDE

«Segundo a minha opinião, o ciúme tanto pode enraquecer como reforçar o amor. Isso depende da natureza psicológica de cada um e não podemos estabelecer uma lei que nos dê uma ideia geral das consequências do ciúme.

O ciúme não é uma virtude, nem um defeito. É uma maneira de reagir, levada, pela falta de confiança no próximo.

Tal como o disse no princípio, o facto de se esconder ou demonstrar o ciúme, dependerá da natureza da pessoa que amamos. No entanto, em qualquer caso, o melhor será agir discretamente, não fazendo cenas de exagerado histerismo, mesmo quando a razão do ciúme seja fundamentada. É falando com tanta calma quanto seja possível ter, nessas ocasiões, e com conhecimento exacto que nós devemos agir».

MAGDY

### 5.º INQUÉRITO

#### O PROBLEMA ECONÓMICO

— Segundo o seu critério, qual é o orçamento mínimo para a vida de um casal de posição mediana e sem filhos, nos tempos de hoje?

— Diga quais os gastos que reputa necessários e superfluos e qual a melhor maneira de manter perfeito equilíbrio caseiro sem pôr de parte o recreamento do espírito.

\* \* \*

As respostas a este Inquirido devem ser enviadas num postal para «Página feminina de «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 69, 2.º — Lisboa, até 16 de Maio.

## Sabe responder as estas 10 perguntas?

Eis aqui as respostas das perguntas formuladas na pág. 15

- 1.º — Nasceu em Tóquio.
- 2.º — A Lenda de Gosta Berling.
- 3.º — É norueguesa. Nasceu em Oslo.
- 4.º — Nasceu em Palermo, (Sicília).
- 5.º — Italiano, portanto.
- 6.º — Cotinelli Telmo.
- 6.º — 28 de Dezembro de 1895.
- 7.º — Frank Capra.
- 8.º — George Bancroft.
- 9.º — Realizadora.
- 10.º — Num desastre de avião.



AGUARDENTE VELHA  
**Niepoort**



**CASULO Limpas-Fatos**

VAI A TODA A PARTE ONDE SE PREZE A HIGIENE, A DECENCIA E A ECONOMIA: por suprimir radicalmente o lustro e as nádoas do vestuário. Lustro, nádoas, mau cheiro, são eliminados e os fatos ficam parecendo novos e duram mais. Composto feliz de 6 substâncias químicas inofensivas, actua sobre os tecidos renovando-os.

Cada pacote custa apenas 2800 e dá para 1 litro de produto.

Em todas as drograrias.

REVENDA:  
**SCHROETER & ALMEIDA**  
Rua da Madalena, 128, 2.º — Lisboa



**Sal**  
PARA COZINHA E MESA

**IRSA**  
O MELHOR

A VENDA NAS BOAS MERCEARIAS

Distribuidor exclusivo em LISBOA  
**IRMÃOS COSTA DIAS, L.ª**  
Rua Braamcamp, 62 - 64 — Tel. 40630



**FIXINA**  
O fixador de cabelos das pessoas distintas

A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA»

1944. Durante o mês corrente será ofertado a todos os compradores de «FIXINA» um lindo espelho mágico.

Botão maior, 15800  
Botão menor, 10800

Vende-se nas boas drograrias, barbearias e outros estabelecimentos. Laboratórios Rudi — Rua S.º Ildefonso, 29, Pórtio — Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., Ltd. — Rua dos Fanqueiros, 135-3.º, Dt. — Telef. 4 3582.

absoluta de mantermos com a Inglaterra uma aliança secular que pode muito bem ser dum interesse recíproco, mas que é, acima de tudo, do nosso interesse.

Lançamos um último olhar perscrutador àquela sala, e por segundos a nossa vista fixa-se numa prateleira com retratos d'ele próprio, da família, dos filhos e dos netos.

Paiva Couceiro dá-nos as suas últimas palavras: — Passei uma vida de sacrifícios, e o único proveito que eu tirei foi uma avultada soma de dívidas. Se não fôsse minha mulher ter alguma coisa eu não sei como teria podido viver. Mas orgulho-me de nunca me ter vendido e de ter sido independente e honrado toda a vida. Tem-me custado muito caro essa independência. Tenho vinte e dois anos de exílio e numerosas prisões.

Henrique de Paiva Cabral Mitchel Couceiro, paladino da Monarquia, antigo Governador de Angola, esforçado cabouqueiro do nosso Império, lá continua na sua adorável casa de Santo Amaro de Oeiras, entretido a fazer a história das campanhas de África, a recordar, que é viver pela segunda vez, ele próprio, os feitos que fizeram dele um dos grandes de Portugal...

## Um açoreano desembarcou no Estoril

É este exactamente o Jeremias de que há tempos se falou...

**F**ALOUSE, há quasi dois meses, no assunto... Muito ao de leve, é certo, mas de maneira a que a noticia não escapou à atenção dos permanentemente atentos a todos os movimentos da «estratégia desportiva»...

Um rapaz açoreano vinha nadar para o Estoril Praia. Publicou-se-lhe o nome. Como sempre, adiantou-se-lhe um cartão de visita, para impressionar o meio: uma promessa da nataçào, que já percorre tantos e tantos metros, em tantos segundos. Idade: 15 anos.

Os caçadores de noticias puseram-se em campo. Queriam ver o rapaz, fotografá-lo e ouvi-lo. A caixa, a noticia em primeira mão, é, invãrivelmente, o sonho do verdadeiro repórter... Mas o nadador não aparecia. A quem telefonava para o Estoril, respondiam que ele ainda não chegara. Mas que havia de chegar, claro!...

Passaram semanas, a efervescência dos primeiros momentos baixou — e o caso quasi esqueceu.

Até que há dias — e sempre assim: «há dias»... — a nova veia ao nosso encontro: o açoreano nadador já se encontrava no Estoril. Tirámos-nos de cuidados e fomos à piscina das Termas. Podia ser boato, e é perigoso levantar a lebre.

Fomos — e em boa hora. O Azinhais dos Santos lá estava, rodeado por mais de meia centena de alunos. Dando indicações a uns, corrigindo outros, observando estilos — ou ensinando simplesmente a nadar...

Amigos velhos, inquietos do reputado nadador-professor se era verdade estar naquele lote numeroso o açoreano...

Azinhais sorriu, hesitou por segundos e, baixando a voz, confidenciou:

— É aquêl... Chamou-se o rapaz. Esgulo, sêco, transpirando saúde por todos os poros...  
E o Azinhais falou:  
— Pois é este, o Jeremias da Ponte Simão. Quinze anos autênticos. Um metro e sessenta e sete. Promete crescer mais. É de família. O pai mede 1\*80, e um irmão com 18 anos vai em 1\*78!... Naturalidade: Horta (Fala), a mesma terra onde nasceu Mário Simas.

O Jeremias — diga-se num parêntesis, que ele não gosta da sua crisma, e apetece-lhe mudá-la... — é simpático e quasi não se lhe nota a pronúncia da ilha.

— Quando chegou?  
— No dia 11 de Março. Pessoas amigas, entre elas o sr. Moraes Ferreira, entusiasmaram-me a vir até ao continente. Fiquei encantado. Mas não surpreendido com o que vi. Já estava habituado a ver prédios muito grandes nos «filmes». Não fiquei de boca aberta, não arvorei em provincialano... Sempre que havia cinema, nunca falhava, e assim aprendi muita coisa...

— Quem o ensinou a nadar?  
— Ninguém. Via os outros, e tanto me bastava. Passava os dias inteiros dentro de água!...

O quê?...  
— Sim senhor. Olhe: um domingo estive desde as 10 da manhã às 8 da noite, dentro de água. Até para comer, mal pus o pé em terra!... Os senhores Azinhais e Moraes Ferreira sabem que é verdade...  
— O que nada?

— Estilo livre. Desde que cheguei ao Estoril entrei num regime especial de preparação. Treino todos os dias, 300 ou 400 metros. Três vezes por semana faço ginástica, adaptada à nataçào. E não esqueço nunca de percorrer 200 metros de táber...

Azinhais informa que Jeremias estranhou a água doce e desconhecia o que fossem viragens.

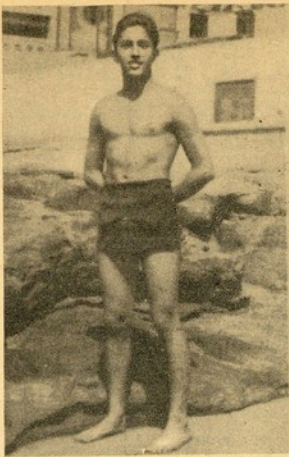
— Para seguir uma preparação dessa, tem que observar uma vida calma...

— Ah! sim. Deito-me cedo e levanto-me por volta das 8. Repouso o tempo necessário.

— Está satisfeito no Estoril?

— Multíssimo. Para mais, estou empregado na Empresa do Estoril, devendo ocupar um lugar no Hotel Itália, que reabrirá em breve.

O Jeremias tem o 2.º grau — e fala inglês!



— Pensa vir a ser um bom nadador?

Embarço momentâneo:  
— Gostava de o conseguir. Farei tudo para isso, e seguirei todos os conselhos...

— Se amanhã batesse o Mário Simas?

Os olhos de Jeremias dançam-lhe nas órbitas:

— O «samanhá» vem longe. Tudo pode acontecer — e é um sonho para não deitar fora...

— Aprecia mais algum desporto?

— Verdaderamente, só a nataçào. Este é que é o desporto número um.

— Agora vai menos ao cinema...

— Mas continuo a ir. Com autorização, claro está. Se deixasse de ver cinema, morrial...

Falaram os quinze anos buliçosos, irreverentes e povoados de sonhos do Jeremias da Ponte Simão...

Quinze anos por ora sem história — que pode, no entanto, muito bem começar agora!...

## DAQUI E DALI

No seu número 19, correspondente a Março, o «Boletim» de «Os Belenenses» transcreveu na íntegra o nosso artigo «A propósito de uma amputação», e a entrevista com Mariano Amaro, acompanhando essas transcrições com palavras de muita cortesia e, também, sabêmo-lo, de não menos sinceridade.

Nada têm que nos agradecer os desportistas de Belém. Os nossos processos de trabalho podem enfermar de mil e um defeitos, que uma virtude possuem e essa nos satisfaz íntegramente: serem claros e despassionados. Vamos sempre direitos ao fim, peito descoberto, enfrentando todas as responsabilidades. Uma vantagem por certo, de ter as costas largas...

Registamos com prazer a atitude do «Boletim» de «Os Belenenses», mas reafirmamos que nada nos deve.

\* \* \*

É dada com certa a vinda para o Atlético Clube de Portugal, do treinador da Associação Académica de Coimbra, Severiano Correia.

\* \* \*

Po rter casado e fizado residência em Guimarães, o extremo-esquerdo belenense Franklin, envergará na próxima época a camisola do Vitória daquela cidade, que, pelo que nos consta, se dispõe a reforçar — e a re- moçar — a sua turma de honra.

\* \* \*

Conforme se depreendeu da entrevista que nos concedeu o nosso prezado camarada José Dias Pereira, a Comissão Central de Arbitros de Basket-Ball, mostra-se disposta a imprimir uma orientação segura e consciente ao magno problema das arbitragens da popular modalidade. Ainda bem.

Marta Musilek, uma valorosa campã de patinagem artística

# DESPORTO

## Serenidade, base de trabalho proficuo

**A** «final» do Campeonato Nacional de Futebol da II Divisão decorreu em ambiente escaldante demais, para que se deva pôr uma pedra no assunto. O público de Lisboa, ao qual tantas vezes, e muito justamente, temos chamado «o bom público de Lisboa», não guardou, como devia, a indispensável serenidade para emprestar ao prélio o luzimento que, pelas suas características especiais, lhe merecia.

Incitar um dos contendores, com convicção e bons pulmões, não fica mal, antes pelo contrário. Que se tome o partido do supostamente mais fraco é simpático e representa poderoso estimulante. Mas fazer desse apoio uma vergasta, que se mostra ao outro antagonista — tão nobre e com tantos direitos como o seu adversário — para o amedrontar ou intimidar, sai fora do âmbito e do cenário que deve emoldurar uma pugna de desporto.

Manifestando simpatia desbordante pelos correctos trasmontanos, o público traduziu, de maneira inludível, a sua antipatia pelos não menos correctos estorilenses.

Conhecemos, evidentemente, as causas íntimas do mau-estar de parte da população desportiva da capital em relação ao grupo da Costa do Sol. Não está no espirito deste artigo «scalpelizá-las. Interessa-nos focar o problema objectiva e genericamente.

O público desportivo de Lisboa tem responsabilidades que não pode nem deve esquecer em qualquer emergência. O jogo era para ser disputado em campo neutro. Naturalmente, também em localidade neutral. O Vila Real não sentiu a mudança de ambiente, e vamos até ao ponto de afirmar que na sua terra não teria tanto apoio. O Estoril Praia, grupo pertencente à Associação de Futebol de Lisboa, achou-se, de súbito, num meio desconhecido, hostil, agreste, êle que, embora pensando em «neutralidade», poderia admitir umas palmas de simpatia da gente da sua região!...

Está bem? Não, evidentemente. O seu «crime», afinal, foi ter vindo dar mais uma contribuição valiosa ao desporto, que precisa de agremiações fortes, com condições de vida e não anémicas, vivendo de balões de oxigênio — e morrendo aos bocados!...

O receio de muitos — que o Estoril Praia capte, atraia ou anexe — elementos de outras colectividades menos favorecidas pela sorte, está hoje cercado por uma regulamentação rígida, posta em vigor pelo Estado.

Esse receio, de resto compreensível e muito lógico, desapareceu. Ou melhor: tem de desaparecer. O Estoril Praia, como todos os seus congêneres, vai produzir obra própria para o futuro. E ninguém duvidará que a realize, uma vez que outros com menos recursos têm erigido monumentos de trabalho e sacrificio que os honram e à causa por que se batem.

O que é preciso, o que é fundamental, é existir calma, serenidade, para deixar ver melhor, mais claro e mais longe.

Esses requisitos não se erigem apenas para dirigentes e dirigidos. Pedem-se também às «massas associativas ou simples simpatizantes. São elas que tornam possíveis grandes «milagres» de realizações. Em todas as circunstâncias, portanto, nunca podem deixar de ser «elas» a ajudar a um trabalho consciente, equilibrado — e honesto!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



# TOIROS

## Boas tardes de toiros no Campo Pequeno...

**R**ESULTOU esplêndida a corrida do Campo Pequeno, pois cada um dos toureiros principais que actuaram teve o seu momento de triunfo, arrancando entusiásticas ovações ao público que quasi enchia a praça. Para o êxito muito contribuiu a qualidade dos toiros de Infante da Câmara, que, de boa apresentação — o primeiro era um exemplar como há muito não viamos — proporcionaram lide excelente, devendo destacar-se o 3.º e o 6.º, que foram superiores, e excluir-se os dois últimos, um mal intencionado e o outro pouco propicio a filigranas. Em conjunto, porém, deram-nos uma boa corrida — o que justifica a chamada feita ao «ganadero» após a lide do terceiro.

João Núncio reapareceu ao publico da capital e, se no primeiro inimigo não esteve à altura dos seus créditos, deixando tocar a montada mais de uma vez, no 5.º toiro exhibiu toda a beleza do seu afiligranado toureiro, obtendo um êxito completo. Admirável, inexcédível mesmo. Tanto na preparação das sortes, como a consumá-las, a lide que deu a êsse toiro foi uma autêntica lição de bem tourear a cavallo.

Se dissermos que José Casimiro se não inferiorizou ao seu colega, fica afirmado que esteve verdadeiramente bem, sobretudo ao farpear o 6.º, numa lide que chegou a ter emoção pela maneira como entra aos toiros com o seu magnífico cavallo.

O «curto» com que fechou o seu labor nesse toiro foi dos grandes, dos que definem artistas da melhor qualidade.

Juan Belmonte, diligente como ainda o não tínhamos visto, talvez

por ter um mexicano a «apertar», fêz-se aplaudir com calor em excelentes «quites» por «verónicas» da melhor marca ou esplêndidos «faróis», em séries que rematou com aquelas «meias-verónicas» que trazem o selo da familia. Com a «muleta» fêz no 3.º uma «faena» bonita que por vezes foi interrompida pelos aplausos do público, deleitado com os belos «naturais», de «peito», «molinetes» e «manoletinas» com que compôs o seu trabalho. Foi pena que não «toureasse» mais o toiro, que muito o merecia.

As palmas de maior entusiasmo foram, porém, para o mexicano Rivera que, apenas abriu o capote, logo conquistou a assistência. E que Firmim mostrou-se um toureiro completo, de reportório vastíssimo e vistosíssimo. A beleza que imprime ao toureiro de capote é extraordinária, como a valentia com que maneja a «muleta» e a facilidade com que bandarilha. Por isso perderam por muito tempo as imagens que a todos ofereceu, lançando à «verónica» ou executando «gaoneras» e «chicuelinas» do mais puro quilate artístico. Com a «muleta» executou no 4.º uma «faena» bonita com passes de maravilhoso recorte, tudo com aquela alegria, graça e frescura de movimentos que distingue o toureiro mexicano.

Resta citar o acerto dos piões de Belmonte, bandarilhando e bregando, e o nosso António Correia, desta vez às ordens de Rivera, e que bem merecia uma ovação pelo oportuníssimo «quite» feito quando Belmonte, ao rematar uma série de «faróis», se viu em apuros.

Muito acertada a direcção de Manuel dos Santos.

## ...e em Algés

**M**AIS uma boa organização «Sol e Sombra» levou à praça de Algés uma das maiores assistências que ali temos visto. O cartaz era, de facto, promotor — principalmente porque os ciganos «Cagancho» e «Gitanillo» estão a manifestar regularidade e, ainda, porque, depois da corrida do Campo Pequeno, havia interesse em voltar a ver Gregório Garcia, que tão incerto se mostrara.

O interesse do público não foi totalmente logrado, pois a corrida teve momentos de muito brilho e, se toda ela não foi uma série de imagens do melhor sabor, a culpa não cabe aos toureiros, mas sim aos toiros, que, de várias «ganaderias», na sua maioria não cumpriram. Alguns manifestaram mesmo tanta mansidão e falta de casta que o sangue Soler, tão ditundido e adulterado já, quasi não deu mostras de girar nas velas destes pontudos. Como, porém, foi muita a vontade dos toureiros, a coisa compôs-se.

António Lopes farpeou muito bem o primeiro, mostrando que ainda conserva íntegras aquelas qualidades que lhe deram indiscutível categoria de cavaleiro correcto. Dois dos ferros que cravou foram de insuperável execução, entrando de frente e rematando como mandam as regras. Justíssima, pois, a ovação que o público lhe tributou.

Auxiliando a lide equestre, distinguiram-se Gorrão e, na brega, Correia e Gulsado, tendo Oliveira um bom par de bandarilhas.

Cagancho teve momentos admiráveis — em detalhes soltos, é certo — destes que marcam não somente a qualidade do toureiro mas, sobretudo, a arte, a essência que só o génio pode emprestar às «faenas». Um «quite» por «chicuelinas» que rematou «arrodillando-se» na cara, ouviu a maior ovação da tarde. Nuns «capotazos» «delantais», em «verónicas» templadíssimas e nalguns suavíssimos passes de «muleta» deu-nos ainda toda a beleza esquisita do toureiro cigano.

«Gitanillo» foi, em conjunto, o melhor dos três «espadas» — talvez porque lhe coubesse o melhor toiro, o terceiro. Com o capote tirou «verónicas» admiráveis, em séries magistrais que rematou com «meias» das que não esquecem. Executou uma «faena» de «muleta» quasi toda com a esquerda, num conjunto be-



Gregório Garcia toureando de «muleta» e «Gitanillo» rematando um «quite», na corrida de Algés

líssimo, esmaltado da mais pura arte. E em toda a tarde esteve a grande altura, pois até mesmo quando não tomava parte directa na lide, se sentia a sua presença pela colocação sempre certa na arena. Por isso foi o seu «quite», por mais duma vez, de flagrante oportunidade.

Gregório Garcia ainda se não encontrou a si próprio. Numa competição ingrata pelas características especialíssimas e excepcionais dos ciganos, esteve ainda longe do que pode e sabe fazer.

Tendo-lhe tocado o pior lote, se é certo que no último nada mais podia fazer, no 4.º havia toiro para uma «faena» de «muleta» diferente da que executou, muito embora fosse de aplaudir um ou outro passe de belo efeito e excelente factura. Cravou primorosamente dois pares de bandarilhas naquele terreno onde os toiros pesam mais. E primoroso foi um «quite» por «gaoneras», dos que firmam categoria e que ergueu o público em louco entusiasmo. Tudo isso, porém, continua a ser pouco para um toureiro com os recursos de Gregório Garcia para o que os seus admiradores esperam. E nós, como um dos seus muitos admiradores, continuamos esperando.

[AIME DUARTE DE ALMEIDA]

# CAPOTAZOS

## AINDA BEM



Foi com o maior prazer que vimos anunciar para o Campo Pequeno, uma corrida de Emilio Infante, toiros que ostentam um dos mais conceituados «ferros» de ganaderias portuguesas. E tivemos nisto prazer porque o facto nos garante que a Sociedade Campo Pequeno vai tornando realidade o que no principio da época foi apenas promessa. Assim se conquista a confiança do público...

## TOIROS «SOBREROS»

O mesmo público merece certamente que se lhe com atenção para o caso dos toiros «sobrerros» por forma a não ficar privado da lide de uma vez, quando esta se inutilize, como aconteceu no passado dia 30. Se nessa tarde o inutilizado era algum dos toiros destinados aos «espadas», o caso seria falado... Um dos elementos da empresa garantiu-nos, porém, que estava a tra-

tar-se do assunto e até já tinham uma solução interessante.

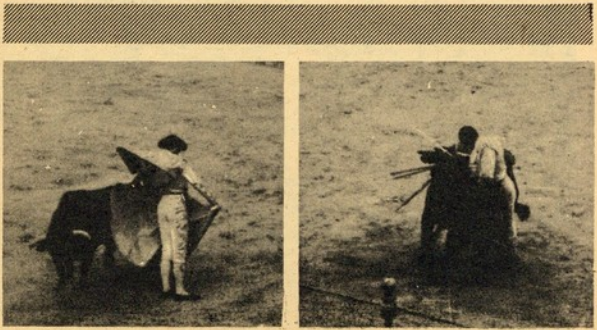
## VIVA MEXICO!



Já se encontram entre nós os «matadores» Arruza, Ahijao del Mata-deros, Firmim Rivera e o novilheiro Rangel, que trazem consigo, para iluminar as nossas praças, toda a alegria do toureiro mexicano, feito à base de cor e valentia. A excepção de Arruza, todos se acham dispostos a marcar com letras douradas a sua passagem por Portugal. E abrimos excepção para Arruza porque, segundo ele próprio nos afirmou, não veio disposto a tourear. Trouxe-o apenas o desejo de matar saudades do belo país que tanto o acarinhou quando ainda não era primeira figura.

«Ahijao» confessa o seu propósito de a todos dar luta, sejam ou não patrióticos, enquanto Gregório nos diz da sua impaciência pela chegada do dia 21, em que quer mostrar que nada perdeu das qualidades que o ano passado o tornaram idolo das multidões.

Benvindos sejam, pois, êsses mexicanos que, na sua bagagem, trazem tanta alegria e vontade de agradar!



No Campo Pequeno, Rivera executando uma «chicuelina» e arrimando-se colossalmente num passe com a direita

DO CINEMA PARA O THEATRO ?

Maria Olguim

só tem uma aspiração artística: chorar muito!

**L** EMBRAM-SE de «Ala-Arribas»? Aparecia lá uma mulher do povo, uma das poucas que não foi anunciada como povera, que deu nas vistas da crítica. Era Maria Olguim, um nome esquisito — bom, portanto, para fixar — que o cinema e o público não esqueceram. Maria Olguim tinha um papel dramático, intenso, vibrante: era mãe daquele rapaz bom que quasi vê a vida destruída pela raiva dos homens...

Pois Maria Olguim está disposta a tentar o teatro. Já recebeu vários convites — e as hesitações são mínimas. Irei eu, de facto, trocar o «écran» pelo palco ou servirá, fraternalmente, as duas artes tão semelhantes?

De qualquer maneira, Maria Olguim voltou, agora a filmar. Esteve em Lisboa para completar o seu último papel, na «Menina da Rádio», depois de aparecer no «Costa do Castelo», onde fazia, e muito bem, de velha ama da Milú. Agora, Maria Olguim regressou ao Pôrto, onde Leitão de Barros a foi descobrir, quando andava a procurar «poveiros» para o seu filme em que na verdade só dois poveiros figuram... Encontrou-a à meia-noite, à saída de um teatro e logo a contratou. Era «aquilo» mesmo o que elle queria: uma mulher de quarenta anos — no filme, já se vê...

Mas Maria Olguim tem um deseto: entrar num filme como nunca fez, com um grande papel dramático, em grandes papéis a artistas de quarenta anos. Aqui só se pensa e fala das meninas de 15 anos...

Quando estavam a filmar o «Ala! Arriba!» Maria Olguim — é filha de espanhóis — chorava tanto, que às vezes, quando era preciso repetir as cenas, até o Leitão de Barros protestava.

— Vá lá a ver, que a Maria Olguim está farta de chorar e vai desfazer-se em lágrimas!



Preguntámos-lhe, quando nos despedimos dela — foi para o Pôrto, já o dissermos, porque o seu papel está feito — perguntámos-lhe se ficou satisfeita com o seu novo trabalho. Ela diz-nos que sim, mas lastima-se:

— Só tenho pena de não ter «cêimes» do António Silva e da D. Maria Matos... Mas o sr. Artur Duarte achava que já lá havia ciúmes demais...

— Quando se estreia o filme? — Lá para o São João. Então, venho a Lisboa. Que eu quero vir para aqui viver. Aqui é que é a minha vida, aqui é que são os estúdios, aqui é que se faz cinema...

— E o Pôrto? — O Pôrto!...  
Vá lá, Maria Olguim é baírrista. Nada de arranjar complicações... O combóio apita, já lá vai a andar.  
— Boa viagem, Maria Olguim!



DOIS GRANDES BAILARINOS EM LISBOA

**L** ISBOA assistiu recentemente a dois magníficos recitais de dança: de Paul Goubé, 1.º bailarino da Ópera de Paris e Ivone Alexander, bailarina do Convent Garden.

Porém, como succede geralmente no nosso país, a crítica não soube ver, nem soube apreciar, nem soube criticar, em suma, o trabalho de Paul Goubé e Ivone Alexander. Só esse grande crítico que é o público sentiu e premiou a arte perfeita dos dois grandes artistas.

Um dos críticos lembrou-se de afirmar que estes artistas não valem os Sakaroff (!...). Outro duvidou que Paul Goubé fosse 1.º bailarino da Ópera de Paris e que Ivone Alexander fosse bailarina do Convent Garden de Londres e ajuntou ainda que eles nada de novo nos trouzeram...

— Francamente, francamente, pas-mo-nos que cavalheiros como estes se arvoreem em críticos e ditem a sua opinião ao público.

E, sendo, vejamos: Entre os Sakaroff e Paul Goubé não existem motivos de comparação. De facto, enquanto os Sakaroff sempre foram artistas interpretativos e que apresentam a dança, tal como a sentem, sem pretensões nem rigores de técnica, conforme a opinião do próprio Nijinsky — Paul Goubé são artistas retinamente clássicos e executam os seus números à base da técnica do bailado clássico. Podem comparar-se? Não!

Quando à afirmação de que Paul Goubé e Ivone Alexander nada nos trouzeram de novo, basta dizer que desde 1924 até agora só se apresentou em Portugal um grande artista: Alexander Swaine. Então, pergunta-mos: qual o artista que nos apresentou um «entrechat-a-quatre, cabriote, volé battu», etc. como nos apresentou Goubé, etc. como nos apresentou Goubé, sem demonstrar o mínimo esforço e fazendo alarde de preciosa escola?

Não duvidemos pois. A verdade é só uma: Paul Goubé é primeiro bailarino da Ópera de Paris e Ivone

Alexander é bailarina do Convent-Garden de Londres. E isso diz tudo! Simplesmente, gostaríamos que os senhores críticos — os chamados senhores críticos — tomassem a sua missão mais a sério. O crítico deve ter os conhecimentos mínimos essenciais que lhe permitam criticar desassombadamente o espectáculo que vai julgar e compete-lhe também orientar e esclarecer o público. Mas, neste caso, qual o grau de conhecimentos sobre baile, de alguns dos nossos críticos?

Deizemos, porém, esses casos que nos entristecem e ouçamos algumas interessantes opiniões que Paul Goubé e Ivone Alexander nos deram, numa pequena entrevista.

ELE DIZ QUE ESTAO NOIVOS...

O encontro é ali, no «salon», do Hotel Europa. Pela janela aberta avistamos lá, em baixo, no largo, a gente que passa, num vai-vém constante.

A nosso lado, estão Paul Goubé e Ivone Alexander. Curioso: assim, vestidos, «à paisana», eles não se parecem muito com os bailarinos que vimos ontem à noite calorosamente aplaudidos por um público entusiasmado...

Falamos despreocupadamente, longe da ideia das entrevistas com perguntas sacramentais e respostas estudadas. A certa altura, Paul Goubé confessa-nos que ele e Ivone Alexander estão noivos. A bonita e loira Ivone, porém, limita-se a sorrir o seu constante sorriso de satisfação...

Depois Paul Goubé conta-nos alguma coisa da sua vida: Nasceu em Paris, aos sete anos entrou logo para a Escola de baile da Ópera de Paris. E um dia, aos 17 anos, adoeceu o seu professor, Gustav Ri-caux. Goubé substitui-o no «Romeu e Julieta», um dos ballados mais difíceis sob o ponto de vista técnico. De tal maneira se houve que aos 20

anos foi elevado à categoria de 1.º bailarino. Desde daí tem sido o triunfo e a glória — através de obstáculos e de invejas e de dificuldades mil...

A história de Ivone também é sugestiva: nascida no Norte de Inglaterra, começou a dançar aos 10 anos, em Barcelona, e aí se conservou até que por ocasião da guerra civil foi para Londres. Em Londres, terminou o seu curso, dançou no Albert Hall com Alicia Mackova. Depois entrou para o «London Ballet», dirigido por Antony Tudor, o qual está fazendo grande êxito actualmente na América do Norte. Foi precisamente com este «ballet» que ella se apresentou no Convent-Garden. Por isso, na guerra e guerra juntos os destinos de Paul Goubé e de Ivone Alexander...

DOZE HORAS DE REPOUSO...

Preguntamos a Paul Goubé: — Segue algum regimen especial? E ele, sem grandes demoras: — Como de tudo, principalmente alimentos ricos em vitaminas. Bebo normalmente, não fumo e repouso 12 horas por noite... sempre que me é possível. E quando trabalho em excesso, tomo um pouco de cálcio e faço-me vigiar pelo médico três a quatro vezes por mês. O bailarino necessita de ter o máximo cuidado com a sua preparação física, pois um enfraquecimento é sempre perigoso.

A conversa recai agora sobre recordações da vida artística. E Ivone Alexander, sempre sorrindo, que nos conta um episódio pitoresco: uma noite no Teatro Espanhol, no penúltimo movimento dum número, as sapatinhas escorregaram e ella estatelou-se ao chão. Então, sem perda dum segundo, Goubé ajoelhou a seu lado, tomou uma attitude e segredou-lhe:

— «Levanta uma perna. Toma uma attitude. Ninguém perceberá». E, na verdade, ninguém percebeu! O número foi imensamente ovacionado!

OS MELHORES BAILARINOS DO MUNDO

Na opinião de Goubé — uma opinião competente — são estes os melhores bailarinos do mundo:

— Massine, Auton Dolin, Lichine, Robert Helpmann e Sérgio Lifar.

Quando às bailarinas, ele também não deixa de se pronunciar:

— Baranova, Alicia Markova, Danilova, Tomanova, Solange Swarts, Darsonville e Chauviré.

Falámos sobre Nijinsky e Lifar. Goubé confessa-nos, sinceramente: — Infelizmente não vi dançar Nijinsky mas sei que elle foi o maior bailarino de todos os tempos. Lifar, desde que entrou para a Ópera, tornou a dança clássica mais marcada, dando-lhe algumas características da escola russa que é bastante diferente da escola francesa.

Uma pergunta oportuna: — Qual o país onde a dança clássica está mais desenvolvida? — Na Rússia!

E logo outra pergunta diferente: — Tem alguma grande ambição artística?

Os olhos de Goubé brilham mais. — Voltar a ser «mestre de ballet» da Ópera de Paris!

PORTUGAL É UM PAÍS EXTRAORDINÁRIO...

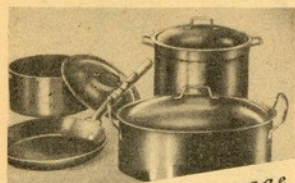
Ambos se mostram maravilhados com o nosso país e o nosso povo. Ficaram surpreendidos de ver tanto público no Coliseu e de terem sido aplaudidos tão calorosamente.

A sorrir, falámos no racionalismo.

Paul Goubé faz uma cara de pasmo:

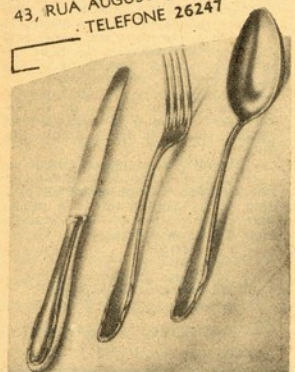
— Como? Há racionalismo em Portugal? Nem daí por isso, posso-lhe garantir... Tenho comido tanto e tão bem... Os portugueses possuem um país extraordinário! Quando lhe-nha no combóio, tive a impressão de entrar num país de conto de fadas... Ficámos por aqui. É um bom fecho — para a nossa amena conversa. Falta apenas dizer que Paul Goubé e Ivone Alexander partiram... com a esperança de voltarem. E — quem sabe? — Talvez voltem casados...

# PÁGINA DAS UTILIDADES



Artigos para menage  
CUTELARIA  
e UTILIDADES

Horácio Alves, L.<sup>da</sup>  
43, RUA AUGUSTA, 51 — LISBOA  
TELEFONE 26247



OUVIR UM *Luxor*  
é um prazer!

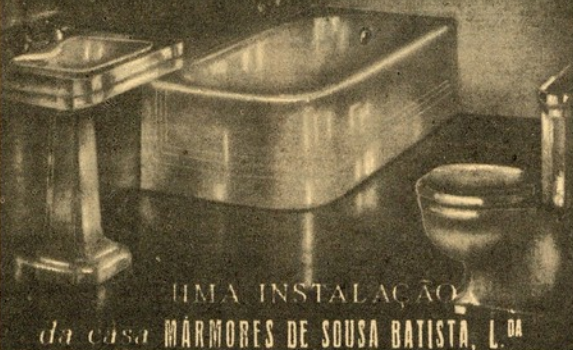


Jóias — Pratas  
Ouro

e Relógios

Joalheria *Moraes*  
RUA NOVA DO ALMADA, 98  
Telefone 27662

O essencial  
para uma boa habitação

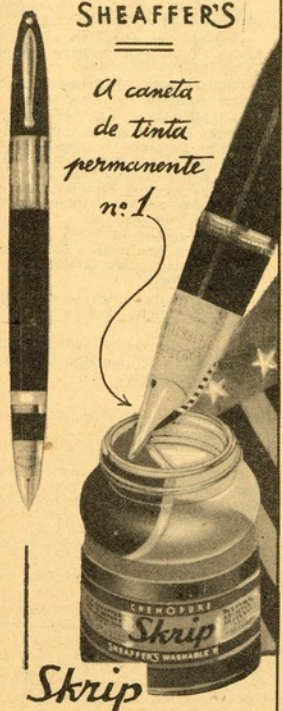


UMA INSTALAÇÃO  
da casa MARMORES DE SOUSA BATISTA, L.<sup>da</sup>

PRAÇA DO MUNICIPIO, 30 — LISBOA — TELEFONE 27643

SHEAFFER'S

A caneta  
de tinta  
permanente  
n.º 1



Skrip

O SUCESSOR DA TINTA

Todas as vantagens  
de qualidade e preço



na

*Foto Central*

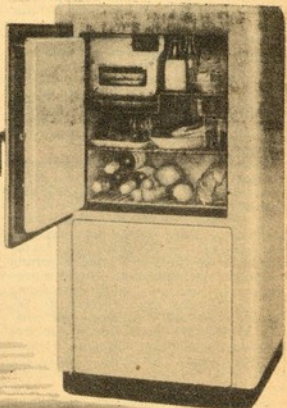
Cópias e ampliações perfeitas  
Record de rapidez (em 5 horas)

MATERIAL FOTOGRÁFICO IMPECÁVEL

RUA DA PALMA, 37 — LISBOA  
TELEFONE 23716

Frigoríficos Domésticos

*Therma*



CASA CAPUCHO

121, Rua S. Paulo, 129 - LISBOA  
139, R. Mousinho da Silveira, 163  
PORTO



Tudo para um belo lar  
no *LARBELO*

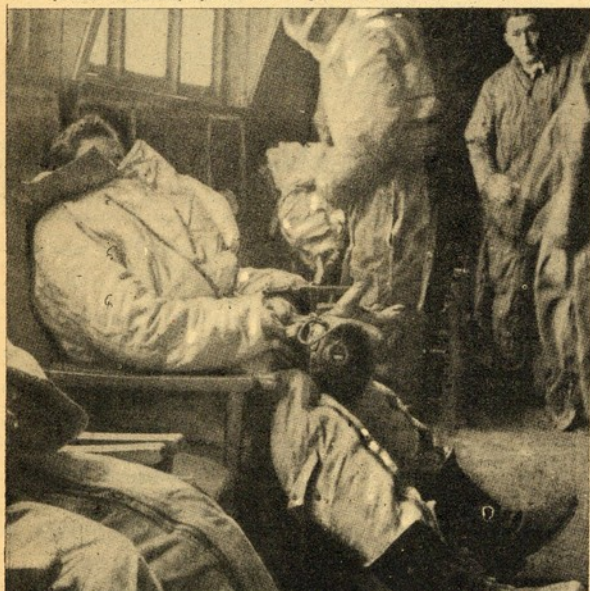
195, RUA DA PRATA, 197 — LISBOA

Antes de fazer as suas compras consulte esta página

# NOTAS DE GUERRA



O general Mac Arthur, comandante-chefe das forças Aliadas no Pacífico, está há dois anos naquele posto de suprema responsabilidade. Para distinguir o bravo oficial, o governador da Austrália, Lord Gowrie, em nome de Sua Majestade britânica, ofereceu-lhe a grã-cruz da Ordem do Banho.

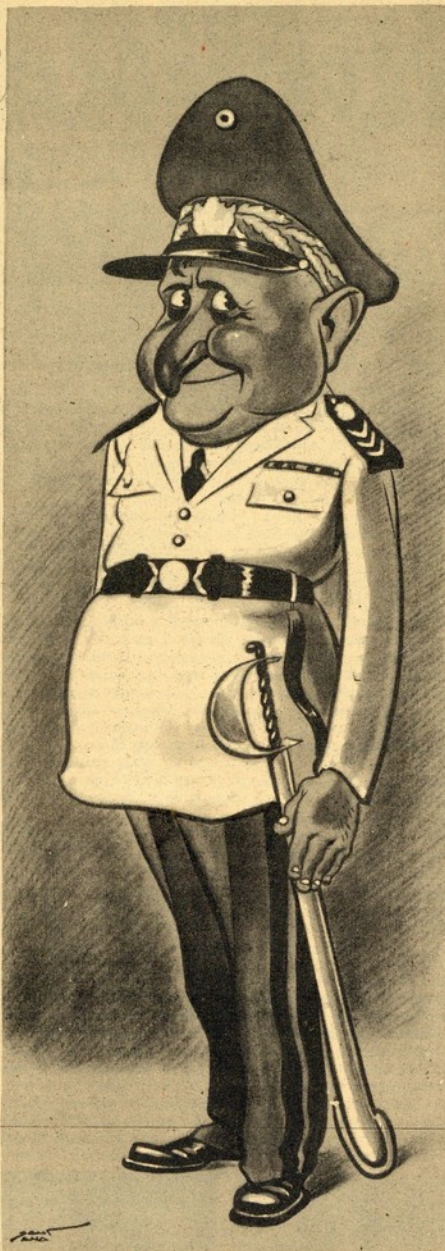


Quando os «raids» acabam, os soldados ficam exaustos. A emoção, a tensão e os nervos dominaram os pilotos da R. A. F., porque todo o cuidado é pouco, ao pontaria, na fuga à perseguição dos caças e da defesa anti-aérea. Foram os pilotos os que mais sofreram. Agora, é preciso descansar um pouco...



Sebastopol, quando os alemães entraram e tomaram conta de um terreno heróicamente conquistado palmo a palmo, era um montão de ruínas. E assim permanece, com casas sem telhas, nem abrigos para vivos. Hoje, todavia, Sebastopol prepara-se para enfrentar de novo a luta. Entretanto, é preciso reconhecer o estranho facto da ofensiva ter passado além de Sebastopol, parecendo não dar pela sua existência.

## FIGURA DA VIDA MUNDIAL



GENERAL GASPARDUTRA — Chama-se Enrico Gaspar Dutra o prestigioso Ministro da Guerra brasileiro, homem de grande energia e de uma só fé nos destinos da sua pátria. Ao lado de Getúlio Vargas, dominou as revoltas de 1936, fez frente a todas as crises e preparou o exército brasileiro para a sua entrada na Guerra. Por outro lado, a política de aproximação americano-brasileiro deve muito a este embaixador extraordinário de amizade do Brasil pelos Estados Unidos. Na sua recente visita ao país de Roosevelt, o general Gaspar Dutra, fez afirmações de carácter oficial e conquistou mais provas de estima — e, possivelmente, mais elementos de combate.

(Caricatura de Santana)

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Terrão \*

## Capítulo XXV - A campanha africana

### NO ALVORECER DO ANO NOVO

COM o alvorecer do ano de 1942 a situação no Norte de África podia já ser vista com alguma certeza. As forças do Eixo conduziam uma vigorosa acção de retaguarda em Jedabia, próximo da fronteira de Tripolitânia, e as suas guarnições isoladas mantinham-se em Bardia, Sollum e Halfaia. A pressão britânica, em volta destas posições, aumentava incessantemente. Na noite de 1 para 2 de Janeiro as forças imperiais iniciaram o ataque a Bardia ocupando as localidades que constituíam o seu sistema defensivo.

O ataque foi realizado por uma formação poderosa que incluía a 1.ª e a 2.ª divisões sul-africanas, uma força de tanques ingleses, artilharia inglesa e polaca e um contingente mecanizado de neo-zelandeses. Os defensores de Bardia eram comandados pelo general alemão Schmidt e os atacantes eram comandados pelo general Villiers. Reconhecendo a impossibilidade de prolongar a resistência, o general Schmidt preferiu inutilizar as suas reservas de munições e render-se.

Apesar das medidas de precaução tomadas, a ocupação da cidade ainda se traduziu pela apreensão dum despójo apreciável em material de guerra, sendo igualmente feito um grande número de prisioneiros. Entre estes figuravam cerca de 1.800 alemães e 5.800 italianos. Na cidade encontravam-se igualmente algumas centenas de feridos e foram libertados, por ocasião da sua conquista, mais de mil prisioneiros britânicos que haviam sido feitos em acções anteriores.

Em seguida à ocupação de Bardia, o comando britânico iniciou uma operação de certa envergadura para fazer cessar a resistência das forças do Eixo em Halfaia. A operação foi precedida dum violenta acção aérea em que tomaram parte esquadrilhas da R. A. F. e da aviação da França Livre. A operação, planeada pelo general Auchinleck, teve o seu início na noite de 11 de Janeiro. Simultaneamente foi iniciado um ataque à posição inimiga de Sollum.

A defesa do desfiladeiro de Halfaia e da posição fortificada de Sollum foi mantida, eficazmente, pelos alemães e italianos, obrigando os britânicos a empregarem-se a fundo com várias esquadrilhas de aviação.

### A RENDIÇÃO DE ALFAIA E SOLLUM

A defesa do desfiladeiro de Halfaia era dum grande importância para o prosseguimento da luta por parte dos alemães. A sua guarnição acabou por ser alimentada e remuniçada por aparelhos de transporte que, diariamente, partiam para esse efeito dos aeródromos da Grécia. Mas essa situação não podia prolongar-se por muito tempo, pois os elementos que compunham aquela guarnição começavam a dar sinais evidentes de cansaço e de fome, ao mesmo tempo que as munições começavam a escassear-lhe.

Depois de algum tempo de luta, os britânicos fizeram vir reforços de franceses livres que deviam pôr termo à resistência das tropas do Eixo que defendiam o desfiladeiro. Essas tropas, colocadas em situação de manifesta inferioridade



O major-general Schmidt e o general Leclerc, que nesta fase da batalha desempenharam tão importante e decisivo papel.

numérica, começaram a encerrar a necessidade de se renderem. O seu comando estava entregue a um oficial italiano, o general Georgis.

Este enviou parlamentários para conferenciar com o comando britânico a fim de apressar a rendição e evitar o prosseguimento da luta, que era sem esperança. Entre os defensores encontravam-se os soldados experimentados da divisão italiana Savona. As negociações para a rendição prolongaram-se durante algumas horas, mas o comando britânico mostrou-se inflexível na exigência da rendição incondicional. Esta acabou por ser aceite.

O número de prisioneiros feito era apreciável. Entre eles contavam-se mais de dois mil alemães e cerca de três mil e quinhentos italianos, quasi todos pertencentes à divisão Savona. Entre o material apreendido figuravam mais de cem peças de artilharia de todos os calibres, além de numerosas armas ligeiras.

A luta prolongara-se ao longo dum semana, podendo considerar-se terminada em Halfaia e Sollum no dia 18 de Janeiro. Estas operações de limpeza tinham sido conduzidas, com êxito, pelas forças britânicas e tinham, no seu conjunto, produzido um número razoável de prisioneiros, mais de doze mil, e a apreensão de material de guerra valioso que não era muito fácil substituir e fazer chegar ao campo de batalha.

### OS ABASTECIMENTOS E REFORÇOS DO EIXO

Enquanto estas operações prosseguiram nas proximidades da fronteira do Egipto, Rommel, nas proximidades da fronteira da Tripolitânia, procurava recompor-se o mais rapidamente possível da derrota sofrida e voltar a combater. Isso dependia da qualidade dos reforços que lhe fossem enviados e da rapidez com que esses reforços chegassem ao seu destino. Era, portanto, dos serviços administrativos do Eixo que dependia, fundamentalmente, a possibilidade de voltar ao ataque num prazo de tempo relativamente curto, o que estava aconselhado pelas condições gerais em que a guerra se estava desenvolvendo nas outras frentes.

As forças britânicas que iam em perseguição de Rommel eram apoiadas por poderosas formações da R. A. F. às quais a aviação alemã procurava prejudicar, o mais possível, os movimentos. Embora nem sempre conseguisse realizar inteiramente o seu objectivo, a Luftwaffe desenvolveu uma acção valiosa para retardar o avanço dos britânicos que iam em perseguição das forças de Rommel.

Essas forças recuaram até El Agheila, posição extrema que não deviam abandonar até à grande ofensiva aliada do fim do ano. A chegada dos alemães e italianos a El Agheila verificou-se em 14 de Janeiro, quando o comando britânico estava vivamente empenhado em liquidar os núcleos de resistência que se tinham mantido junto da fronteira egípcia.

O retardamento que esse trabalho trouxe à marcha das operações foi aproveitado pelo comando alemão para fazer chegar, rapidamente, ao Norte de África todos os reforços que lhe era possível distrair para aquela frente de batalha. Esta circunstância veio a ter uma influência preponderante no decurso ulterior da batalha. Mas o comando britânico ignorava a natureza e a qualidade dos reforços chegados e essa ignorância constituiu o elemento essencial, que Rommel aproveitou para realizar mais uma das suas surpresas táticas no deserto que haviam de contribuir, bastante mais do que as suas derrotas anteriores, para criarem, à volta do seu nome uma atmosfera de respeito e admiração que excedeu o âmbito dos meios militares e se tornou popular.

### O CONTRA-ATAQUE DE ROMMEL

Uma semana depois de ter parado em El Agheila, o comandante das forças do Eixo estava em condições de iniciar uma contra ofensiva de envergadura. Mais do que a quantidade e a qualidade dos reforços recebidos, era com o efeito de surpresa a produzir sobre o adversário que Rommel contava para conduzir a bom termo a sua iniciativa. Foi isso, de resto, que efectivamente aconteceu.

O comando britânico considerava que o prazo dum semana, a semana decorrida entre 14 e 21 de Janeiro, era insuficiente para reagrupar forças, enquadrar reforços recémchegados e colocar em condições de servir todo o material recebido. Além disso, era opinião corrente nos meios aliados que a aviação do Eixo não estava em condições de distrair, para o Norte de África, o número de esquadrilhas indispensável a levar a bom termo qualquer contra-ofensiva de envergadura.

Os acontecimentos demonstraram, rapidamente, que todos estes cálculos se fundamentavam em suposições erradas. Rommel contra atacou, a partir de 21 de



Na Líbia, a luta era dura e reclamava a solução de problemas graves. A falta de água, por exemplo, era o grande flagelo. Por isso, os técnicos que acompanhavam as tropas precisavam de se socorrer de medidas especiais para obter o líquido precioso.

Janeiro, e o melhor do seu êxito imediato deveu-se ao facto de os seus adversários suporem que era ainda duma acção de retardamento que se tratava, quando estavam em presença dum contra ataque de grande estilo.

Só quando a R. A. F. teve de defrontar poderosas formações da Luftwaffe, e as primeiras informações dêsse facto chegaram ao conhecimento do comando britânico, êste adquiriu a convicção de que se tratava duma iniciativa séria que só poderia ser defrontada pelo emprêgo imediato de poderosos meios materiais e de forças avultadas que teriam de ser trazidas, imediatamente, para o campo de batalha. Estas precauções não puderam ser, porém, tomadas com a rapidez necessária para evitar que Rommel prosseguisse e alcançasse a principal parte dos seus objectivos e preparar as condições para conduzir, no futuro, com êxito a sua grande campanha de verão.

## COMBATES CONFUSOS

Nos dias 23 e 24 de Janeiro registaram-se combates confusos entre forças blindadas dum e doutro lado. No triângulo Jedabia — Antelat — Sauna êsses combates assumiram proporções de extrema violência. A R. A. F. atacou, sem descanso, as colunas de tropas e os comboios de abastecimentos do inimigo. No ar desenrolaram-se, como em terra, combates duma grande intensidade. No seu conjunto a luta resultou em benefício do Eixo.

Os comunicados oficiais alemães e italianos, deram conta da destruição dum número muito elevado de carros blindados britânicos. Segundo a sua versão, o número de carros de combate britânicos destruídos elevava-se a 283. Com a sua destruição coincidia a apreensão de grande número de peças de artilharia num total, segundo os mesmos comunicados, de 127. Do lado inglês êstes números apareceram vigorosamente contestados, mas as notícias do Cairo não negavam que as perdas de material tinham sido particularmente avultadas.

Que se passara, efectivamente, durante êsses combates cujo resultado final vinha anular parte das vantagens conseguidas pela ofensiva vitoriosa do general Auchinleck? Mais uma vez a competência entre o material alemão e britânico se saldara a favor do primeiro. Esta conclusão inequívoca só não pôde ser completamente explorada pelo comando do Eixo, graças à actividade incansável da R. A. F. que diminuía a velocidade da progressão das três colunas blindadas que Rommel conseguira pôr em movimento, a partir de El Agheila.

A cortina defensiva britânica, constituída por tanques ligeiros, sofrera uma derrota incontestável. As linhas de comunicação que alimentavam a frente britânica, foram cortadas quando os carros alemães conseguiram alcançar a estrada Antelat-Msus.

Na tarde de 26, a vitória das forças blindadas alemãs parecia já incontestável e o comando britânico esforçava-se por diminuir a gravidade das suas conseqüências. Apesar dêsse contratempo os ingleses conservavam ainda com segurança a linha defensiva que, apoiada em Soluk, cobria a cidade de Benghazi, principal objectivo de Rommel.

## A ACÇÃO DAS TROPAS INDIANAS

No dia seguinte, 27 de Janeiro, a situação agravou-se sensivelmente para os ingleses. Rommel conseguiu pôr em acção um número inesperado de tanques.

O mau tempo prejudicou bastante a marcha das operações, mas o comando do Eixo prosseguiu na sua contra-ofensiva vigorosamente.

Uma das colunas blindadas britânicas seguiu a estrada costeira e desalojou das posições, em que se enrincheirara fortemente, a 7.ª brigada indiana. Uma outra coluna colaborava com a primeira na tarefa de dominar a resistência dos defensores da cidade. A defesa desta era, principalmente, assegurada pela 4.ª divisão indiana a cuja experiência e valor militar já tivemos ocasião de nos referir.

A 4.ª divisão indiana, em cuja acção o comando britânico tinha a maior confiança, tentou uma acção de envergadura para desalojar os alemães da estrada costeira. Essa acção malogrou-se. Em conseqüência disso, a posição da 4.ª divisão indiana, rodeada por forças do Eixo, numericamente superiores começou a tornar-se crítica. Foram os homens da 7.ª brigada que procuraram socorrê-los, empreendendo, para isso, uma marcha de cerca de duzentos e cinquenta quilómetros no deserto. A 4.ª divisão só conseguiu libertar-se completamente da pressão do inimigo nos primeiros dias de Fevereiro, depois duma série de combates renhidos em que, mais uma vez, teve ocasião de pôr à prova o seu valor militar.

No dia 28 esta fase da luta podia, porém, considerar-se terminada. O Quartel General do Cairo dava conta do que se passara num comunicado oficial onde podia ler-se o seguinte: «Durante sete dias colunas alemãs móveis operaram, com grande perícia e audácia, numa vasta frente entre El Agheila e Msus. O eixo do avanço era a estrada que liga estas duas localidades. Nesta fase da luta as dificuldades, causadas por chuvas excepcionais, deram aos combates um carácter disperso. As operações resumiram-se numa série de recontros entre colunas blindadas dos dois lados que se bateram com grande tenacidade. Explorando o seu êxito inicial, conseguido no dia 22, data em que as colunas do Eixo penetraram no nosso sistema defensivo e ocuparam Jedabia, as forças do Eixo retomaram a ofensiva nesta área. As forças do Eixo encontraram-se em Msus e as nossas colunas móveis ocupam uma linha que vai de Soluk às proximidades de Msus. No decurso das operações as nossas forças aéreas deram, de dia e de noite, uma cooperação magnífica destruindo muitos carros ao inimigo».

## AS TROPAS DO EIXO EM BENGHAZI

No dia seguinte um comunicado especial do Quartel General do Cairo, anunciava a entrada das tropas do Eixo em Benghazi que assim mudava, mais uma vez, de mãos. Rommel podia dizer que uma parte, pelo menos, dos seus objectivos fôra alcançada. Em recompensa dos serviços que acabava de prestar foi promovido ao posto de coronel general. Como se sabe a sua actividade posterior, e de maneira especial a forma por que conduziu a marcha das tropas do Eixo em direcção a Alexandria algum tempo depois, haviam de fazer com que lhe fôsse concedida a promoção ao posto de marechal do Exército alemão.

Mas a tomada de Benghazi, pouco tempo depois desta cidade ter caído em poder das forças britânicas, representava um acto de guerra de incontestável significado. Sobreretudo os ensinamentos colhidos durante a luta, e a que mais adiante nos referiremos com os necessários pormenores, eram de molde a valorizar a sua capacidade de iniciativa e a pôr em relêvo os seus dotes de imaginação. Esse conjunto de circunstâncias concorreu, como já dissemos, para lhe dar uma celebridade que excedeu em muito as fronteiras do seu país e no interior dêsse justificou posteriormente a sua escolha para o desempenho dos mais altos cargos

(Continua na pág. 30)





## EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

12,45	WRUS	30,9	WRUA	25,45	WKLJ	30,75		
13,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,56		
14,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	25,58	WBOS	10,7
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5		
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5		
19,45	WRUS	19,83	WRUA	26,9				
20,45								
a			(Mela hora de programa especial)					
21,15	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	25,3	WGEX	25,4
21,45	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	19,5	WGEX	25,4
22,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WRUL	25,58	WKLJ	30,77
23,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WKLJ	30,77		

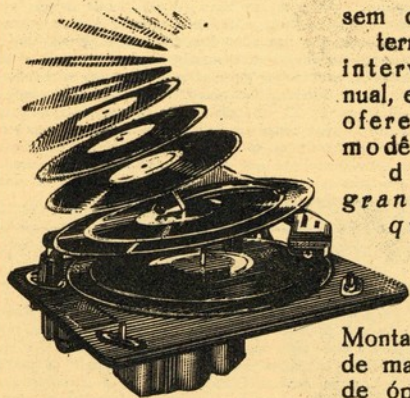
«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

### EMISSÕES DIÁRIAS

# OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA

## DISCOFONES AUTOMÁTICOS

45 minutos de música



sem qualquer interrupção ou intervenção manual, eis o que vos oferece o novo modelo para 8 discos grandes e pequenos.

Montado em caixas de madeira pulida de óptimo acabamento.

Peça uma demonstração nos

Est. Valentim de Carvalho

R. NOVA DO ALMADA, 97

## História triste dum homem alegre

(Continuação da pág. 32)

— Feriu-o?  
— Qual, homem! Se fôsse só ferir! Matou-o! Um golpe... zás! — e passou a mão de tópo sobre as carótidas — Hein?!

Mansinho teve um estremecimento brusco. As pernas fraquejaram-lhe, a tal ponto que se apoiou num braço da cadeira.

— Olhe que me cortou. Veja lá! — gritou o outro, alarmado.

— Não tem importância, senhor Bentes. — e, atrapalhadamente, procurava o álcool que aplicou sobre a pequena ferida, na qual borbulhava uma gotinha de sangue, muito vermelho, muito vivo.

— Você assistiu-me.  
Mansinho sorriu, azêdo. Não tinha importância. E murmurou para dentro, com ódio:

— Mau agouro.  
Era o primeiro lanho que dava, depois de vinte e cinco anos de trabalho. O resto do dia correu-lhe tórto, sempre com aquela bolinha de sangue diante dêle. Até que resolveu fechar a loja antes da hora. E fechou-a, praguejando:

— Quem vier que se amane! Que vá ao outro! Má raios! desde que aquele patife veio — e arremessava o punho para a casa em frente — ando com o azar à perna. Há bruxedo, olá se há! Mas eu...

O resto perdeu-se no estrondo que fêz ao trancar a porta. Depois, encostando uma mão à parede, deu dois passos e sentou-se planeando vinganças. Andavam-lhe rebulicando dentro aquelas partes anatómicas propensas a raias surdas e a índoles perversas. Mas a torneira pingava e a água caíndo no esmalte enchia o ar duma infinidade de sons, trocistas, irritantes, que se repetiam como um eco. Mansinho tapava os ouvidos, procurara debalde encontrar o fio condutor dos seus pensamentos. Qualquer coisa lhe roçou pelas pernas. Era o gato preto que tinha em casa — porque dá sorte, dizem. Então Mansinho não se pôde conter mais e atirou-lhe um pontapé:

— Vai-te p'ró diabo! — berrou furioso. — Parece que se reuniram todos para para dar cabo de mim! — E saiu-lhe um palavrão da boca.

De noite, teve sonhos monstruosos. Via pescôcos sangrentos e a êstes juntavam-se outros, magros papudos, formando rosários que se punham a dançar. E recordava-se que tinha tido aqueles pescôcos todos à sua mãe, que os apalara, que se tivesse querido bastava um gesto para enterrar nelas a sua navalha bem afiada. Intermitentemente, vinham-lhe à idéa aqueles grandes pedaços de carne pendurados nos talhos, com profundos rólros de gordura amarelada.

Ao romper do sol, levantou-se pálido e trémulo. Os galos cantavam. Lavou-se e a frescura da água fêz-lhe esquecer tudo. O pingo-pingo da torneira encheu-o de alegria. Baixou-se e acariciou o gato. Em seguida pegou no estôjo, tirou de dentro a navalha, passou carinhosamente o dêdo pelo fio e pôs-se a amolá-la, após o que pousou

na mesinha, tomou o pincel com sabão, ensabou o rosto e começou tranquilamente a barbear-se. Primeiro rapou as faces vagarosamente, depois repuxando a pele do queixo, entrou em seguir com a lâmina contra a inclinação do pêlo. Mas, ao dar com os olhos no seu pescôço escanzelado, sêco, o nó saliente, como uma bolota, a subir e a descer, teve um súbito horror a si próprio e, simultaneamente, voltou-lhe à memória o pesadêlo da noite. Tornou a ver os mesmos rosários ensangüentados, os mesmos pedaços de carne gordurosa, num rodopio que o entontecia. A isto juntou-se um mal estar inexplicável, um apêrto aflitivo no estômago. Perto deram horas. De novo, angustiadamente, fitou no espêlho a sua imagem apavorada e, então, num delírio, numa alucinação, como se lutasse com alguém, que não êle próprio, golpeou-se inadvertidamente no pescôço. Quando sentiu a dor, largou a navalha com um rouquejo e levou ambas as mãos, convulsivamente, à fentona, para estancar o sangue. Vagueou diante dos seus olhos, por momentos, a visão duma chaga aberta. Depois deu-lhe uma vertigem, segurou-se à cadeira, à parede, e tombou desamparadamente no chão.

Só deram por êle ao anoitecer. Estava já frio e rígido. Como não fizera testamento e não tinha herdeiros, distribuíram a sua modesta fortuna pelos pobres e casas de beneficência. Quanto ao recheio da loja, venderam-no em hasta pública. E aquela cadeira giratória, de maeta níquelado — uma das preciosidades da terra — foi arrematada por uma ninharia pelo barbeiro rival. O único, talvez, que lucrôo verdadeiramente com a morte de Mansinho...



**BRILHANTINA FLUIDA**  
**"MONTEGIL"**  
LUBRANTE E ONDULANTE

Superior às melhores  
A VENDA NAS BOAS CASAS



NOVIDADE

# URCAPIL

LOÇÃO PARA O CABELO À  
BASE DE SUCO DE URTIGAS!

DESTROI A CASPA! PÁRA A QUEDA DO CABELO! FAVORECE O CRESCIMENTO. ATRAZÁ O APARECIMENTO DOS CABELOS BRANCOS

Pedidos a **Paolo Cocco** Rua Andrade, 4, r/c.

## O lugar de honra

Um conto de TRISTAN BERNARD

**A**UGUSTO Jalin não é, precisamente, o que se chama um «novo rico». A sua fortuna, acrescida desde 1917, já era importante antes da guerra.

De um apartamento de trezentos francos mensais, mudou-se para as proximidades dos Campos Elíseos, com toda a sua tribo: os filhos já educados e a esposa coberta de pedras caras.

Adquiriu ali uma vivenda, pela qual pagou uma boa quantia. O negócio, entretanto, foi excelente, pois Augusto — a sua reputação estava feita — tinha sorte. Tudo quanto emprendia lhe saía às mil maravilhas.

Ele próprio tinha uma fé cega na sua sorte. Mas sabia, sobretudo, que ela repousava numa extrema pendência e numa séria e natural habilidade.

Todos os actos da sua vida serviram para alguma coisa. Não descuidava de nada.

Preparava nessa ocasião, um negócio importante, para o qual lhe era indispensável o concurso de Carlos Lecrain, o banqueiro.

Era nesses momentos, em que se achava em presença de um homem útil, que Jalin sentia despertar em si uma generosa sociabilidade.

Sentia-se feliz em convidar gente para jantar e em tratá-la bem. Experimentava uma satisfação sincera ao vê-la contente de viver.

No fundo, amava realmente a humanidade e o seu interesse não fazia mais que indicar-lhe aqueles dos seus semelhantes aos quais tratava de agradar.

Era preciso que o senhor Lecrain e sua esposa ficassem inteiramente contentes com aquela recepção. Não se tratava apenas de lhes oferecer um jantar suculento, mas de fazê-los comer em companhia de uma sociedade escolhida.

A família Jalin tinha entre os seus amigos um escultor bastante conhecido e um jovem compositor chegado já a essa zona de penumbra que não está longe da luz.

Mas era necessário um «número» feminino. Os Jalin pensaram na viúva de um sábio famoso. Conheceram-na por intermédio de amigos, que tinham, sem dúvida, relações estreitas com ela, uma vez que a tratavam pelo seu nome de baptismo: Genevieve. Teriam que convidar também esses amigos que, no caso, seriam figuras puramente decorativas.

Dois dias foram consagrados à questão, sempre tão grave, de estudar a distribuição dos lugares em que se collocariam os convidados.

A senhora de Jalin teria o banqueiro à sua direita e o escultor à esquerda.

Não ficava lugar de honra para o músico: como compensação, tratá-lo-iam com uma familiaridade afectuosa, como ao menino mimado da família.

Se bem que Genevieve fosse mais idosa do que a senhora Lecrain, e se sentava pela primeira vez à mesa dos Jalin, não a instalaram à direita do dono da casa, lugar que foi reservado para a esposa do banqueiro. Esta resolução foi, brutalmente, adoptada, com o desejo indomável de sacrificar tudo à susceptibilidade possível e à validade provável do senhor Lecrain e de sua esposa.

O jantar, excelente para os comensais, foi fastidioso, a partir do segundo prato, para o pobre Jalin, pois pensou, repentinamente, que tinha feito mal em conceder o melhor lugar à viúva do sábio célebre.

Começou a desconfiar que a honra que fazia à senhora Lecrain, podia ser considerada pelos demais convidados como uma adulação demasiado marcada.

E com tanto maior razão pensava assim, ao notar que o senhor Lecrain, sentado em face à viúva, dirigia a palavra, a miúdo, a essa dama com uma deferência visivelmente sentida.

— Não resta dúvida — pensava Jalin — que tive uma excelente ideia de os convidar a ambos. O senhor Lecrain, parece muito honrado de jantar com essa pessoa ilustre e eu menosprezei-a, não lhe tendo oferecido um lugar de honra.

O seu remorso e contrariedade, aumentaram sempre até o final do jantar.

Quando se passou ao saído, mostrava-se mediatubundo e triste, e muito longe de se achar em condições para falar com o senhor Lecrain sobre o negócio, cujo anjo pensou atirar-lhe.

Preocupava-se e muito com o que pensaria a seu respeito aquela ilustre senhora, desde que tinha notado: a impressão que ela causara no banqueiro.

Foi, então, que cometeu o erro de querer reparar a sua falta em matéria de etiqueta, pelo menos aos olhos de Genevieve.

— Creio, disse Jalin humilmente — que... por precipitação... cometi uma falta imperdoável... deviam ter convidado V. Ex.ª a sentar-se à minha direita. Talvez lhe tenha dado a impressão de um mal educado...

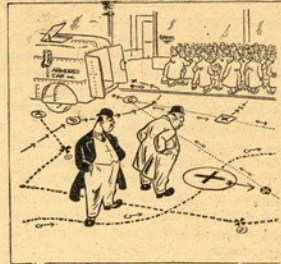
— Não senhor, atalhou Genevieve, não pense em tal. Acreditei simplesmente que o senhor era surdo.



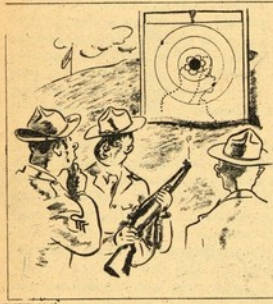
«A hora que passamos no parque todas as tardes, faz tanto bem ao Frederiquinho...»



«Agora já não nos escapal! Siga você o pé esquerdo, que eu seguirei o direito!»



«Parece um assalto premeditado, não achas?»



«...e isto é apenas um ligeiro esbôço».



«O Zeca, adiuinha lá o que é que o carteiro te trouxe hoje?»

## Graças de todo o mundo

### UMA ANEDOTA FRANCESA

Ela — Não encontro o meu guarda-chuva em parte alguma.

Ela — Ah!... Emprestei-o ontem ao pobre Charles... Estava a chover tanto, quando ele se foi embora.

Ela — Pronto!... Não mais veremos esse guarda-chuva, com toda a certeza.

Ela — Por Deus, não sejas tão pessimista...

Ela — Pois não... Calcula que eu pedira esse guarda-chuva emprestado ao Charles, há dois meses...

### UMA ANEDOTA ITALIANA

Certo jovem vai pedir a mão de certa jovem, filha dum homem riquíssimo. Este avisa logo, de má cadadura:

— O senhor pensa talvez que se casar com a minha filha, terá parte nos meus negócios e poderá herdar a minha fortuna, não é verdade?

Mas o pretendente esclarece, num sorriso amável:

— Não, de princípio não pretendo tanto... Desejo apenas algum dinheiro para o vestuário, para o calçado, para a alimentação... e para não ter quaisquer outras preocupações materiais...

### UMA ANEDOTA IRLANDESA

Um pai leva o filho a passear através dos campos e explica-lhe que todas as maravilhas da natureza são obras de Deus. Súbito, porém, um pardal suja-lhe o chapéu...

Então o garoto aponta:

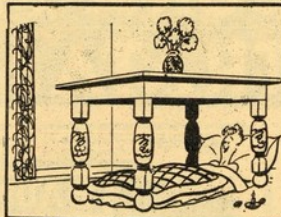
— Olhe... Já viu o que o passarinho fez?

E o pai imperturbável, continuando o discurso:

— Isto não é nada! Agradecemos a Deus não ter dado asas às vacas e aos burros...



«Então, que tal te parece seres o meu «primeto» marido?»

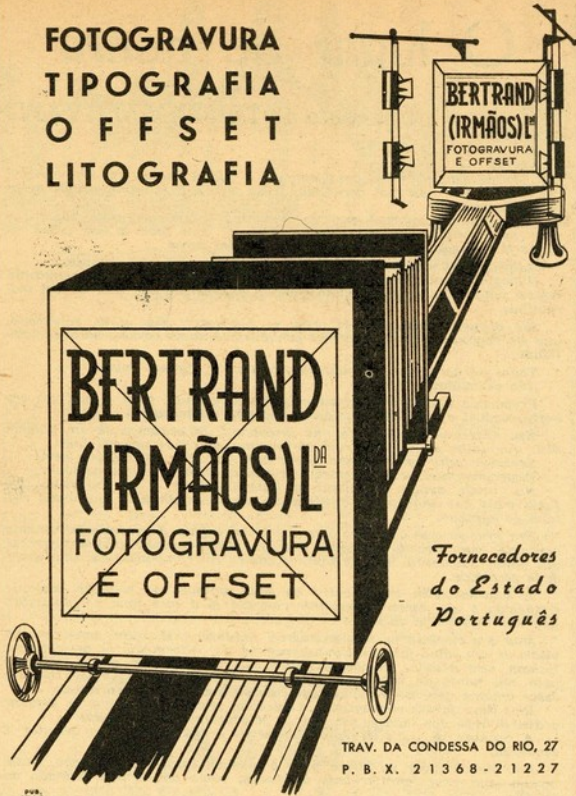


«Até que enfim, agora já não tenho medo dos ataques aéreos!»



— Mas que ciclista será este?  
— Parece que é parvo! Não vê que é um aparelho de minha invenção para apañhar «beatas»?

FOTOGRAVURA  
TIPOGRAFIA  
OFFSET  
LITOGRAFIA



Fornecedores  
do Estado  
Português

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27  
P. B. X. 21368-2127

# HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 27)

militares apesar de ser, no posto elevado a que fôra promovido, um dos oficiais mais novos.

De momento, porém, estes resultados pareciam bastar para satisfazer as suas aspirações. Essa foi, certamente, uma das razões por que êle não levou mais longe o empreendimento que iniciara com fidelidade detendo-se na região de Msus e aguardando que as circunstâncias lhe permitissem tomar de novo a iniciativa e em condições decisivas.

## OPERAÇÕES MENORES NA LÍBIA

Entretanto, noutros pontos do território da Líbia desenvolviam-se outras operações que, embora de menor significado militar, não deixaram, mais tarde, de ter uma influência apreciável na marcha dos acontecimentos que se estavam desenrolando no Norte de África.

Notícias do Cairo anunciaram que, nos primeiros dias de Março, uma pequena força de franceses livres, que partira do Tchad, conseguira, depois duma extensa marcha no deserto, atingir os postos italianos no sul da Líbia aprisionando as guarnições de três dêles, o mais importante dos quais era o de Fezzan e tomando posse de dois aeródromos que os italianos igualmente haviam construído naquela região.

O objectivo d'êste «raid» audacioso era preventivo e visava a impedir que as forças italianas pudessem interferir com as linhas de comunicação estabelecidas no território que adherira à causa do general De Gaulle. Esse território desempenhava, no conjunto da estratégia das Nações Unidas, um papel primordial pois era através dêle que ia construir-se o sistema de comunicações que devia permitir ao material americano, destinado ao Próximo Oriente e ao Egipto, atingir o seu destino.

Os franceses livres eram comandados pelo coronel, depois general, Leclerc, e fizeram, através do deserto, um percurso de mais de mil e quinhentos quilómetros para realizarem os objectivos que lhes haviam sido assignados. Mas pode dizer-se que, com o «raid» preventivo dos homens de Leclerc, um oficial que desde a primeira hora se recusara a aceitar a derrota do seu país como irremediável, se criaram as condições que haviam de permitir ao comando aliado realizar uma grande parte dos seus projectos de reabastecimento das forças que estacionavam no Próximo Oriente e no Norte de África. Sem isso, o êxito posterior das Nações Unidas não teria sido conseguido, nem com tanta facilidade, nem com tão pequenas perdas em vidas e em material de toda a espécie.

(Continua)

LEIA TODOS OS SÁBADOS

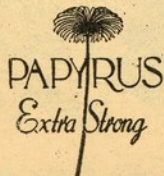
## VIDA MUNDIAL

Um jornal que vale  
por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo

## PAPYRUS

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas



À venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:

**Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)**  
Rua dos Correiros, 70  
LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854



## PASTA MEDICINAL

# Couto

**CURA** estomatites  
**TRATA** as doenças da boca

composição: Mentolum 8 grs. — Methylum Salicylicum 8 grs.  
Lanolinum Anhydricum 16 grs.



**Dr. BENGUE**, Farmacêutico de 1ª classe  
pela Faculdade de Paris

**O mais antigo Analgésico  
de resultados seguros**

Um medicamento que deve existir em todas as casas.  
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

# ★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

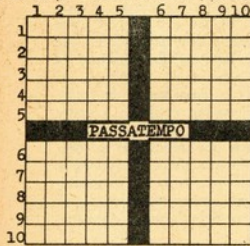
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 27

Por Jorge Pessoa Pereira (Lisboa)



ENUNCIADO

**HORIZONTAIS:** 1) Lugar em que se guardam as concubinas de um sultão; elimina. 2) Ponho termo a; óleo fixo natural. 3) Cercar de valas; põem em versos rimados. 4) Procede; torno mais vivo. 5) Rasteiros; pouco espessos. 6) Distintivo; calor da atmosfera. 7) Correr velocemente; antigo cubo de guerra. 8) Varre; dividem em lotes. 9) Fechal; irritada. 10) Que são de bronze; superfícies lisas e horizontais.

**VERTICAIS:** 1) Receber; cevada que se faz germinar e secar e que serve para a cerveja. 2) Estende no chão; preparar. 3) Trituras; se para em pedaços. 4) Madeira escura e resistente; galo capado. 5) Resides; lavrais. 6) Tingir; liga de chumbo e estanho, feita na China. 7) Oliveira; ame muito. 8) Adquirir de novo; caixa de folha de ferro. 9) Soava; o mlar de muitos gatos. 10) Benignos; pessoas.

PROBLEMA N.º 26

Solução

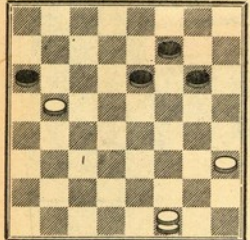
**HORIZONTAIS:** 1) Em. 2) Tuas. 3) Parras. 4) Motórios. 5) Ri; opas; el. 6) Sara; ar, anis. 7) Catana; alteal. 8) Apanho; inanir. 9) Oito; ca; aras. 10) Se; alpo; al. 11) Santarém. 12) Soares. 13) Sias. 14) Si.

**VERTICAIS:** 1) Cá. 2) Sapo. 3) Ratais. 4) Mirantes. 5) Po; anho; as. 6) Tato; ao; anos. 7) Europa; citais. 8) Marrar; aparal. 9) Sais; ai; ores. 10) Só; aluar; és. 11) Santaram. 12) Llenal. 13) Sais. 14) Ir.

## DAMAS

FINAL DE JOGO N.º 6 (Concurso)

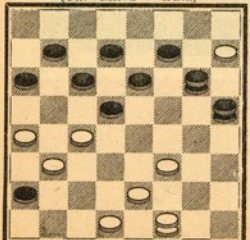
Por Luis António David (Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 27 (Concurso)

Por E. Oliveira Aguiar (Carvalhos — Gafá)



Jogam as brancas e ganham.

JOGO N.º 4

(Estrangeiro)

Este jogo efectuou-se no Clube de Las Palmas, em 11 de Agosto de 1943.

Abertura: 2-2 = Paralela.

Branças: Joacn Concepcion.

Pretas: Ramón Rodriguez.

12-15 (a) 1.º 23-20 (b)

10-14 (c) 2.º 22-18

5-10 3.º 20-16

Com estas e com as jogadas que se seguem até à 9.ª entra-se na abertura 5-5, a que Cecina chama saída 7.ª:

1-5 4.º 27-22

14-19 5.º 21-17

10-14 6.º 25-21

5-10 7.º 30-27

10-13 (d) 8.º 17-10

6-13 9.º 24-20

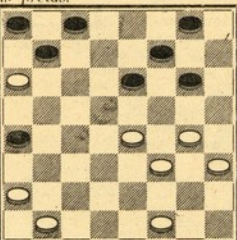
Esta jogada parece-nos fraca, pois ganhava-se de certeza como demonstra Cecina com 27-23; 13-17; 16-12; 7-16; 24-20; 8-24; 22-6; 3-10; 18-11; 8-12; 23-19; 10-13; 19-14; 16-20; 14-10 e fazendo «damas» em 3.º devem ganhar as pretas.

15-24 10.º 22-6

3-10 11.º 18-11

7-14 12.º 27-22

Posição do jogo ao 12.º lance das pretas:



2-5 (e) 13.º 22-19

14-23 14.º 28-19

4-7 15.º 26-22

13-17 16.º 29-26

7-11 17.º 16-12

8-15 18.º 19-12

11-15 19.º 12-7

15-20 20.º 32-28

10-14 21.º 7-4 (D)

14-18 22.º 21-14

As brancas abandonam.

(a) Esta saída é chamada pelos técnicos ingleses *double corner*, e pelos italianos a paralela, porque as brancas tendem a desenvolver seu jogo pela paralela que forma as linhas 4-25 e 8-29, a que nós chamamos o 2.º circuito. Há duas formas de paralela, a da saída e a de defesa quando as pretas jogam 21-18 a que os ingleses chamam *second double corner*.

A saída inicial 12-15 identifica a paralela. A teoria moderna considera esta abertura como boa, segura e a mais apropriada para evitar ou prevenir os *tiros* e as formações de ataque no jogo.

Abertura, portanto, prudente, porém não forte. Em ordem de força se pode considerar em 3.º lugar «ex-aequo» com a chamada *Kelso* (prolongamento da diagonal) e da «Meta».

O crítico inglês Teschelt observa aguilamente que esta abertura, como todas as outras, pode transformar-se em forte contra um adversário que não esteja muito habituado com ela; porém, contra um que a conheça bem nada mais pode produzir que um jogo igual. Um empate é, pois, um resultado aceitável.

Toda a teoria moderna está de acordo com este juízo.

Em contrapartida, a teoria antiga era de opinião diferente. Isto, disse L. Avigliano, não nos deve surpreender. Habitados como estavam a considerar a vitória como o resultado infalível de determinadas aberturas, ela devia considerar, por consequência, todas as outras como perdas, e assim se acreditava poder ensinar por que via se ganhava e porque via se perdia. Na realidade, não ensina-

vam mais que o caminho do erro. Grande erro que durou três séculos, que decorreram desde Canalejas e Cecina a Lancel! Excluímos deste ciclo a Sturges.

(b) Esta maneira súbita de ir até aos lados do tabuleiro na defesa, se não é débil aqui, pelo menos não é a melhor jogada. Sem dúvida é cauteloso ou prudente, porém não é enérgico. Um crítico inglês é de opinião que esta jogada não está suficientemente estudada pela teoria. L. Avigliano crê que poderá ser a melhor.

(c) Aqui era melhor 10-13, porque serve para atacar a Meta (casa 15).

(d) Este é o momento crítico e as brancas jogam a pior, o que acarreta a sua perda infalível. Era preferível jogar 8-12, perdendo uma pedra, seguindo a teoria do triângulo.

(e) Muito mal; 2-6 era melhor. Agora já a partida está facilmente ganha pelas pretas.

PROBLEMA N.º 24 (Concurso)

Solução

28-23 19-22 11-15 9-13

26-17 27-18 20-11 16-27

13-31 ganham.

P.

PROBLEMA N.º 25 (Concurso)

Solução

11-18 2-5 21-16 24-6

6-27 22-13 30-21 3-10

5-14-23-30 (D) 30-17-10-32

32-23 P. g.

P.

PROBLEMA N.º 26 (Concurso)

Solução

8-12 12-15 6-15 3-7

30-17 19-22 17-6-20 23-1

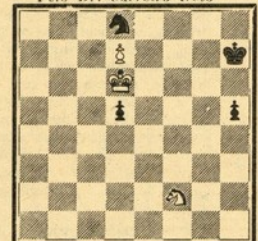
7-16-23-32 ganham.

P.

## XADREZ

ESTUDO

Pelo Dr. Carrero Neto



As brancas jogam e ganham.

ESTUDO (V. de Barbieri)

(Publicado em 4/5/1944)

Solução

1. gxf7, Tf6! (se 1... Re7; 2. Cf5+, Rxf7; 3. Cxd6+ e empate); 2. h6!, (se 2... f8=D; Txf8; 3. Ce6+, Re7; 4. Cxf8, Rxf8; 5. f5, Bd2!; 6. Rg6, Rg8; 7. h6, Bxh6 e ganha) 2... gxf6; 3. f8=D+, Txf8; 4. Ce6+, Re7; 5. Cxf8, Rxf8; 6. R-f3-g2-h1 e empate.

## CHARADAS

AFERESADAS

1) A Humanidade tem andado arredada dos homens, neste tempo difícil. — 3-2.

Lisboa Teimar

2) Difícilmente se esquecem os pesares. — 3-2.

Lisboa Teimar

Sorte e pouca sorte do Ventura...  
Por ZÉCO



— Ah, se a menina Purificação quisesse, nós seríamos muito felizes. Bastava dizer que sim... Eu bem sei que não sou bonito. Mas, que adianta a beleza se dura tão pouco...

— Sim, o senhor Ventura tem razão, mas a fealdade dura toda a vida...



— Agora que estamos sós, que faria se lhe desse um beijo?...

— Geralmente grito, mas hoje não o posso fazer, senhor Ventura, porque estou «afónica»...

# História triste dum homem alegre

Por HUBERTO DE ÁVILA

Ilustração de RUDY

— Pois é verdade...

Isto dizia sempre o Mansinho, barbeiro, quando começava a afiar a navalha. Dita aquela espécie de saudação, relanceava os olhos pelo auditório composto, quasi sempre, de dois ou três sujeitos, barbudos e pachorrentos, que esperavam a altura de se irem sentar na cadeira giratória, de metal niquelado — uma das raras preciosidades da terra.

Depois, ajeitava a cabeça do paciente, dava-lhe uma nova ensaboadela, e lançava esta frase suprema:

— Então que novidades temos, meus senhores?

E a conversa entabulava-se. Falavam nas vinhas, no calor que fazia e não se passava disto. Uma só vez a cavaqueira perdera o tom ameno, e foi quando da vinda dum pronto-socorro, no vinho em fôlha, para os bombeiros. A notícia correu por cinco léguas em redor, e fez desmaiar as beatas da aldeia que tinha muito medo de Satanaz, mas mais ainda da civilização. A quem andava luzindo o olho de contentamento era o chefe dos bombeiros e, ao começar a escahoar, interrompia a conversa com uma pergunta:

— Que tal? Magoo-o?

Estas palavras eram sacramentais. Alguns minutos, e dizia:

— Está aí não tarda nada, mas é com a cara que nem uma sêda.

E, valha a verdade, Mansinho era bom barbeiro. De resto, êle era bom em tudo.

Tinha fama de ter acumulado um pecúlio-zito. Murmuravam as más línguas, que conseguira isto mercê da sua sovინice. «Talvez por ser solteiro», pensavam os que tinham mulher e filhos a sustentar. Mas êle fazia-se surdo aos comentários e continuava na sua vida. Já completara os cinquenta anos. Alto, magro, envergando sempre um fato de cotim cinzento e, por cima do fato, a bata branca do ofício, cabêlo cortado à escovinha e grandes bigodes grisalhos, tal era mais ou menos como êle se via, quando de manhã limpava do pó o espêlho da lojeca. O seu único desgosto provinha da cara picada das bexigas, das bexigas negras, que tivera em pequeno.

Mansinho era alegre. Quando lhe falavam de mulheres, dava uma palmada na côxa e exclamava rindo:

— Isso é a grossa perdição!

A perdição dêle estava no seu espirito extremamente sugestivo. Além disso, tinha alucinações de tempos a tempos. Uma vez acordara absolutamente convencido de ser êle o assassino duma pobre velha, cujo cadáver fóra encontrado numa ravina, a alguns quilómetros dali.

Depois de ter lido os jornais que relatavam o crime, ocorreu, alarmado a entregar-se à prisão. Chorava como uma criança.

E esclarecido o caso, puseram-no em liberdade. A custo se acreditou na sua inocência. Mas isto acontecera havia muitos anos e tudo esquece...

Continuara a fazer barbas todos os dias. A sua loja era apenas um quatinho estreito, de paredes verdes com largas manchas de umidade, o tecto entabulado sustido por dois grossos barretes correndo ao comprimento da casa, dos quais pendiam duas lâmpadas pintalgadas das môscas. Um banco comprido encostado à pa-

rede, onde a freguesia aguardava a sua vez, a cadeira do ofício, um espêlho grande em frente e ao lado uma mesinha de madeira com prateleiras cheias de boiões, pentes, escôvas e demais bujurgangas, afora uma torneira, cuja canalização se rompia de mês a mês e, por debaixo, uma bacia de esmalte presa a um varão de ferro — eis a loja do Mansinho. Como não existia outra na terra, o negócio mantinha-se. Nos dias da semana a clientela era pouca; ao domingo é que não havia mãos a medir.

Com a prática, Mansinho aprendera a distinguir várias espécies de barba. Sabia, por exemplo, que em geral a prêta é mais rijá do que a castanha. As particularidades de cada uma também não lhe ofereciam dúvida. Pode-se dizer que conhecia os homens pela barba. Por outro lado, Mansinho gostava de os fazer falar. E, se já os conhecia pela barba, passava a conhecê-los por dentro. Assim conseguiu arranjar uma filozofiazinha, lá dêle, para seu uso particular.

Mansinho ouvia e calava. Calava é força de expressão, porque êle era um falador incorrigível. Quando não tinha com quem conversar, conversava consigo próprio. O que mais o satisfazia, e alegrava, era espantar os circunstantes, contando-lhes os seus sonhos. E tinha-os sempre novos. Coisa extraordinária! Com a idade a que chegara, Mansinho sonhava tôdas as noites! Começava, precisamente, quando o número dos ouvintes não o envergonhava pela pouquidade. Então, enquanto espumava sabão nas bochechas hirsutas dalgum campônio, vivava-se para os outros, fazia um gesto largo, e dizia:

— Querem saber, meus senhores, o que eu sonhei hoje?

E punha-se a contar:

— Eu já não me lembro bem...

Isto era, talvez, modéstia do narrador.

Certa noite, havia sonhado que em sua volta se fizera uma escuridão medonha.

— ...escuro que nem breu. —

repetia— Não se via um palmo

adiante do nariz. De repente, não sei como, dei por mim... Pois é

verdade. Calculem que me trans-

portavam num carrinho de mão,

com uma velocidade fantástica. Ia

deitado num monte de moedas de

ouro, como num trono. As mi-

nhas mãos enteravam-se em tanto

dinheiro, remexiam-no com uma

agitação febril. As moedas lan-

çavam reflexos amarelos, sem que

eu percebesse donde vinha a luz,

que se refletia nelas. E sabem

quem é que puxava o carrinho?

Quem puxava o...? Ora adivi-

nhem!

E suspendia-se, com os olhos

cheios de animação.

— Não adivinham?... O diabo!

Era o diabo, que me puxava!

Eh! Eh! O diabo! — explicava,

triumfantemente.

Um dia, porém, tôda a sua

alegria se esvaíu como o fumo.

Rancorosamente viu abrir, quasi

em frente, uma outra barbearia.

Desde êsse dia, tornou-se ma-

cambúzio, abatido, descuidava-se

no serviço, regougava:

— Que mania que tem esta gente nova de fazer sombra aos velhos!

Aos seus antigos freguêses bramia, traçando com a navalha repetidos círculos que abrangiam a cara do competidor:

— Ainda o hei-de matar. Hei-de matá-lo, hei-de!

Mansinho já não era o mesmo. O rôsto tornara-se-lhe amarelo, o que fazia sobressair mais os sinais das bexigas. Às vezes, num desfôrço, fingindo que a pulia, rodopiava com ruído a cadeira giratória, o seu orgulho, só para que o outro a visse bem. Sempre que se lhe asava ocasião, caluniava-o o mais possível. Mas não conseguia derrubá-lo. A nova barbearia, branca, aseada, prosperava, ao passo que êle tinha que se contentar com a meia-dúzia de velhotes que lá iam pela cavaqueira habitual. Este declinar da sua glória levava-lhe a paciência. Ruminava sornatamente semi-palavras ensalivadas de ameaças. E, o que era assustador, começou a andar inquieto.

Ora numa tarde em que Mansinho se despetitorara de todo o fel que tinha ao vizinho e se sentia mais aliviado por isso, um homenzinho barrigudo, a quem estava rapando o pescoço, ergueu o rôsto meio barbeado e disse-lhe, num riso frouxo:

— Isto faz-me lembrar... Você lê os jornais, ó Mansinho?

— Eu? não, não leio — replicou, enquanto lhe esticava a pele cuidadosamente, com os dedos polegar e indicador da mão esquerda.

— Ah! É que... por você me estar a rapar o pescoço... Lembrei-me duma notícia que li no outro dia. Não ouviu falar?

— Não, senhor Bentes.

O senhor Bentes contou:

— Imagine você que um barbeiro, lá não sei onde, teve um ataque de loucura no momento em que fazia a barba a um freguês...

(Continua na pág. 28)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LÍMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 89, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 2-5844